UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SABRINA CORREIA MEDEIROS

O /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS FALADO PELOS LATUNDÊ (NAMBIKWARA DO NORTE)

RECIFE
2023

SABRINA CORREIA MEDEIROS

O /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS FALADO PELOS LATUNDÊ (NAMBIKWARA DO NORTE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Letras. Área de concentração: Linguística.

Orientador (a): Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva (UFDPar/ PPGL – UFPE)

Recife

2023

Catalogação na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

M488s Medeiros, Sabrina Correia
O /s/ pós-vocálico no Português falado pelos Latundê (Nambikwara do Norte) / Sabrina Correia Medeiros – Recife, 2023.
117f.: il., fig.

Sob orientação de Anderson Almeida da Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências.

1. Sociolinguística. 2. Fonética. 3. Fonologia. 4. Português Indígena. 5. Transferência Fonológica. 6. Contato Linguístico. I. Silva, Anderson Almeida da (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-187)

SABRINA CORREIA MEDEIROS

O /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS FALADO PELOS LATUNDÊ (NAMBIKWARA DO NORTE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Letras. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 14/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professor Doutor Anderson Almeida da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Professora Doutora Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima (Examinadora interna)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Professora Doutora Cláudia Roberta Tavares Silva (Examinadora externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedicado aos meus pais, Selma e Nildo, que sempre me apoiam em tudo que me proponho a fazer, serei eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

Eis aqui a realização de um sonho, uma trajetória conquistada com muito esforço, nervosismo, choro e paixão, colocar os substantivos dessa forma pode dar a impressão que sou masoquista, mas pode acreditar que o último contém mais força que os outros, foi a paixão por essa área, a Sociolinguística, que me moveu esse tempo todo, toda a lamúria vale a pena quando fazemos e estudamos o que gostamos, todos os erros praticados e repetidamente consertados, ou pelo menos tentou-se consertar, nos leva a olhar para nosso trabalho final, admirá-lo e a agradecer aos Céus por ter tido forças, discernimento e paciência para que ele se concretizasse, e é a Deus que faço meus primeiros agradecimentos, mesmo sendo uma filha rebelde, cética, complicada, teimosa e impaciente, no momento certo Ele me mostrou que a recompensa pelo meu esforço e paixão viriam.

Agradeço também e principalmente aos meus pais Selma e Nildo, e ao meu irmão Eduardo por estarem sempre ao meu lado me apoiando de todas as formas possíveis, desde o processo seletivo até agora. Lembro e tenho recordações de ver o resultado do processo seletivo com meu irmão e minha mãe ao meu lado, lembro de chorar e tê-los com rostos alegres, Eduardo me filmando chorando e minha mãe gritando pela casa: “Graças a Deus.” Meu pai soube quando chegou do trabalho para almoçar e também me recebeu com mil parabéns mesmo não sabendo ao certo do que se tratava. A eles tenho minha gratidão e amor eternamente, sem eles eu não teria esse ambiente aconchegante para estudar, me colocar para cima nos momentos tristes e compartilhar os momentos felizes.

Agradeço aos meus colegas de pós-graduação, Mailson, Geycylayne, Rodrigo, Rosyely, Luanda, Thiago, Layse e Jamilys por tornarem as aulas mais divertidas e proveitosas, e apesar de terem sido em formato online me senti muito bem acolhida, adoro cada um do jeitinho que são e espero um dia conhecê-los pessoalmente.

Agradeço à minha professora coorientadora Dra. Stella Telles por ter aceito me orientar, me sinto muito honrada por ter recebido diversos novos conhecimentos, corpus e material de um dos nomes mais renomados em Linguística Indígena no Brasil. Agradeço pelo acolhimento, paciência e cuidado durante as orientações e pela sabedoria compartilhada, espero poder conhece-la pessoalmente.

Agradeço ao meu professor orientador Dr. Anderson da Silva por ter aceitado ser meu orientador mesmo no final do processo e me acompanhar nos toques finais da dissertação.

Agradeço ao meu professor orientador da graduação Dr. Fernando Oliveira por ter me incentivado a alçar voos mais altos, sem seu apoio, partilha de conhecimento e conselhos sei que eu não conseguiria ter discernimento e gosto por essa área maravilhosa que é a Sociolinguística, graças a ele conheci minha paixão dentro do meio acadêmico.

“Coragem não é a ausência do medo, é continuar mesmo estando com ele.” (Good Doctor, 2013)

RESUMO

Esse trabalho tem por finalidade analisar o comportamento do /S/ em coda silábica na fala de indígenas bilíngues do Latundê enquanto L1 e do Português enquanto L2, que habitam a Terra Indígena Tubarão-Latundê, localizada no Estado de Rondônia. Está pesquisa se fundamenta nos pressupostos do Contato Linguístico e do Bilinguismo (THOMASON, 2001; ROMAINE, 1995; WEINREICH,1953; MATRAS, 2010; HICKEY, 2010, entre outros), verificando o fenômeno de transferência fonológica de uma língua para outra. A escolha do tema decorreu da hipótese de que a não existência de fonemas sibilantes em vida silábica no Latundê interferiria na produção das coda /S/ no português de segunda língua. Na análise, observamos que o comportamento dessa coda nos dados disponíveis, considerando condicionantes linguísticas e sociais. O corpus foi constituído a partir de gravações realizadas entre 1995 e 2016. A análise foi de natureza qualitativa, e os dados fonéticos foram submetidos ao software Praat, para confirmação da percepção de oitiva. Como resultado de nossa análise, frente ao comportamento da coda fricativa sibilante, os seguintes fenômenos foram atestados: apagamento do /S/ em coda silábica, com ocorrência mais frequente, seguido da realização da fricativa alveolar surda [s]. Além desses fenômenos, ocorreram, em menor frequência, a realização da alveolar sonora [z], da palatal surda [ʃ], da palatal sonora [ʒ], da glotal surda [h] e da glotal sonora [ɦ], sendo os fones sonoros raros no corpus. Os fenômenos analisados foram confrontadas com estudos sociolinguística os sobre o fenômeno no Português como L1, para cotejarmos as restrições relevantes e avaliarmos o papel da interferência do Latundê no português indígena. Diante dos achados da pesquisa, consideramos que a interferência é responsável pelo apagamento do /S/; que a produção da coda como segmento fricativo alveolar surdo [s], ao lado das suas contrapartes sonoras e palatais, bem como das florais surda e sonora, embora coincida em alguns aspectos, não obedece largamente às condicionantes observadas no português L1. Tal comportamento, confirma também a ocorrência da interferência da L1 na L2, decorrente do contato linguístico vivenciado pelo povo Latundê.

Palavras-chave: Sociolinguística, Fonética/Fonologia, Português Indígena, Transferência Fonológica, Contato Linguístico.

ABSTRACT

This work aims to analyze the behavior of /S/ in syllabic coda in the speech of bilingual indigenous people of Latundê as L1 and Portuguese as L2, who inhabit the Indigenous Terra Tubarão-Latundê, located in the State of Rondônia. This research is based on the assumptions of Linguistic Contact and Bilingualism (THOMASON, 2001; ROMAINE, 1995; WEINREICH,1953; MATRAS, 2010; HICKEY, 2010, among others), verifying the phenomenon of phonological transfer from one language to another. The choice of theme resulted from the hypothesis that the non-existence of sibilant phonemes in syllabic life in Latundê would interfere with the production of the coda /S/ in Portuguese as a second language. In the analysis, we observed that the behavior of this coda in the available data, considering linguistic and social conditions. The corpus was constituted from recordings made between 1995 and 2016. The analysis was of a qualitative nature, and the phonetic data were submitted to the Praat software, to confirm the hearing perception. As a result of our analysis, in view of the behavior of the sibilant fricative coda, the following phenomena were attested: deletion of /S/ in a syllabic coda, with more frequent occurrence, followed by the realization of the voiceless alveolar fricative [s]. In addition to these phenomena, the realization of voiced alveolar [z], voiceless palatal [ʃ], voiced palate [ʒ], voiceless glottal [h] and voiced glottal [ɦ] occurred, in addition to these phenomena. rare sounds in the corpus. The phenomena analyzed were confronted with sociolinguistic studies on the phenomenon in portuguese as L1, in order to compare relevant restrictions and assess the role of Latundê interference in indigenous portuguese. In view of the research findings, we consider that the interference is responsible for the deletion of /S/; that the production of the coda as a voiceless alveolar fricative segment [s], alongside its voiced and palatal counterparts, as well as voiced and voiceless florals, although coinciding in some respects, does not largely obey the constraints observed in Portuguese L1. Such behavior also confirms the occurrence of interference of the L1 in the L2, resulting from the linguistic contact experienced by the Latundê people.

Keywords: Sociolinguistics, Phonetics/Phonology, Indigenous Portuguese, Phonological Transfer, Linguistic Contact.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**12**
2	**OBJETIVOS**	**16**
2.1	OBJETIVO GERAL	16
2.2	OBJETIVOS ESPECIFÍCOS	16
3	**A SÍLABA EM LÍNGUAS NAMBIKWARA DO NORTE E NO PORTUGUÊS**	**17**
3.1	SÍLABA	17
3.2	A SÍLABA NAS LÍNGUA NAMBIKWARA DO NORTE	20
3.3	A SÍLABA NO PORTUGUÊS	23
4	**PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**	**26**
4.1	LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO	26
4.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4.2.1	**Variáveis em estudo**	**35**
4.2.1.1	Variáveis linguísticas	35
4.2.1.1.1	*Posição da sílaba*	*35*
4.2.1.1.2	*Contexto fonológico antecedente*	*36*
4.2.1.1.3	*Contexto fonológico seguinte*	*36*
4.2.1.1.4	*Voz*	*37*
4.2.1.1.5	*Classe de palavras*	*37*
4.2.1.1.6	*Extensão do vocábulo*	*37*
4.2.1.2	Variáveis extralinguísticas	38
4.2.1.2.1	*Sexo*	*38*
4.2.1.2.2	*Geração*	*38*
4.2.2	**Os sujeitos da pesquisa e sua constituição sócio-histórica**	**38**
4.2.2.1	Família Nambikwara	38
4.2.2.2	Povo Latundê	41
5	**ANÁLISE DOS DADOS**	**51**
5.1	ANÁLISE DO APAGAMENTO E DAS REALIZAÇÕES DE /S/ EM CODA SILÁBICA	52
5.1.1	**O apagamento do /S/ em coda silábica**	**52**

5.1.2 O aparecimento da fricativa alveolar surda [s] em coda silábica 67
5.1.3 O aparecimento da fricativa alveolar sonora [z] em coda silábica 77
5.1.4 O aparecimento da fricativa palatal surda [ʃ] em coda silábica 78
5.1.5 O aparecimento da fricativa palatal sonora [ʒ] em coda silábica 84
5.1.6 O aparecimento da fricativa glotal surda [h] em coda silábica 84
5.1.7 O aparecimento da fricativa glotal sonora [ɦ] em coda silábica 91
5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL “GERAÇÃO” 94
5.2.1 Geração pré-contato 95
5.2.2 Geração pós-contato 100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 107
REFERÊNCIAS 111

1 INTRODUÇÃO

Há uma crescente urgência por parte de linguistas e antropólogos acerca do estudo das línguas minoritárias, já que de acordo com Michael Krauss (1992, apud. EBERHARB, 2013) haverá uma possível perda imediata de 90% das línguas mundiais. A estimativa do processo atual de desaparecimento das línguas do mundo, segundo Simons e Lewis (2011, apud. EBERHARD, 2013) e Lewis et al (2013, apud. EBERHARD, 2013) é de 37%. Dentre elas, encontram-se as línguas indígenas brasileiras, a maioria das quais carece de documentação e estudos sistemáticos. Em relação ao Latundê, foram realizados os estudos sobre a gramática e a fonologia e em perspectiva sociolinguística, encontrados sobretudo em Telles (2002) e em Lippo (2019).

Baseado nos pressupostos do Contato Linguístico e do Bilinguismo (THOMASON, 2001; ROMAINE, 1995; WEINREICH,1953; MATRAS, 2010; HICKEY, 2010, entre outros), este estudo analisou o fenômeno da transferência fonológica no comportamento da fricativa /S/ pós-vocálica no Português de segunda língua (L2), o Português falado pelo grupo indígena Latundê, que habita a Terra Indígena Tubarão-Latundê, localizada no Estado de Rondônia.

O Latundê é uma língua indígena brasileira pertencente ao ramo Nambikwara do Norte, subgrupo da família linguística Nambikwara. Os indígenas são bilíngues em Latundê-Português, sendo que o contato com a Língua Portuguesa se deu apenas a partir do final da década de 1970, quando o grupo Latundê passou a interagir com a sociedade não indígena (AMORIM, 2015).

Estudos prévios sobre a língua Latundê (TELLES, 2002; AMORIM, 2015) relatam que o Latundê evita a coda na superfície da sílaba, desencadeando fenômenos como o alongamento compensatório (CLEMENTS e HUME, 1995), conforme pode ser verificado nas duas primeiras sílabas do seguinte exemplo:

a) [ˌnũ:.ˈhjũ:.te]
/nũh-jũʔ-te/ “nossos pés”
nosso-pé-sufixo nominal

Ao analisarmos o dado acima, observamos que as consoantes /h/ e /ʔ/ não se realizam na coda silábica, mas deixam seu tempo nas vogais nucleares, através do processo fonológico do alongamento compensatório. Verificamos ainda a ressilabação da coda fricativa que pertence à expressão de posse da primeira pessoa do plural, /nũh/, a qual passa à posição de *onset* da sílaba seguinte.

Amorim (2015) desenvolveu um estudo da interferência do Latundê no Português falado pelos indígenas, no qual descreveu diferentes fenômenos fonológicos, sob a perspectiva da marcação. Ao examinarmos os resultados da pesquisa de Amorim, verificamos que uma investigação do comportamento da fricativa pós-vocálica se constituiria como um tema relevante de análise devido à tendência do apagamento da coda no Latundê, já relatado, e, em particular à não existência da consoante fricativa /S/ na posição de coda nesta língua, em contraste com o Português, que tem a fricativa em coda, sendo ela muito frequente em seu léxico.[1]

Somado a isso, verificamos na pesquisa de Amorim (2015) que a fricativa /S/ em posição de coda na L2 dos Latundê sofre o apagamento em todas as palavras, conforme pode ser visto nos dados abaixo retirados do trabalho do autor:

b) [hipõ'dew] "respondeu"
[go'tozʊ] "gostoso"
[iˈtɛla] "Stella"

Com base no que foi apresentado acima, consideramos que o fenômeno frequente de apagamento da coda na língua Latundê pode ser transferido para o Português de segunda língua falado pelos indígenas. Diante desse fato, decorrente do contato linguístico, centramos nossa investigação no comportamento da fricativa /S/ em posição de coda e formulamos a seguinte pergunta de pesquisa:

- A não existência da fricativa /S/ pós-vocálica em posição de coda no Latundê promove o apagamento categórico dessa consoante em posição de coda no Português indígena?

[1] No Latundê, os segmentos que podem ocupar a posição da coda são /t, h, n, ʔ, j, w/. No Português, a coda pode ser preenchida pelas consoantes /R, S, l, N/ e as glides /j e w/.

Ao nos depararmos com a área de pesquisas relacionadas ao estudo das línguas indígenas, transferências e processos fonológicos vemos que o estudo em tela se coloca enquanto pioneiro de forma que não existem estudos relacionados a tais temáticas, dessa forma, o seguinte trabalho se põe enquanto relevante para o cenário da Sociolinguística abrindo espaço para outros trabalhos futuros que se aprofunde no estudo do Latundê e da transferência fonológica de elementos das línguas indígenas para o Português, assim se aprofundando no estudo das variantes indígenas do Português no Brasil.

O trabalho em tela foi motivado a partir do desejo de estudar o fenômeno das fricativas e o apagamento em coda silábica, depois de um tempo veio-nos o “desafio” de analisar tais variações no Português falado pelos indígenas Latundê, de modo que ao analisarmos os elementos postos em coda silábica nessa língua, tendem a ser reduzidos, com isso, nossa teoria se firma no pressuposto que o apagamento categórico do /S/ é válido na maioria dos casos, porém também iremos analisar quando a coda for preenchida.

Seguindo esse questionamento, o objetivo principal de nossa pesquisa é descrever o comportamento do /S/ pós-vocálico do português falado pelos Latundê, buscando investigar as condicionantes linguística e extralinguística que podem favorecer no apagamento da consoante /S/. Este estudo trata-se de uma pesquisa básica, de natureza descritiva. Seu método é indutivo, com uma abordagem qualitativa (LAKATOS; MARCONI, 1993).

Os dados do Português L2 utilizados nesta pesquisa foram disponibilizados pela pesquisadora Stella Telles, que desenvolveu sua coleta linguística *in loco,* entre os anos de 1995 e 2016. Na coleta, os dados foram gravados em formato digital, através do uso dos gravadores Minidisc da Sony e Tascam DR-05X. Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa correspondem a enunciados retirados de cinco arquivos de gravação de fala espontânea de indígenas agrupados em duas gerações (1ª geração: nascidos antes do contato com o Português e 2ª geração: nascidos após o contato). Dessa forma, teorizamos que o apagamento da coda silábica aconteça mais pela primeira geração. As gravações utilizadas somam um total de aproximadamente 5h e 50min.

Durante a escuta dos áudios, buscamos as ocorrências de palavras com coda fricativa e procedemos à extração sonora dos enunciados. Arquivamos os arquivos em formato WAV em pastas, com a identificação dos colaboradores, sendo dois da geração pré-contato e dois da geração pós-contato. Os dados foram transcritos de oitiva com base no IPA (Alfabeto Fonético Internacional). Submetemos os enunciados à verificação acústica, através da utilização do programa de análise fonética Praat, desenvolvido pelos professores Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã.

Para mapear a ocorrência da fricativa pós-vocálica nos dados, identificamos variáveis que poderiam influenciar ou condicionar sua ocorrência x ausência: variáveis internas ou linguísticas: posição da sílaba (medial e final), contexto precedente (vogais labiais [o, u, ɔ], vogais coronais [e, i, ɛ], vogal dorsal [a], semivogal coronal [j], semivogal labial [w] e nasal [ã, ẽ, ĩ, õ, ũ]); contexto seguinte (consoantes coronal anterior [t, d, n, l], labial [p, b, m, f, v], dorsal [k, g, h], vogais e glides; e ausência de contexto seguinte); vozeamento ([+voz], [-voz] e zero); classe de palavras (numeral, substantivo, advérbio, adjetivo, verbo e pronome), acento; e número de sílabas da palavra; e nas variáveis externas ou extralinguísticas: sexo (masculino e feminino) e geração (pré-contato e pós-contato).

O seguinte trabalho se estrutura da seguinte forma: o segundo capítulo se refere aos sujeitos da pesquisa, ou seja, à família Nambikwara e ao povo Latundê, onde se localizam, como vivem e informações gerais acerca deles, de modo que o capítulo caracteriza os sujeitos que foram entrevistados para a composição do corpus; no terceiro fala-se sobre os objetivos geral e específicos, o quarto capítulo aborda a sílaba em línguas Nambikwara do Norte e no Português, de forma que mostra a estruturação silábica dessas línguas, quais segmentos compõem cada posição da sílaba nas respectivas línguas e dentre outros fatores, no quinto capítulo referente aos pressupostos teóricos, debruça-se sobre línguas em contato e o bilinguismo, ou seja, sua relação, e em seguida, concepções relacionadas à sílaba; e no quinto faz-se uma análise do corpus expondo os casos de apagamento e o aparecimento das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, h, ɦ] e seus condicionantes numa perspectiva qualitativa.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a possível interferência do contato e do bilinguismo na transferência do comportamento do /S/ no Português falado pelos Latundê.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever fonologicamente o comportamento do /S/ em coda silábica através do estudo da sílaba.
- Observar qual posição silábica interfere na realização de tais variações.
- Constatar quais vogais do contexto fonológico antecedente influenciam a realização de tais variações.
- Verificar quais consoantes do contexto fonológico seguinte interferem na realização de tais variações.
- Averiguar qual contexto de vozeamento influencia o apagamento e a realização das fricativas.
- Observar quais classes de palavras interferem na realização de tais variações.
- Constatar o número de sílabas da palavra que influenciam na realização de tais variações.
- Identificar quais são os condicionantes extralinguísticos que influenciam no comportamento do /S/ em coda silábica abrangendo a geração e o sexo dos colaboradores.
- Realizar um estudo qualitativo acerca dos fenômenos que acontecem a partir do /S/ em coda silábica.

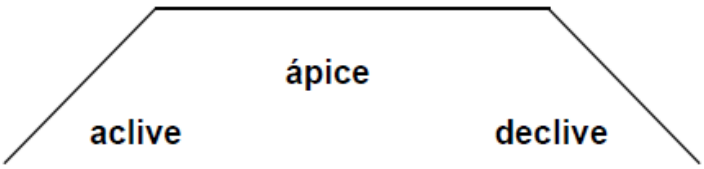
3 A SÍLABA EM LÍNGUAS NAMBIKWARA DO NORTE E NO PORTUGUÊS

Para analisarmos o fenômeno objeto de nosso estudo será necessário observamos o domínio da sílaba como constituinte relevante no qual se observam fenómenos fonológicos. Neste Capítulo apresentaremos a estrutura da sílaba das duas línguas envolvidas na pesquisa, o Latundê e o Português Brasileiro. No que diz respeito ao Latundê, para melhor fundamentar o conhecimento sobre essa língua, consideramos também o estatuto da sílaba em línguas irmãs, todas pertencentes ao ramo Nambikwara do Norte.

3.1 SÍLABA

A sílaba se constitui de um movimento de ascensão, de modo crescente e depois decrescente havendo um ápice na posição central. Ou seja, há um aclive, um ápice e um declive. Essa estrutura provoca um efeito auditivo, envolvendo força expiratória ou tensão muscular (MATTOSO CÂMARA JR, 1970):

Figura 1 - Estrutura silábica definida por Mattoso Câmara Jr. (adaptada por Collischonn, 2005)



Fonte: Marques (2008)

Um pouco mais tarde, e com os avanços teóricos operados no tempo, Blevins (1996) traz um conceito mais recente acerca da sílaba, que aprofunda a conceituação feita por Mattoso Câmara Jr:

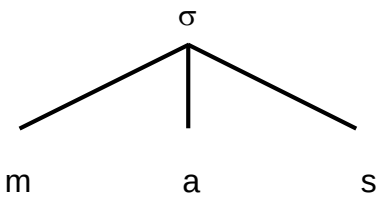
> What are syllables? Just as the feet of metrical theory supply rhythmic organization to phonological strings, syllables can be viewed as the structural units providing melodic organization to such strings. This melodic organization is based for the most part on the inherent sonority of phonological segments, where the sonority of a sound is roughly defined as its loudness relative to other sounds produced with the same input energy (i.e., with the same length, stress, pitch, velocity of airflow, muscular tension, etc.). Hence, melodic organization of a phonological string into syllables will result in a characteristic sonority profile: segments will be organized into rising and falling sonority

> sequences, with each sonority peak defining a unique syllable. The syllable then is the phonological unit which organizes segmental melodies in terms of sonority; syllabic segments are equivalent to sonority peaks within these organizational units.[2]

São muitos os estudos que desenvolveram propostas para a interpretação da sílaba. Aqui apresentaremos brevemente a proposta seminal de Kahn (1974), por ter sido a primeira a advogar uma ideia autossegmental para a sílaba, sendo que muitos trabalhos posteriores sobre a sílaba se apoiaram sua proposta e a proposta de Selkirk, que defende uma abordagem métrica, na qual a sílaba apresenta uma estrutura interna, sendo dividida internamente em unidades menores. Apesar da existência de diferentes propostas de análise para a sílaba, é consenso na Fonologia que a sílaba seja uma estrutura prosódica cujo domínio é de análise relevante nas línguas do mundo.

A estrutura da sílaba proposta por Kahn (1974, apud. Collischonn, 2001) segue abaixo apresentada. Como nessa proposta a sílaba não apresenta uma estrutura interna, os seus constituintes são ligados ao nó silábico, sem níveis intermediários.

Figura 2 - A sílaba segundo Kahn (1974)

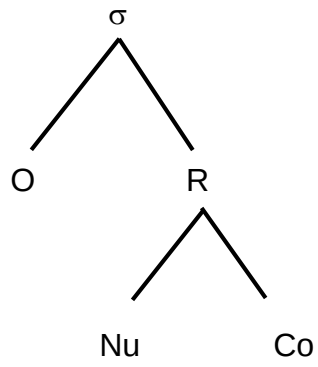


Fonte: Collischonn (2001)

[2] O que são sílabas? Assim como os pés da teoria métrica fornecem organização rítmica às sequências fonológicas, as sílabas podem ser vistas como as unidades estruturais que fornecem organização melódica a essas sequências. Essa organização melódica baseia-se, em grande parte, na sonoridade inerente dos segmentos fonológicos, em que a sonoridade de um som é aproximadamente definida como sua intensidade em relação a outros sons produzidos com a mesma energia de entrada (ou seja, com a mesma duração, acento, tom, velocidade do fluxo de ar, tensão muscular, etc.). 3 Assim, a organização melódica de uma sequência fonológica em sílabas resultará em uma sonoridade característica: segmentos serão organizados em sequências de sonoridade ascendente e descendente, com cada pico de sonoridade definindo uma única sílaba. A sílaba então é a unidade fonológica que organiza melodias segmentais em termos de sonoridade; segmentos silábicos são equivalentes a picos de sonoridade dentro dessas unidades organizacionais.

Na proposta de Selkirk (1982), cuja estrutura segue baixo na Figura 8, o onset e a rima são ligados ao nó silábico, e a rima é ramificada em núcleo (constituinte obrigatório):

Figura 3 - A sílaba segundo Selkirk (1982)



Fonte: Pedrosa e Hora (2007)

Na proposta acima, a sílaba é constituída por um onset ou ataque (A) e por uma rima (R). A rima, por sua vez, é constituída pelo núcleo (Nu) e pela coda (Co), os quais têm uma relação mais estreita entre si. A coda, por sua vez é a parte mais débil da sílaba e é sujeita a variados processos fonológicos, incluindo o apagamento. (SELKIRK, 1982, apud. PEDROSA e HORA, 2007).

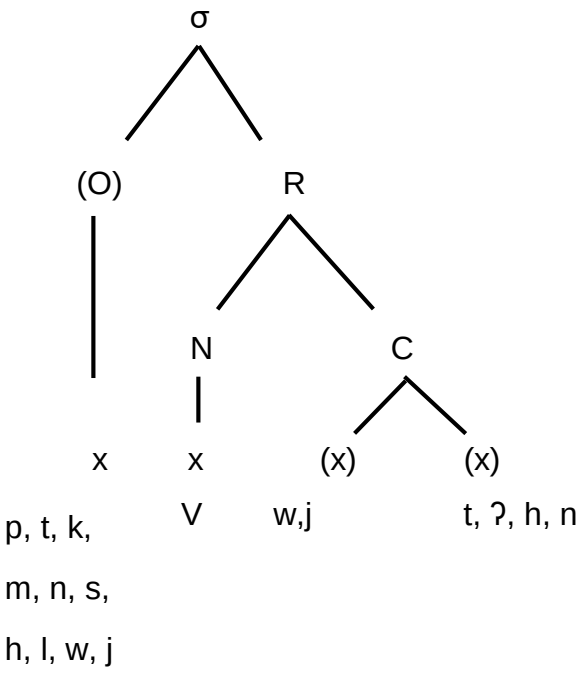
Consoante às duas propostas acima, sintetizamos algumas diferenças. Na teoria de Kahn (1974), a sílaba tem uma abordagem altossegmental, os segmentos da sílaba se conectam diretamente ao nó silábico, uma vez que a sílaba não apresenta uma estrutura interna. Dessa forma os processos fonológicos operam na estrutura da sílaba como um todo. Por outro lado, Selkirk (1982) propõe uma hierarquia interna para a sílaba, que justifica a sua abordagem métrica. No nível mais alto encontram-se o onset e rima. O núcleo é ligado à rima, assim como a coda, caso sua posição seja preenchida. Nesse sentido, o onset não participa dos processos fonológicos que podem afetar o onset, a coda ou esses segmentos simultaneamente.

Ainda não há consenso acerca da teoria certa referente a estrutura da sílaba, sendo a primeira teoria defendida por Clements e Keyser (1983) e Nestor e Vogel (1986), já a segunda teoria foi defendida por Selkirk (1984) e Levin (1985) dentre outros. Nosso trabalho, adotamos a segunda teoria, por entendermos a relevância métrica no comportamento da coda nas línguas em questão.

3.2 A SÍLABA NAS LÍNGUAS NAMBIKWARA DO NORTE

Considerando que o Latundê é a língua de interesse de nossa pesquisa, iremos primeiramente apresentar sua estrutura de silábica, representada na seguinte figura (TELLES, 2002):

Figura 4 - A sílaba no Latundê



Fonte: Telles (2002)

Na estrutura silábica acima, os parênteses constantes na figura indicam a opcionalidade dos segmentos. Dessa forma, verificamos que no Latundê a sílaba pode ser aberta, sem o preenchimento de segmentos na posição de coda. A coda pode ter duas posições preenchidas, com glides na primeira posição e as consoantes /t, ʔ, h, n/ na segunda posição. A fricativa /s/, objeto de nosso estudo, não ocorre na coda do Latundê. Mesma na superfície, o [s], como possibilidade alofônica ou de processo fonológico, não é realizado nessa língua, o que pode favorecer o apagamento no Português, quando falantes do Latundê produzem vocábulos que apresentam o /S/ em coda nesta última língua.

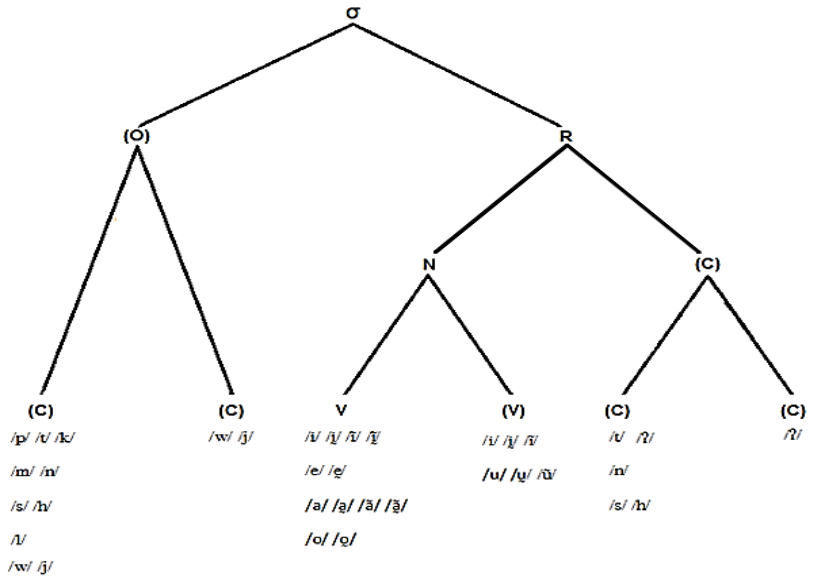
Dentre todas as combinações possíveis de sílabas do Latundê o padrão máximo é o (C) V (C) (C), sendo as sílabas /VC/ e /CVC/ as mais frequentes. Nos debruçando sobre as sílabas fechadas, ou seja, as que possuem coda preenchida por

consoante, Telles (2002) descreve os segmentos na coda podem sofrer apagamento, o que também pode contribuir para um eventual apagamento do /S/ em coda no Português L2 falantes do Latundê ao falar em Português.

A fonologia e a estrutura silábica do Lakondê se assemelham a do Latundê.

O molde silábico da língua Negarotê, pode ser visto na seguinte figura:

Figura 5 - A sílaba no Negarotê



Fonte: Braga (2017)

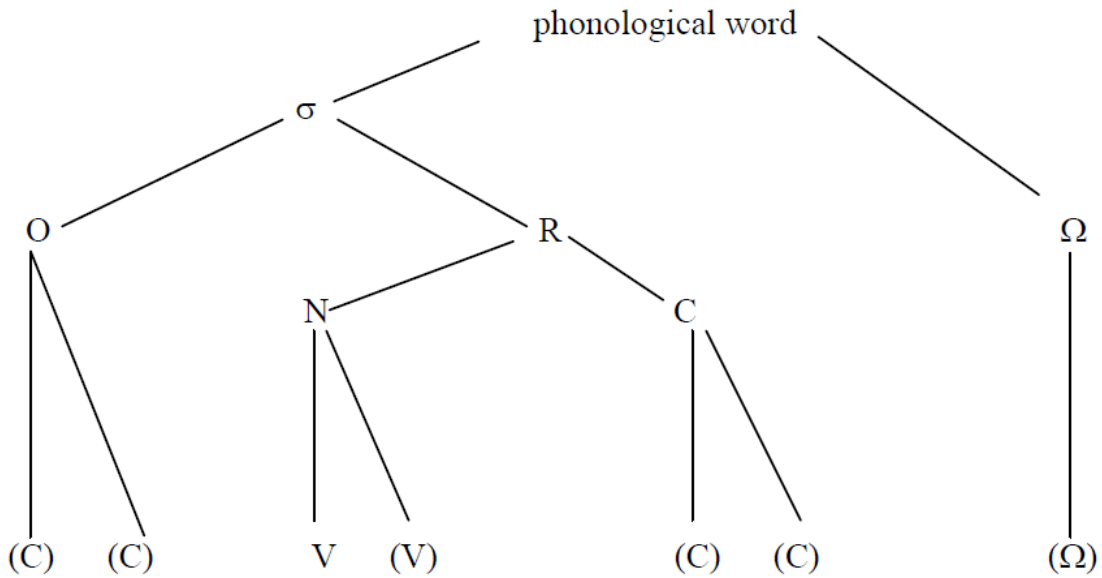
Na figura acima, podemos observar que diferente da análise proposta por Telles (2002) para o Latundê, o núcleo silábico é ramificado no Negarotê apresentando duas posições, sendo a segunda opcional. Os glides que constituem ditongos no Latundê são interpretados como vogais ocupando a segunda posição do núcleo no Negarotê. Além disso, o Negarotê apresenta duas posições na coda, também opcionais, que são preenchidas por consoantes. A estrutura máxima da sílaba no Negarotê é (C) (C) V (V) (C) (C). Apesar de o onset ser opcional, são mais frequentes as sílabas com essa posição preenchida, em ambas as línguas. Telles (2002) explicita que as sílabas que começam com vogais geralmente estão na posição início de palavra.

Em relação ao /s/ em coda, essa consoante pode ocupar a primeira posição da coda ramificada, diferente do Latundê. Entretanto, este segmento sofre frequentes

processos fonológicos, incluindo o apagamento, de forma que a sua ocorrência é rara na superfície. (BRAGA, 2017).

A sílaba do Mamaindê é descrita no domínio da palavra fonológica, conforme pode ser conferido na figura abaixo. (EBERHARD, 2009):

Figura 6 - A sílaba no Mamaindê



Fonte: Ebehard (2009)

Assim como nas línguas irmãs Latundê e Negarotê, no Mamaindê todos os segmentos que margeiam o núcleo são opcionais. A estrutura máxima da sílaba é igual a do Negarotê, exceto pelo fato do último segmento extramétrico que ocorre no domínio da palavra fonológica do Mamaindê: (C) (C) V (V) (C) (C) - (Ω).

Na primeira posição de onset podem ocorrer os segmentos /p, t, k, p^h, t^h, k^h, ʔ, h/ e, na segunda posição, /n, m, j, w, l, s/, podendo ocorrer sem a presença do primeiro elemento do *onset*. No núcleo, pode ocorrer qualquer vogal, a qual é obrigatória na primeira posição. Porém, com menor frequência, na superfície, a nasal coronal [n] pode ocupar a posição do núcleo, diferentemente das línguas irmãs Latundê e Negarotê.

Os segmentos que preenchem as posições da coda do Mamaindê são: a primeira posição da coda pode ser preenchida pela nasal coronal /n/ e pelas oclusivas, e pelas consoantes fricativas entre as consoantes /s/ e /h/. A segunda posição pode ser preenchida pela oclusiva glotal /ʔ/. No Mamaindê existe a restrição do traço

[+continuante] na coda silábica, de maneira que as consoantes /s/ e /h/ não são licenciadas para a superfície. Elas sofrem processos fonológicos, podendo ser apagadas ou ressilabadas. (EBERHARD, 2009). É relevante observar que, assim como o Negarotê, o /s/ está presente entre as consoantes que podem ocorrer na posição da coda. Entretanto, diferente do Negarotê, em que o /s/ é realizado, mesmo que raramente, no Mamaindê há a restrição da realização desse segmento na superfície.

Com base no observado nas três línguas Nambikwara do Norte (Latundê, Negarotê e Mamaindê), o padrão CV é o mais frequente em sílabas átonas, enquanto o padrão CVC é o mais comum em sílabas tônicas. Entretanto, na superfície, as consoantes em coda sofrem variados processos fonológicos, envolvendo o enfraquecimento da consoante, o apagamento da coda e o alongamento compensatório da vogal nuclear, particularmente em sílabas acentuadas. Para o nosso estudo, é importante verificar que: no Latundê inexiste o /s/ pós-vocálico, no Negarotê a sua realização é pouco ocorrente e no Mamaindê o segmento não é licenciado para a superfície. Com isso, vemos que, no âmbito das línguas Nambikwara do Norte, a alveolar /s/ é marcadamente restrita, diferentemente do Português, uma vez que nessa língua o /s/ é muito frequente no léxico e apresenta várias alofonias.

3.3 A SÍLABA NO PORTUGUÊS

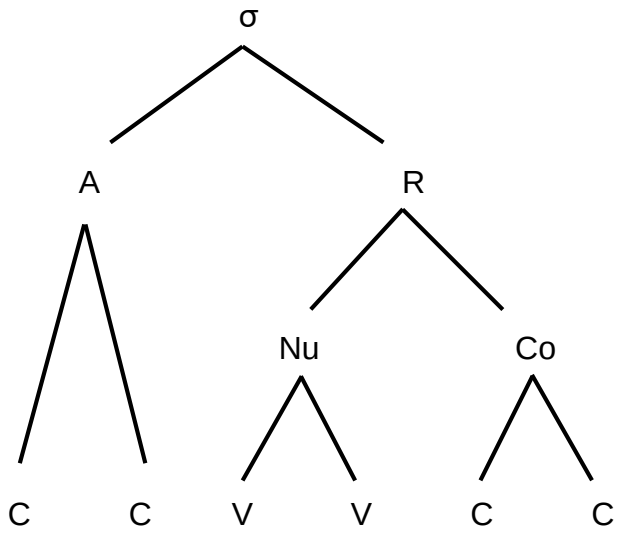
No português, as consoantes que preenchem a posição do *onset* são as oclusivas /p, b, t, d, k, g/, as nasais /m, n, ɲ /, as fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/, as líquidas /ʎ, l/, /r/, /r/ e os glides /w, j/. Na coda, encontram-se os arquifonemas /S/, /R/, /N/ e a lateral /l/. /L/, além dos glides /w, j/. (MATTOSO CÂMARA JR, 1970).

No que concerne ao arquifonema /S/, de interesse para este estudo, ele ocorre na superfície em quatro realizações alofônicas mais frequentes: a fricativa alveolar desvozeada [s], a fricativa pós-vocálica alveolar vozeada [z] que são chamadas de sibilantes, a fricativa palatal (ou palatoalveolar) desvozeada [ʃ], a fricativa palatal vozeada [ʒ] sendo chamadas também de chiantes, a fricativa laríngea (ou glotal) vozeada [ɦ] e a fricativa laríngea desvozeada [h].

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970) a estrutura do padrões silábicos no Português pode ser resumida da seguinte forma, (C) (C) (V) (V) (C) (C). Em estudo

mais recente, Collischonn (2001) revê a interpretação daquele autor e propõe o seguinte molde silábico, que se justifica pelas regras no Português que não permitem duas consoantes após ditongos:

Figura 7 - A sílaba no Português



Fonte: Collischonn (2001)

Com relação ao /S/ em coda silábica, no português encontram-se os pares alofônicos [s], [z], [ʃ] e [ʒ] e a fricativa glotal [ɦ]. O ponto de articulação dos dois primeiros pares está associado à variação diatópica e a sonoridade dos segmentos é condicionada ao ambiente seguinte. As fricativas alveolares e palatais correspondem às realizações mais frequentes na língua. Entretanto, em algumas variedades do Português, pode ocorrer a fricativa glotal sonora [ɦ] e o apagamento do /S/, marcadamente em fala informal ou menos escolarizada. Salientamos que essa alofonia e deleção são muito restritas na língua, tanto na frequência de realização quanto no número de palavras que apresentam essa variação. Abaixo seguem dados com as alofonias e o apagamento do /S/:

/’poSte/ [‘postɪ] ~ [‘poʃtɪ] “poste”
/’leSma/ [‘lezma] ~ [‘leʒma] “lesma”
/’meSmo/ [‘mezmʊ] ~ [‘meʒmʊ] ~ [‘memʊ] ~ [meɦmʊ] “mesmo”

Com o apresentado neste Capítulo, observamos o contraste entre as línguas Nambikwara e o Português, uma vez que nas primeiras a fricativa /s/ em coda quase não é produzida pelos falantes, seja em razão de sua inexistência na posição da coda, como é o caso do Latundê, seja por sua proibição de se realizar na superfície, como é o caso do Mamaindê, ou seja por sua frequência baixíssima no nível fonético, como é o caso do Negarotê. Essa diferença pode justificar a não realização do /S/ no Português indígena.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

4.1 LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO

Dentre os aspectos que mais influenciam o processo de línguas em contato podemos destacar o bilinguismo, que possui diversas definições em diferentes teóricos. O bilinguismo pode ser conceituado como a proficiência que um indivíduo possui em dois idiomas, sendo que o seu grau e tipo de bilinguismo pode variar de acordo com a situação do falante. Muitos pesquisadores definem como verdadeiro bilinguismo aquele em que o sujeito é nativo nas duas línguas que domina, ou seja, são adquiridas desde o nascimento ou desde criança (CUTLER, MEHLER, NORRIS, & SEGUI, 1992; GROSJEAN, 1982; DE HOUWER, 2005, *apud.* GRANT & GOTTARDO, 2008), porém esses autores ressaltam que são casos raros. É importante analisar o quanto esse conceito se assemelha com o de contato entre línguas:

> Language contact is based typically on the social interaction among speakers (or writers) using more than one language (or dialect); accordingly, sociolinguistic parameters provide an important basis for describing and understanding contact-induced linguistic change, as has been aptly pointed out by many writers since Thomason and Kaufman. [...] (1988, *apud.* HEINE & KUTEVA, 2010).[3]

Na abordagem que nos interessa para discutir o contato entre línguas, ressaltamos os estudos contemporâneos que esclarecem que além do bilinguismo os sistemas linguísticos podem influenciar uns aos outros (MATRAS, 2010). Sobre isso, há diversos fatores que podem ser abordados para encontrarmos quais se encaixa melhor na situação estudada no trabalho discorrido.

Hickey (2010) pontua diversos termos que podem ser encontrados em situações de contato linguístico, irei dissertar um pouco sobre empréstimo, transferência e imposição:

[3] "Línguas em contato são baseadas tipicamente na interação social entre falantes (ou escritores) usando mais de uma língua (ou dialeto); portanto, parâmetros sociolinguísticos provêm de uma importante base e compreensão de mudança linguística induzida pelo contato, como tem sido adequadamente pontuado por muitos escritores desde Thomason e Kaufman (1988, *apud*. HEINE & KUTEVA, 2010)."

Empréstimo: alguns itens e/ou estruturas podem ser copiadas de uma determinada língua para outra sem que troque de idioma, isso pode ocorrer muito com palavras e frases.

Transferência: o falante transfere características do seu idioma nativo para a língua-alvo. Quando a transferência se dá com formas já estão presentes na língua-alvo, ela se passa despercebida, mas quando não existe na segunda língua, torna-se uma inovação. Há dois tipos de transferência, a de suporte e a inovadora, na primeira há a transferências de recursos já existentes de uma língua para outra, causando variação de turnos; na última, a transferência de características é feita de uma língua para outra constituindo uma inovação, a partir do momento em que não existem essas características na L2.

Imposição: nesse conceito, há dois grupos em que um sendo a maioria possui um alto *status* e a minoria um baixo *status*. Com o tempo, a minoria adquire/aprende a língua da maioria e ocasionando o desuso do idioma nativo e, a maioria adquire características da língua da minoria.

Hickey (2010) afirma que não há o que possa ser excluído através do empréstimo ou transferência de recursos, todo subsistema da L2 (no caso, o Português) é afetado. Dentre esses conceitos apresentados, podemos pontuar que na nossa pesquisa o fenômeno de apagamento do /S/ em coda silábica se encaixa na transferência inovadora, em que alguns aspectos fonológicos e padrões da língua nativa são transferidos para a segunda língua. Em nossa análise, observamos como ocorre a transferência e se o apagamento do /S/ é categórico. Além do apagamento, descreveremos outros fenômenos envolvendo a coda, a partir da transferência do Latundê para o Português.

Ao se considerar os fenômenos que ocorrem devido motivados pela transferência entre as línguas postas em contato, é necessário considerar aspectos extralinguísticos que permeiam o contato em si, envolvidos nas fases de fusão, persistência e evanescência. Weinreich (1953) lista alguns fatores que podem ser levados em conta durante a análise de um fenômeno de contato linguístico por um indivíduo bilíngue ou por um grupo bilíngue:

a) a facilidade de expressão verbal e de manter duas línguas separadas;
b) proficiência em cada língua que o falante domina;

c) especialização no uso em cada língua por tópicos e interlocutores;
d) a forma de aprender cada língua que o falante conhece;
e) atitudes perante suas línguas aprendidas, sejam elas estereotipadas ou idiossincráticas;
f) tamanho do grupo bilíngue e sua homogeneidade ou diferença sociocultural, forma de divisão de subgrupos de acordo com determinada língua utilizando enquanto língua materna, fatores demográficos e relações políticas e sociais estabelecidas por esses subgrupos;
g) prevalência de falantes bilíngues com determinadas características de comportamento de fala nos subgrupos, como: facilidade na expressão verbal, manter as línguas separadas, especialização no uso da língua por tópicos e interlocutores, o modo de aprender ou adquirir a língua e atitudes perante as línguas aprendidas.
h) atitudes estereotipadas em relação a cada língua ("prestígio"); estado indígena ou imigrante das línguas em causa;
i) atitudes em relação à cultura de cada comunidade linguística;
j) atitudes em relação ao fenômeno de bilinguismo;
k) tolerância ou falta dela em relação aos erros cometidos na fala nas duas línguas em questão;
l) relação do grupo bilíngue com as duas comunidades linguísticas, principalmente a comunidade a qual a língua é “estigmatizada”.

Levando em consideração os aspectos levantados por Weinreich, podemos notar que o contato linguístico não é meramente apenas um contato entre línguas, em que são transferidos e mescladas estruturas, afetando a língua alvo e até originando novos sistemas como crioulos e pidgins. Além disso, evidenciam-se os contatos interculturais que abrangem características além da língua e que influenciam nas políticas linguísticas, através da fusão de culturas. Segundo o teórico, até mesmo a aculturação decorre do contato, na qual uma cosmovisão é afetada quando subjugada a um outro universo de cultura. Outro aspecto a ser considerado diz respeito à coletividade, em que o impacto do contato se estende às comunidades linguísticas, às características do grupo, aos comportamentos sociais e a aspectos da interação interlinguística que podem ser compartilhados pelas comunidades bilíngues. Dessa forma, estudar a comunidade de fala é um requisito necessário para entender como

acontece largamente o contato entre línguas e as mudanças linguísticas e socioculturais decorrentes do processo.

Para melhor explicitarmos a relação entre indivíduo e coletividade, recorremos aos conceitos de interferência na fala e inferência na língua, postulados por Weinreich (1953). O primeiro corresponde às habilidades que o indivíduo possui em relação a uma língua, mesmo não sendo sua língua nativa, ou seja, os tipos de produção linguística e sua performance nela. O segundo conceito se encaixa na nossa discussão anterior, pois se concentra em questões respeitantes aos aspectos linguísticos que se transpõem entre as línguas faladas numa comunidade bilíngue. Dessa forma, a avaliação de interferência numa dada língua considera o caráter interferencial, observando os aspectos que passam a fazer parte da segunda língua, de forma que a variação linguística presente na comunidade deixa de ser um fator meramente externo (HAUGEN, 1954, apud. DURÃO, 2008).

Especificando os tipos de interferência, podemos citar a fonológica, a morfológica, a lexical e a sintática. No nosso caso, a interferência acontece no âmbito fonológico, quando o indivíduo bilíngue identifica o sistema da segunda língua, mas o produz de acordo com aspectos ou regras da primeira língua. No senso comum esse fato pode ser visto como “pronúncias erradas”, porém os fenômenos decorrentes da transferência podem ser estudados e investigados em nível linguístico e social, o que favorece a compreensão mais geral da situação vivenciada pelos falantes bilíngues.

Quanto ao fenômeno de interferência, a percepção por parte dos falantes unilíngues o faz muitas vezes identificar a língua de origem de dado falante de L2. A superdiferenciação é um processo no qual o falante estrangeiro, porém bilíngue, produz sua segunda língua sem haver diferenciação em características que são distintivas para essa língua, causando dificuldades de compreensão no momento da sua fala. Já na subdiferenciação o falante sabe lidar com a dificuldades comunicativas, e busca “consertar o erro” por meio da contextualização. E há o processo de reinterpretação em que o indivíduo produz fonemas que são reconhecidos por pessoas unilíngues, mas que na verdade são incorretos na língua (WEINREICH, 1953).

Dessa forma, na transferência é possível se transferir sons ou combinações de sons. Um fenômeno de transferência pode ser também um caso de empréstimo, uma vez que o material fonético de uma língua pode também ser emprestado para outra

(HEINE e KUTEVA, 2010). Em relação ao termo “empréstimo”, Hickey (2010) postula que seria um termo impreciso, apesar de ser compartilhado na literatura, pois de acordo com ele não se pega emprestado nada e sim se copia.

Ainda quanto aos empréstimos e às transferências, em face do nosso fenômeno estudo, Thomason (2010) cita que as características marcadas são mais difíceis de se aprender por bilíngues do que características menos marcadas, em relação a essa dificuldade Thomason (2010) diz o seguinte:

> Markedness plays an important role in shift-induced interference, both because the shifting group is more likely to learn unmarked target-language features than marked ones and because, if the two speaker groups eventually merge into a single speech community, original target-language speakers are less likely to adopt marked features than unmarked ones from the learners' version of the target language. [...][4]

Com relação ao nosso objeto de estudo, o /S/ em coda silábica, é considerado um traço marcado uma vez que as línguas Nambikwara seguem a tendência de superficializar o padrão silábico CV (consoante + vogal), o qual é o menos marcado, especialmente quando se trata do /s/, uma vez que esse fonema apresentam restrições nessas línguas na posição de coda.

Apesar de encontrarmos esse tipo de transferência de uma língua para outra é necessário enfatizarmos que esse fenômeno é raro diante do aspecto de “estabilidade gradiente da língua”, esse conceito presume que alguns domínios ou componentes da estrutura linguística são mais estáveis que outros, dessa forma, são mais resistentes à mudança e inovação, dentre essas características podemos enfatizar componentes morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos (WINFORD, 2010).

Além de o fenômeno de contato linguístico poder gerar mudanças na estrutura das línguas, em seus diferentes níveis, os fatores sociais também podem influenciar as mudanças ocorrentes. Na situação de bilinguismo aqui estudada, é relevante considerar a idade dos falantes e o momento que houve o contato entre a Língua Portuguesa e o Latundê.

---

[4] “A marcação desempenha um papel importante na interferência induzida por deslocamento, tanto porque o grupo em mudança é mais propenso a aprender características não-marcadas da língua-alvo do que marcadas e porque, se os dois grupos de falantes eventualmente se fundirem em uma comunidade de fala única, os falantes originais da língua-alvo são menos propensos a adotar características marcadas do que as não-marcadas da versão dos alunos do alvo da língua.”

Hickey (2010) defende que alguns aspectos são melhores assimilados por adultos quando aprendem uma segunda língua. Desse modo, o empréstimo se dá com maior facilidade. Esses empréstimos podem ser, por exemplo, frases adverbiais, palavras e elementos flutuantes que não fazem parte da L1. A intensidade do contato também deve ser observada, uma vez que se trata de um fator que está relacionado ao grau de proficiência na L2 e nas variações linguísticas observadas num mesmo falante e entre falantes de uma comunidade de fala (THOMASON, 2010).

Por entre os fatores sociais mais importantes para as mudanças induzidas por contato, Thomason (2010) destaca presença ou ausência de aprendizagem imperfeita da língua, intensidade do contato e atitude dos falantes. Com primazia, ela defende que a presença ou ausência de aprendizagem imperfeita seria um dos mais fortes preditores de mudança induzida por contato. Assim sendo, Thomason reforça que os fatores sociais se tornam ainda mais importantes para a análise do que os fatores linguísticos, apoiando uma abordagem sociolinguística analisando todo o contexto de troca.

Outro aspecto que pode ser discutido é a competência dos falantes bilíngues, que de acordo com Matras (2010, apud. HICKEY), uma vez que os falantes fazem associações de estruturas em contextos de interação, ou seja, sua comunicação é adaptável de acordo com o contexto de fala. Quanto à aprendizagem, contextualização e adaptação de uma segunda língua frente a uma língua dominante, Stern (1923, apud. WEINREICH, 1953) diz o seguinte: “imbedding of a language in a definite an constant situation facilitates its learning”[5]. Desse modo, podemos destacar a competência metalinguística dos falantes bilíngues, que os diferem dos monolíngues, compreendendo e assimilando a consciência dos sons, de regras gramaticais (consciência sintática) e marcadores gramaticais (consciência morfológica) (BIALYTOSK, 2007, apud. GRANT & GOTTARDO, 2008).

Porém, Matras (2010, apud. HICKEY) traz a ideia de que na verdade o falante bilíngue não flutua entre dois sistemas linguísticos diferentes. Com o tempo, ele estabelece apenas um sistema para as duas línguas, por isso que há a mudança, variação e inovação. Essa interpretação pode ser associada aos paralelos que os bilíngues podem fazer entre as línguas que ele fala. A esse respeito, sobre Haase (1991, apud. MATRAS, 2010) diz o seguinte:

[5] “A inserção de uma língua em uma situação definida e constante facilita seu aprendizado.”

> [...] bilingual speakers are motivated to avail themselves of the expressive means of both their languages and thus wish to have equal constructions at their disposal in each language, but they can only do so if they are able to identify parallel items in the two languages as translation equivalents. [...][6]

Um aspecto social que Winford (2010) discute e disserta se refere à diferença entre a dominância social e a dominância linguística. Muitas vezes os processos de imposição ou empréstimo não acontecem apenas de uma língua socialmente dominante ou "prestigiada" sobre a outra; o status de dominância linguística nem sempre se assemelha ou corresponde ao seu status de poder social. Dessa forma, pode acontecer um efeito contrário, e os fenômenos anteriormente citados acontecerem a partir das línguas "estigmatizadas ou inferiorizadas" do ponto de vista de poder social para as línguas de prestígio. Esse fator se coloca como de grande importância para a nossa discussão, uma vez que tratamos em nosso trabalho dos fenômenos que acontecem no Português falado pelos indivíduos bilíngues. Fenômenos esses que são influenciados e transferidos a partir do Latundê, uma língua minoritária e marginalizada, assim como são vistas todas as minorias linguísticas no Brasil, as quais carecem de políticas públicas efetivas para que sejam consideradas devidamente em meio à sociedade nacional.

Desse modo, é muito discutido na literatura de línguas em contato as relações de poder entre as línguas em situação de contato. As línguas com mais prestígio são definidas como superestratos, enquanto as línguas menos prestigiadas são nomeadas como substratos. Nesse sentido, analisar as relações de poder torna-se crucial para o estudo desses contatos. Sobre isso, Weinreich (1953) abre a discussão para o *status* das línguas e dos dialetos falados pela sociedade e pelas comunidades, o que podemos trazer para a realidade do nosso caso em tela. Sobre o Latundê, devido à situação sociolinguística existente na comunidade, a língua materna vem perdendo seu *status* em meio à comunidade de fala. Os jovens da aldeia não a priorizam e nem se dão conta da sua importância para a identidade e manutenção da cultura, de forma o Português passa a ser mais utilizado por eles em contextos de suma importância para a continuidade da língua.

---

[6] "[...] falantes bilíngues são motivados a se valer dos meios expressivos de ambas as línguas e, portanto, desejam ter construções iguais à sua disposição em cada língua, mas só podem fazê-lo se forem capazes de identificar itens paralelos nas duas línguas como equivalentes de tradução [...]".

Outro aspecto que é discutido por diversos teóricos diz respeito ao papel que as línguas desempenham na comunidade em que são faladas. No caso dos Latundê, eles se comunicam em sua língua materna, em Português e ainda compreendem outras línguas faladas por outros povos indígenas, sendo elas o Mamaindê, o Sabanê e o Aikanã, sendo que o contato plurilíngue faculta o uso das línguas em situações específicas e em lugares específicos frequentados pelas pessoas da comunidade. Em relação a isso Schmidt-Rohr (1932, apud. Weinreich, 1953) apresenta nove domínios para o uso das línguas, a saber: a família, o parque infantil (o que podemos adaptar aqui para a hora de lazer entre as crianças), a escola (com subdivisões), a igreja (no nosso caso os ritos praticados na aldeia), literatura, exército, a imprensa, os tribunais e a administração. E ainda sobre isso, Weinreich (1953) faz divisões socioculturais em congruência com fatores linguísticos, sendo elas: áreas geográficas, natividade, grupos culturais e étnicos, religião, raça, sexo, idade, status social, ocupação, população rural x população urbana. Analisando essas categorias postuladas por Weinreich, podemos dizer que nosso estudo pode se encaixar em diversos fatores. Em grupos culturais e étnicos, visto que a comunidade dos falantes de Latundê mantém contato com não indígenas e outros povos que falam outras línguas que também são compreendidas por eles. Também pode se encaixar no fator referente à raça, entretanto um fator importante a ser observado diz respeito à idade, considerando o fato de as pessoas mais velhas preferirem o uso da língua indígena, em contraste com os mais novos, os quais priorizam o uso do Português, restringindo o uso do Latundê a práticas e situações específicas. Quanto a esse fator, Weinreich faz uma observação sobre o processo diacrônico pelo qual toda língua passa, o qual é alimentado ao longo do tempo e no qual se evidenciam variações linguísticas inovadoras provenientes da fala de pessoas mais novas. Esse aspecto também favorece o estado de obsolescência da língua, uma vez que se a língua não é falada pelos mais jovens a ameaça de sua extinção aumenta progressivamente. Com relação ao *status* social, as comunidades indígenas, sendo minoritárias e desprestigiadas, se incluem necessariamente no fator em tela.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste tópico apresentaremos as características relevantes dos sujeitos da pesquisa que se relacionam com nossa investigação. Como nossa pesquisa trata do fenômeno da interferência fonológica da primeira língua na segunda, devemos esclarecer que os áudios foram gravados em 1999, pela pesquisadora Stella Telles (UFPE), de forma que o contexto desta pesquisa refere aquela época. Em 1999 o grupo Latundê, já muito reduzido numericamente, estava com 20 anos de contato com a sociedade não índia. Havia nesse momento histórico dois subgrupos bem definidos no interior da comunidade. O primeiro, nascido antes do primeiro contato com o não índio, somando nove indivíduos, e o segundo grupo, nascido após o contato, formado por três crianças com até quatro anos, cinco crianças entre 6 e 10 anos, e dois adolescentes, entre 12 e 16 anos, totalizando nove pessoas. Neste trabalho, caracterizamos esses dois grupos como geração pré-contato e geração pós-contato, respectivamente. Como a pesquisa contou com dados já disponíveis, a constituição de nosso *corpus*, assim como os participantes da pesquisa dependeram do que encontramos nas gravações existentes. No quadro abaixo podem ser melhor visualizados os perfis dos participantes:

Quadro 1 – Dados sobre os colaboradores

Participantes Geração

Participan-tes	**Geração**	**Idade (aproximada)**	**Início de exposição ao português**	**Frequência de contato com o português (aproximada)**	**Percentual do uso do português na aldeia (aproximado)**
Tereza	Pré-contato	40 anos	1978	Dois ou três eventos ao mês	5%
Antônio	Pós-contato	12 anos	Nascimento	Dez eventos ao mês	5%

Luiz	Pós-contato	15 anos	Nascimento	Dez eventos ao mês	5%

Fonte: informações pessoais obtidas com Stella Telles, durante a construção dessa pesquisa.

4.2.1 Variáveis em estudo

Nossa pesquisa se centrou em analisar o comportamento do /S/ em coda silábica, a partir de enunciados retirados dos áudios coletados junto aos indígenas pela Profª. Drª. Stella Telles (UFPE). Nos enunciados, foram feitos recortes específicos onde ocorriam o /S/ em coda, a fim de analisarmos os fenômenos do apagamento, e a realização dos seguintes segmentos: [s] (fricativa alveolar surda), [z] (fricativa alveolar sonora), [ʃ] (fricativa palatal surda), [ʒ] (fricativa palatal sonora), [h] (fricativa laríngea surda) e [ɦ] (fricativa laríngea sonora).

Iremos analisar as realizações provenientes desses áudios que para melhor análise será passado no software Praat, em seguida iremos observar as variáveis linguísticas e extralinguísticas contidas nas realizações encontradas. Dessa forma, irei discorrer acerca de cada variável.

4.2.1.1 Variáveis linguísticas

4.2.1.1.1 Posição da sílaba

Na posição silábica englobamos a presença ou apagamento do /S/ dentro ou final da palavra considerando a sequência sintagmática após a palavra quando ocorrer nesse último caso considerando o processo de ressilabação. Dessa forma, essa variável se distribuirá da seguinte forma:

a) Posição medial
   Ex.: poste
b) Posição final
   Ex.: capaz

4.2.1.1.2 Contexto fonológico antecedente

Refere-se às vogais que aparecem antes do contexto de /S/, sendo divididas do seguinte modo:

a) Vogais labiais [o, u, ɔ]
   Ex.: nós [‘nɔs]
b) Vogais coronais [e, i, ɛ]
   Ex.: peste [‘pɛʃti]
c) Vogal dorsal [a]
   Ex.: mas [‘mas]
d) Semivogal coronal [j]
   Ex.: mais [‘mays]
e) Semivogal labial [w]
   Ex.: maus [‘maws]
f) Nasal [ã, ẽ, ĩ, õ, ũ]
   Ex.: instante [ĩʃ’tãti]

4.2.1.1.3 Contexto fonológico seguinte

Refere-se às consoantes que aparecem depois do contexto de /S/ aparecendo no meio da palavra ao seguir a coda medial e em outra palavra ao seguir a coda final, sendo divididas do seguinte modo:

a) Coronal anterior [t, d, n, l]
   Ex.: Stella [iʃ’tɛla]
b) Labial [p, b, m, f, v]
   Ex.: esboço [es’bosu]
c) Dorsal [k, g, h]
   Ex.: esganar [isga’na]
d) Vogais e ditongos
   Ex.: seis horas [‘seys ‘ɔɾas]
e) Ausência de contexto seguinte

4.2.1.1.4 Voz

Tal variável se relaciona sobre o papel do traço seguinte ao contexto de /S/, sendo desse modo:

a) Sonoro ou vozeado [+voz]
   Ex.: desligar [disli'ga]
b) Surdo ou desvozeado [-voz]
   Ex.: asfalto [as'fawtu]
c) Zero

4.2.1.1.5 Classe de palavras

Essa variável determina-se a partir das classes de palavras que contêm os fenômenos de apagamento ou realização das fricativas em /S/, sendo assim dividida em:

a) Substantivos
b) Numeral
c) Advérbio
d) Adjetivo
e) Verbo
f) Pronome
g) Conjunção

4.2.1.1.6 Extensão do vocábulo

No que diz respeito a extensão das palavras nos centramos na quantidade de sílabas que os vocábulos contêm, assim sendo distribuídos da seguinte forma:

a) Monossílabos
b) Dissílabos
c) Trissílabos
d) Polissílabos

4.2.1.2 Variáveis extralinguísticas

Sendo uma pesquisa totalmente diferente dos estudos realizados anteriormente nos detivemos a uma distribuição um pouco diferente das variáveis, também considerando que os dados não são tão abundantes. Com isso, iremos tratar das variáveis sociais no seguinte tópico.

4.2.1.2.1 Sexo

Considerando que há a presença de dois homens e uma mulher dentre os colaboradores contemplamos o sexo feminino e masculino.

4.2.1.2.2 Geração

Diferindo de outras pesquisas achamos importante considerarmos as gerações correspondentes dos informantes, dessa forma dividimos em:

a) Pré-contato – colaborador que adquiriu o Português antes do contato com os ditos brancos em idade já adulta.
b) Pós-contato – colaborador que adquiriu o Português depois do contato com os ditos brancos na infância.

4.2.2 Os sujeitos da pesquisa e sua constituição sócio-histórica

4.2.2.1 Família Nambikwára

Os indígenas conhecidos como Nambikwára pertencem à família linguística Nambikwara, a qual é subdividida em três ramos: Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê. Dessa forma, no grupo de Nambikwára do Norte temos as línguas Latundê, Lakondê, Mamaindê, Tawandê e Negarotê. Atualmente os Nambikwara se encontram em Terras Indígenas (TI) localizadas no Estado do Mato Grosso e em área adjacente do Estado de Rondônia. No início do século XX foi estimada a existência de milhares de indígenas em uma área de aproximadamente 50.000 km^2, os quais se dividiam em vários pequenos subgrupos étnicos, falando diferentes línguas e/ou

dialetos. Porém, nos dias atuais, os Nambikwara somam apenas 800 pessoas divididas em seis TI regularizadas pela FUNAI (TELLES, 2002).

O primeiro contato foi datado na segunda metade do século XVII quando uma expedição ingressou no território Nambikwara a procura de minérios. Segundo Telles (2002), em 1770 ocorreu uma nova expedição em que as pessoas procuravam ouro e construir uma estrada de acesso à região que ligasse Forte de Bragança à Cidade de Vila Bela. Contudo, o primeiro contato oficial foi feito em 1907 através de General Cândido Mariano da Silva Rondon que estava à frente da Comissão Rondon, com o objetivo de implantar as linhas telegráficas e construir estradas, ao tempo que também realizava trabalhos de inspeção geografia, botânica e de mineralogia. A presença da Comissão na área, atraiu e integrou indígenas que habitavam no local.

O contato realizado nessa época resultou na extinção de diversos grupos linguísticos e culturais, ocasionando uma crescente diminuição da população. O contato desencadeou também epidemias causada por sarampo e gripe, uma vez que os indígenas não tinham imunidade para as doenças levadas pelos não índios. Depois de um tempo, missionários passaram a se instalar na região, com o objetivo de converter os indígenas à fé cristã, o que impactou também a cultura dos nativos.

A presença invasiva dos não indígenas nos territórios dos povos Nambikwara impeliu, muitas vezes, a ações de resistência por parte dos nativos, conforme o evento relatado por Pike (1972, apud. LIPPO, 2019):

> [...] um casal de missionários dos Estados Unidos da América, estabeleceu residência em um local nas proximidades do Posto Telegráfico de Juruena. Após um breve retorno ao Estados Unidos, o casal retorna com o filho pequeno e acaba atacado pelos Wakalitesú após ter medicado um índio que acabou morrendo.

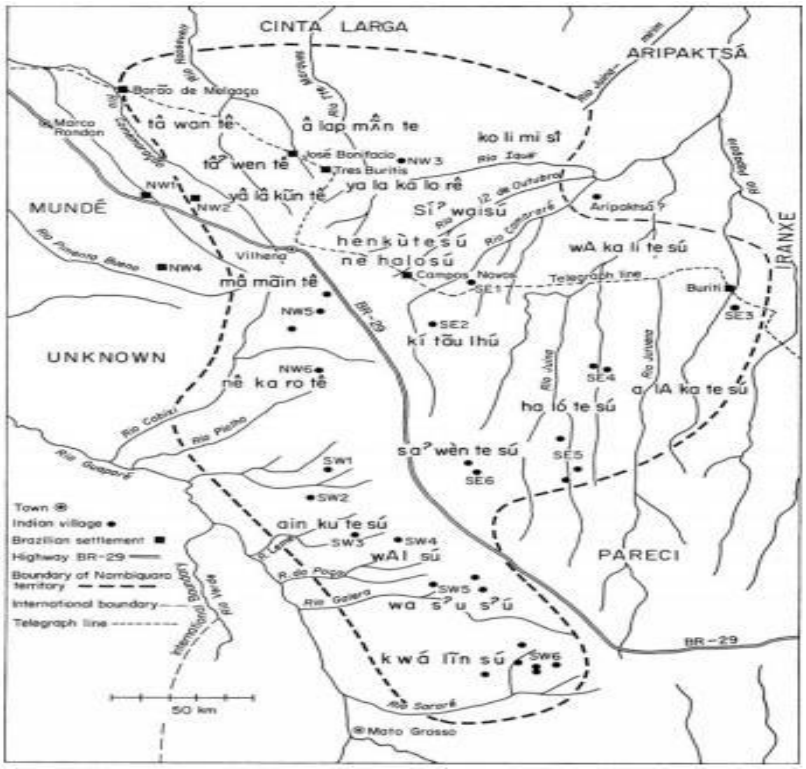
Os povos Nambikwára, eram divididos em pequenos grupos com diferentes dialetos e possuíam rivalidade entre si. De acordo com Telles (2002) ocorriam conflitos para roubar crianças, mulheres e comida das plantações. Os membros dos grupos reconheciam as diferenças linguísticas entre si. Segundo Price (1978, apud. TELLES, 2002) as diferenças dialetais e o distanciamento geográfico se davam devido ao sistema de rios.

Os indígenas dos povos Nambikwára eram coletores e se dividiam em grupos políticos com mais ou menos 100 pessoas. Atualmente, devido aos impactos do contato, sobraram poucos indivíduos, que se dividem em grupos ainda menores.

> Por conta das demarcações de terra realizadas pela FUNAI em Rondônia e Mato Grosso entre os anos 60 e 80, as terras ocupadas pelos Nambikwára, que antes eram de grande extensão, foram fragmentadas e dispersas em diversas áreas. Elas estão localizadas da seguinte forma: Chapada dos Parecis, Vale do Guaporé e Serra do Norte. Na Chapada se localizam a Terra Indígena Nambikwára e a Terra Indígena Tirecátinga; No Vale do Guaporé estão a Terra Indígena Vale do Guaporé, Terra Indígena Alantesu, Terra Indígena Taihãntesu, Terra Indígena Pequizal, Terra Indígena Sararé, Terra Indígena Lagoa dos Brincos e Paukalirahjausu. Por fim, na Serra do Norte são encontradas a Terra Indígena Pirineus de Souza e a Terra Indígena Tubarão-Latundê [...] (LIPPO, 2019)

Nos seguintes mapas podemos observar a dispersão dos indígenas pelo território de acordo com a demarcação feita pela FUNAI.

Figura 8 - Distribuição do povo Nambikwára pelo território



Fonte: Price (1972, apud. Lippo, 2019)

Nos dias atuais, os sobreviventes da família Nambikwára estão assim agrupados nos três ramos que constituem a família: Nambikwára do Norte – Latundê, Lakondê, Mamaindê, Tawandê e Negarotê; Nambikwára do Sul – Hukuntesú, Nensú, Siwaisú, Niyahlosú, Hahãintesú, Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú, Wakalitesú, Katitãulhú, Waikisú, Alantesú e Wasúsu; e Sabanê, sem divisão interna.

No mapa abaixo, encontram-se as TIs onde os grupos habitam.

Figura 9 - Distribuição do povo Nambikwára pelo território atualmente

Fonte: Braga (2012, apud. Lippo, 2019)

Dessa forma, ao se fazer comparações entre os mapas apresentados podemos abrir para discussão de que a dispersão geográfica feita por esses povos pôde se dar origem a diversas variedades indígenas que podem ser investigadas em trabalhos futuros.

4.2.2.2 Povo Latundê

A situação sociolinguística dos Latundê, apresentada por Lippo (2019) revela um quadro preocupante de ameaça de morte da língua ancestral, em razão da progressiva desintegração, na qual se evidencia um processo de deslocamento linguístico assomado a um contingente populacional muito pequeno. A seguir, apresentaremos a situação dos Latundê, a partir do trabalho de Lippo (2019).

O povo Latundê habita a Terra Indígena Tubarão-Latundê, localizada em Rondônia, município de Chupinguaia, com extensão de 116.613 hectares, na longitude 60°37' W e latitude 12°37'" S. A distância da TI até a sede do município é de 14 km. Na TI Tubarão-Latundê encontram-se três aldeias: Gleba e Rio do Ouro, que

são aldeias do povo Aikanã, sem parentesco linguístico com o Latundê, e o Barroso, aldeia Latundê. A Gleba é a aldeia central, para onde alguns Latundê migraram durante as últimas duas décadas.

O povo Latundê é formado apenas por 35 indivíduos. Em razão da indisponibilidade de indivíduos para o casamento interétnico, os jovens Latundê, da geração pós-contato, recorreram ao casamento com pessoas de outros grupos Nambikwara (Mamaindê, Negarotê e Sabanê) e com os Aikanã. Na tabela abaixo é possível conferimos características sobre a população indígena da Terra Indígena Tubarão-Latundê em comparação a população indígena de Rondônia (IBGE, Censo Demográfico, 2010):

Tabela 1 - Pessoas residentes em terras indígenas, por condição de indígena, segundo as Terras Indígenas

Pessoas residentes em terras indígenas, por condição de indígena, segundo as Terras Indígenas

Variável - Pessoas residentes em terras indígenas (Pessoas)

Ano – 2010

Unidade da Federação e Terra Indígena por Unidade da Federação	Condição de indígena				
	Total	Declararam-se indígenas	Não se declararam indígenas, mas se consideravam indígenas	Não se declararam indígenas, nem se consideravam indígenas	Sem declaração
Rondônia	9.388	8.156	1.061	121	50
Tubarão-Latundê	199	195	1	2	1

Fonte: IBGE (2010).

O primeiro levantamento populacional do grupo Latundê encontra-se em Telles (2002), com dados coletados em 1999. Nessa época os Latundê ainda viviam como grupo autônomo, habitando a aldeia Barroso, distribuídos em três casas.

Quadro 2 – População Latundê em 1999

Casa 1	***Pais***	***Filhos***	***Agregados***
	Mané Torto (60) Terezinha (45)	Luiz (22) Antônio (20) Lorena (12) Catarino (10) Justino (8) Jaelson (4)	João (26) Francisco (25) (irmãos de Terezinha)
	Pais	***Filho***	
	Mané Torto (60) Fátima (30)	Maria (13)	
Casa 2	***Pais***	***Filhos***	***Agregado***
	José (40) ***Lurdes (40)***	***Jair (13)*** ***Dido (11)*** ***Lourival (3)*** ***Lorimar (6 meses)***	Cinzeiro (50) (irmão de Lurdes)
Casa 3	Batatá (65)		

Fonte: Telles (2002)

Além dos Latundê constantes do quadro acima, havia a indígena Madalena Lakondê, irmã de José e surda de nascença, que morava nos arredores da Casa do Índio da FUNAI, na cidade de Vilhena.

A situação encontrada por Lippo em 1999, dez anos após o levantamento de Telles evidencia uma mudança drástica na organização social dos Latundê. Nos quadros abaixo pode ser observada a divisão da unidade do grupo. No primeiro quadro encontram-se os indivíduos que permanecem na aldeia de origem e no segundo quadro aqueles que migraram para a aldeia Aikanã.

Quadro 3 - População Latundê no Barroso em 2019

Aldeia Campo do Barroso				
Casa 1	Pais	Filhos	Netos	Agregados
	José Lurdes	Jair Dito Lourival Lourimar	Geane (filha de Jair) Louriano (filho de Lourimar) Beatriz (filha de Lourimar)	Berenice (Sabanê – esposa de Jair) Ana Elza (Sabanê – esposa de Lourimar)
Casa 2	Pais	Filhos		Agregados
	Luís Aparecida (Mamaindê)	Filho 1 Filho 2 Filho 3		Filho de Aparecida (Mamaindê)
Casa 3	Cinzeiro (irmão de Lurdes)			
Casa 4	Madalena (irmã de José)			

Fonte: Lippo (2019)

Quadro 4 - População Latundê na Gleba em 2019

Aldeia Gleba (Aikanã)			
Casa 1	Casal	Neto	Agregados
	Fátima Luís (Aikanã)	Maciel (neto de Fátima)	Carlos (Sobrinho de Fátima – Filho de Catarino) João (irmão de Fátima)
Casa 2	Pais	Filhos	
	Antônio Lucilene (Mamaindê)	Alcilene Augislene Adelson Aurilene	
Casa 3	Casal	Agregado	
	Laurita Márcio (Aikanã)	Jaelson (irmão de Laurita)	

Fonte: Lippo (2019)

Sobre a Aldeia do Campo Barroso, o casal Luís e Aparecida possuem filhos que frequentavam a escola na Gleba. Por isso, eles passavam a semana nessa aldeia e voltavam no final de semana para sua casa. A única pessoa que permaneceu morando na antiga aldeia foi Mané Torto, o chefe da aldeia.

Sobre as pessoas residentes na aldeia da Gleba, Batatá, a mais idosa, acabou falecendo após ficar enferma. Maria, filha de Fátima, tem um filho de um indígena Aikanã.

Devido aos casamentos interétnicos, alguns Latundê passaram a residir em outras aldeias, fora da TI Tubarão-Latundê: na aldeia Nambkwára, e na aldeia Nagarotê, no Mato Grosso, e na aldeia Aroeira, em Rondônia, como pode ser observado nos dados presentes no Quadro 4 (LIPPO, 2019).

Quadro 5 – Indígenas Latundê fora da TI Tubarão-Latundê

Aldeia Nambikwára – MT		
Casa 1	Casal	
	Tereza[7] Raimundo (Nambikwára)	
Casa 2	Pais	Filhos
	Francisco Esposa (Nambikwára)	Filha 1
Aldeia Aroeira - RO		
Casal 1	Pais	Filhos
	Catarino Edilene (Sabanê)	Filho 1 Filho 2
Aldeia Negarotê - MT		
Casal 1	Pais	Filhos
	Justino Tatiane (Sabanê)	Filha 1

Fonte: Lippo (2019)

[7] Tereza Latundê regressou para a TI de origem e atualmente reside na Gleba. (Comunicação pessoal com Stella Telles, em março de 2023).

Dos 24 Latundê, somando as crianças nascidas de uniões interétnicas, apenas 9 pessoas dentre toda população Latundê fala a língua ancestral, sendo 4 da geração pré-contato e 5 da geração pós-contato, filhos dos primeiros, e atualmente casados com não Latundê. Como podemos notar, há pouquíssimos falantes do Latundê, dessa forma, a língua pode ser considerada obsolescente com alto risco de extinção. Ao analisarmos esse quadro de acordo com o fator proporção de falantes de uma população total, que indica o grau de vitalidade da língua, o Latundê se encontra no nível 2 (UNESCO, 2003)[8].

Consoante os dados fornecidos por Lippo (2019), os colaboradores informaram que sentem dificuldade em falar o Latundê com toda a família. A geração de pré-contato prefere utilizar a língua materna e até falam mais entre si. Por outro lado, seus netos não falam a língua ancestral, sendo necessário recorrer ao Português para interagirem com eles. Os pais da geração pós-contato sentem e sabem da importância de transmitir sua língua para seus filhos, conseguem associar a língua à cultura percebendo que o seu extermínio contribui para a morte de uma identidade, visão essa nutrida principalmente pelos indígenas da geração pré-contato, mas como a geração pós-contato precisaram recorrer ao casamento com indígenas de outras etnias, de forma que a língua familiar passou a ser o Português, a transmissão do Latundê para seus filhos não ocorre mais de forma regular.

Com base nessa realidade, o Latundê se encaixa no terceiro nível do fator transmissão de linguagem intergeracional que avalia a vitalidade da língua, estando definitivamente em perigo (UNESCO, 2003). Nesse nível, a língua não é aprendida enquanto materna, os falantes são da geração parental, e as crianças compreendem-na quando falada pelos mais velhos, mas não respondem. Ainda nesse seguimento, é interessante pontuarmos a aproximação que Coelho & Mesquita (2013) faz entre cultura e língua que se assemelha ao pensamento dos colaboradores desta pesquisa:

> A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. Esse processo é mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes.

[8] Cf. documento da UNESCO nos anexos.

No território da Gleba os indígenas Latundê convivem com outras etnias não Nambikwara. No âmbito doméstico, os Latundê casados com indígenas Negarotê e Mamaindê, línguas que também pertencem ao ramo Nambikwara do Norte, entendem aquelas línguas. Os colaboradores também entendem o Aikanã, a língua indígena majoritária na aldeia, porém não a falam.

No trabalho de Lippo (2019) é documentada a preocupação dos Latundê diante da não transmissão da língua ancestral para as crianças. Os mais velhos tentam conversar entre si e com as crianças na sua língua-mãe, porém esses não demonstram interesse em falar no Latundê.

Outro aspecto que fortalece a escolha pela língua Portuguesa é o seu uso no âmbito escolar. Na escola da aldeia Gleba, há a predominância dos Aikanã, sendo o ensino escolar ministrado em Português e Aikanã. Com isso, o uso Português torna-se mais fortalecido para as criança pelos Latundê. As aulas ministradas em Aikanã, são facultativas para as crianças Latundê.

Considerando os fatores que avaliam a vitalidade das línguas, vemos que no aspecto tendências em domínios de línguas existentes (UNESCO, 2003), o idioma em tela se encaixa no terceiro nível, visto que mesmo havendo falantes bilíngues na comunidade, as crianças são falantes passivas em Latundê, visto que apenas compreendem parcialmente a língua e não a falam.

A respeito desse tópico Ferreira, Leite e Leite (1999, apud. FERREIRA & SOUZA) mencionam que após a chegada das linguistas Elizabeth Ekdhal e Nancy Butler para inserção de um programa de educação intercultural em operacionalização na aldeia dos indígenas Terena, esses passaram a sentir mais orgulho de suas raízes étnicas, visto que podiam registrar sua língua na forma escrita e perceberam que, como a língua Portuguesa, a sua língua nativa também possuía uma sistema gramatical, o que para eles se tornou um aspecto de validação da própria identidade. Porém, na TI Tubarão-Latundê, em razão do baixo contingente populacional Latundê, de os Latundê se encontram espalhados em mais de uma aldeia e dos casamentos interétnicos que dificultou a transmissão regular do Latundê para as crianças, não há interesse, quer seja por parte da FUNAI quer seja proveniente do Município, da implementação do ensino do Latundê na escola indígena. Assomado a isso, não existe material pedagógico para a alfabetização em Latundê. Mediante essa situação, essa língua se encaixa no nível zero do fator materiais para ensino de línguas e

alfabetização de vitalidade das línguas proposto pela UNESCO (2003). Acerca desse tópico, o órgão diz o seguinte:

> Education in the language is essential for language vitality. There are language communities that maintain strong oral traditions, and some do not wish their language to be written. In other communities, literacy in their language is a source of pride. In general, however, literacy is directly linked with social and economic development. Needed are books and materials on all topics for various ages and language abilities.[9]

As situações sociais em que os Latundê mais usam sua língua diz respeito às festas/rituais culturais com contações de história. Todavia, essas festas estão ocorrendo com cada vez menos frequência, e de acordo com os colaboradores da pesquisa de Lippo (2019), as crianças não mostram interesse na cultura e nas histórias contadas pelos mais velhos. Em relação a essa questão discutida sobre as festas, Schiavini (2021, *apud.* FONTES, 2021) diz:

> Sem rituais, ou seja, sem as festas tradicionais, a unidade se esfacela. Ao contrário, se os rituais se realizam conforme as tradições, a unidade se reforça, formando assim um 'círculo virtuoso' das suas culturas. Agora, é preciso considerar que cada povo sofreu e sofre processos de contato diferenciados, com mais ou menos impactos em seus costumes e estilos de vida.

Sobre essa situação podemos refletir sobre o fator oito em relação à vitalidade linguística, atitudes dos membros da comunidade em relação ao seu próprio idioma, em que o Latundê pode condizer com o nível um em que apenas algumas pessoas promovem a manutenção da língua e os outros são indiferentes e podem até favorecer a morte da língua. Nesse contexto, as crianças não conseguem responder aos mais velhos na língua nativa e estão perdendo o interesse por ela, assim como nos cada vez mais raros eventos de rituais, quando a língua e os cânticos estão presentes.

É crucial não somente analisarmos as gerações, mas também as áreas em que elas habitam, a geração pré-contato que se encontra no Campo Barroso possui o costume de se comunicarem na sua língua materna, seja na relação marido e esposa, com os familiares ou com as crianças, as quais, pelo menos recebem comandos em

[9] "A educação na língua é essencial para a vitalidade da língua. Existem comunidades linguísticas que mantêm fortes tradições orais, e algumas não desejam que sua língua seja escrita. Em outras comunidades, a alfabetização em sua língua é motivo de orgulho. Em geral, porém, a alfabetização está diretamente ligada ao desenvolvimento social e econômico. São necessários livros e materiais sobre todos os tópicos para várias idades e habilidades linguísticas."

Latundê. Já a geração pré-contato que se encontra na Gleba, usa amplamente a Língua Portuguesa devido à comunicação com outras etnias e com as gerações pós-contato. Entre as gerações pós-contato, há a manutenção do Latundê apenas pelos filhos da geração pré-contato. Entretanto, o uso do Português é mais frequente com vistas a facilitar a comunicação, já que devido ao desuso crescente relatam não entender mais plenamente a sua língua. Com o fim da transmissão regular do Latundê para a segunda geração pós-contato, o processo de perpetuação da língua ancestral foi interrompido. Diante dessa situação, destacamos que as chances de manutenção da língua Latundê é dramática.

É relevante também discutimos o valor do fator resposta a novos domínios e mídia em relação à vitalidade da língua proposto pela UNESCO (2003). Essa categoria propõe que as línguas devem ser faladas e utilizadas nos mais domínios tecnológicos que fazem parte da sociedade contemporânea, visto que, por exemplo, a televisão e a Internet são meios de comunicação que são usados no mundo e disseminam línguas dominantes. Nesse tópico, o Latundê se encontra como língua inativa, visto que é apenas falada em âmbito familiar e em nos poucos rituais. Esse quadro se torna uma problemática, uma vez que, como já foi dito, nos novos meios de comunicação, tais como as redes sociais, há a dominância das línguas colonizadoras. Dessa forma, os povos indígenas, em razão do que ocorre com as suas línguas, têm também a manutenção de sua identidade ameaçada, posto que a língua carrega uma carga identitária, sendo que sua disseminação através dos territórios e pessoas fortalece as práticas culturais dos povos e contribui para que as línguas não morram.

Acerca do sétimo fator, que diz respeito às atitudes e políticas de linguagem governamentais e institucionais, incluindo status oficial e uso em relação à vitalidade da língua, podemos considerar que a Constituição de 1988[10] reconhece o direito linguístico, cultural e territorial dos povos indígenas, entretanto a aplicação da Lei, fica à mercê da vontade política, ou seja, não há um planejamento linguístico para isso, o que torna sua efetivação temerária.

[10] Constituição do Brasil, de 1988: “Art. 210, § 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Já no capítulo VIII há apenas uma rápida menção às línguas: “Art. 231 São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Dessa forma, podemos dizer que em relação ao sétimo fator da UNESCO (2003), acerca da vitalidade das línguas, o Latundê se encaixa no terceiro nível de assimilação passiva, em que a língua nativa não goza de alto prestígio, não é oficial e o grupo dominante é indiferente às outras línguas desde que a língua dominante seja a da interação. Sobre isso, Schmidt (2008) diz o seguinte:

> The conclusion that follows is that after a minority has lost its distinctive language, it must still be recognized as an ethnic minority and thus be able to claim legal protection necessary to have its cultural rights promoted, protected, and, in some cases, its language rights reconstituted and its language revived through state measures.[11]

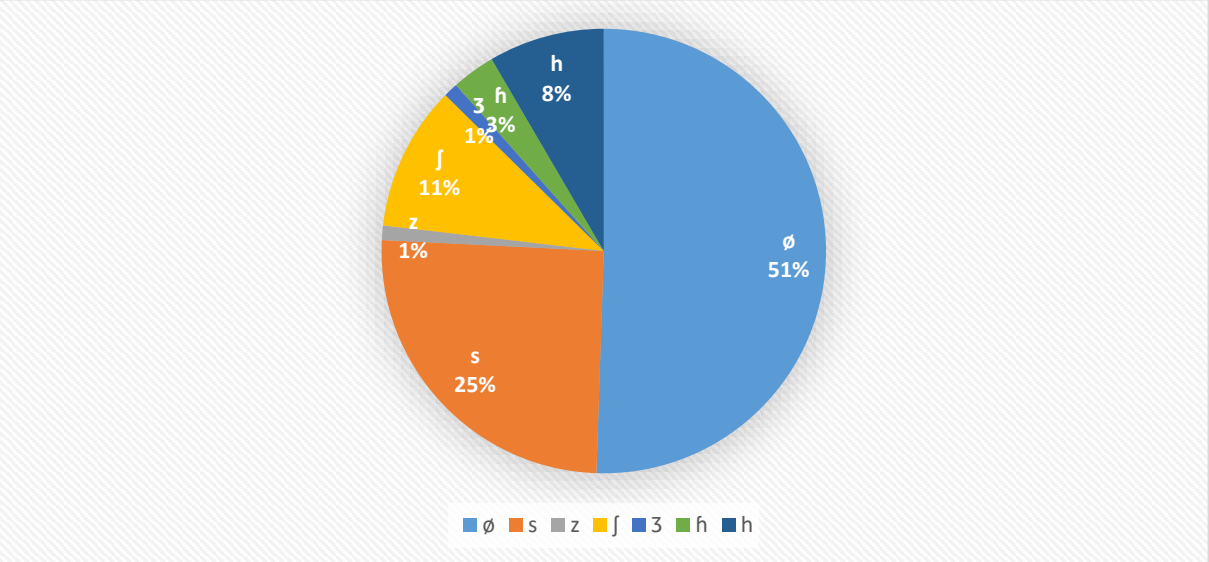
No que concerne ao fator nove, que corresponde à quantidade e qualidade da documentação, esses ainda são escassos. Não há dicionários e material didático, de forma que cada novo trabalho sobre esta língua pode contribuir para o seu conhecimento e, dessa forma, para uma mudança do cenário de declínio da língua. Na categoria nove da UNESCO, o Latundê se encontra no nível dois, no qual, embora haja uma gramática sobre a língua, a sua documentação (áudios e vídeos) é insipiente, e não existem dicionários, seja monolíngue ou bilíngue.

[11] A conclusão que se segue é que, após uma minoria ter perdido sua língua distintiva, ela ainda deve ser reconhecida como minoria étnica e, assim, poder reivindicar a proteção legal necessária para ter seus direitos culturais promovidos, protegidos e, em alguns casos, sua língua e direitos reconstituídos e sua linguagem revivida por meio de medidas estatais.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Em nossa análise geral dos dados, quantificamos rapidamente fazendo uma contagem tradicional em relação às variantes sem o uso de softwares, desse modo o apagamento e as variações estudadas se distribuíram da seguinte forma como mostrado no gráfico:

Gráfico 1 – Análise das variantes



Fonte: A autora (2023).

Com base no gráfico mostrado acima podemos concluir que a variante mais numerosa contida dos recortes retirados dos áudios seria o apagamento do /S/ abrangendo 48 dados. Logo em seguida, temos a fricativa alveolar surda com 25% (mais precisamente, 25,26%) dos dados, englobando 24 ocorrências e depois a fricativa palatal surda com 11% (mais precisamente 10,53%) dos dados abrangendo 10 realizações. Em menor número temos a fricativa laríngea surda, a fricativa laríngea sonora, a fricativa alveolar sonora e a fricativa palatal sonora englobando respectivamente 8, 3, 1 e 1 dados.

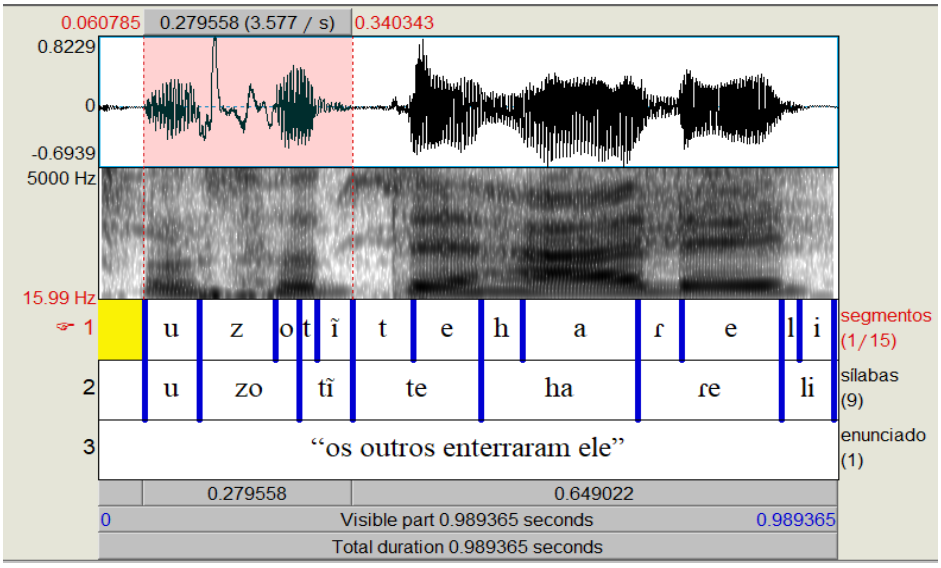
5.1 A ANÁLISE DO APAGAMENTO E DAS REALIZAÇÕES DE /S/ EM CODA SILÁBICA

5.1.1 O apagamento do /S/ em coda silábica

Neste capítulo de análise, para avaliarmos a possível interferência do Português indígena dos Latundê, apresentamos também resultados o comportamento variável da coda /S/ no português, a partir dos estudos disponíveis.

No Português, o fenômeno de apagamento do /S/ em coda da sílaba é muito comum e evidenciado em posição final da palavra, muitas vezes decorrente da não marcação da concordância nominal entre vocábulos. Scherre (1994) e outros autores que trabalham com esse aspecto da variação da concordância nominal na fala, salientam que no Português determinantes e sujeitos mantêm o /S/ indicando a marca do plural, sendo o apagamento do segundo constituinte sintagmático motivado pela redundância na marcação de plural. Isso nós podemos conferir na seguinte figura:

Figura 10 – Dado “os outros enterraram ele”



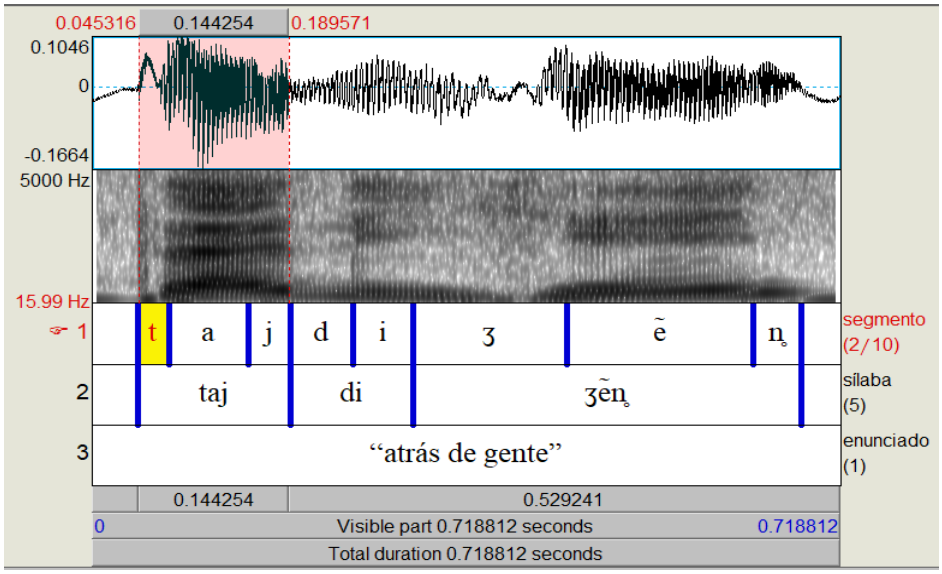
Fonte: A autora (2023)

Podemos observar que no determinante “os” há a marca de plural para indicar que se trata do fato de que mais de uma pessoa enterrou o indivíduo, porém, ao nos determos a palavra “outros”, verificamos seu truncamento reduzido, com o

apagamento da marca de plural, como também o apagamento da marca de plural no verbo: [uzotĩte'há'eli]. Com esse exemplo, observamos que além do fenômeno estudado, na perspectiva da transferência linguística, o português indígena também apresenta o apagamento da marcação redundante do plural.

Para entendermos como se comporta esse fenômeno na coda silábica, presente em posição final da palavra, vamos analisar outro exemplo. Na seguinte figura, observamos diversos fenômenos acontecendo no enunciado, mas vamos nos deter ao fenômeno em tela estudado:

Figura 11 – Dado "atrás de gente"



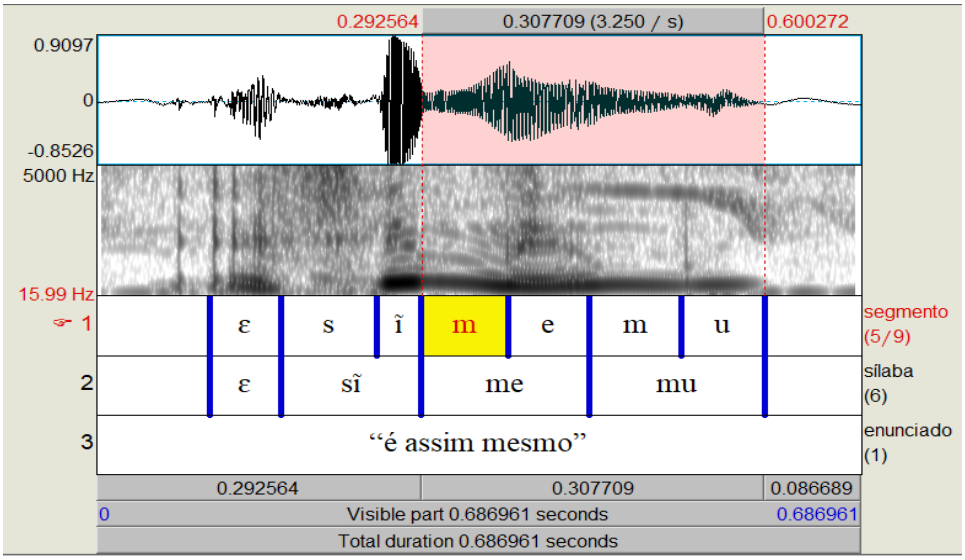
Fonte: A autora (2023).

Mais uma vez nos deparamos com uma palavra que foi reduzida. O constituinte "atrás" foi realizado como ['taj], ocorrendo o processo de metaplasmo chamado aférese, em que há a supressão de um fonema no início do vocábulo. Quanto ao fenômeno aqui discutido, a coda fricativa é apagada, deixando sua indicação através do semivocóide [j] decorrente da ditongação fonética. Esse fato é existente no português popular, não constituindo, portanto, um fenômeno de transferência em si mesmo.

De acordo com os dados que analisamos neste trabalho, as duas posições pertencentes ao vocábulo (medial e final) podem apresentar tal variação. Porém, diferente do Português, de acordo com a quantificação das ocorrências nos dados, 50% dos casos apontaram para o apagamento em coda medial e 50% em coda final. A análise dos dados se mostrou interessante ao ponto de que o apagamento do /S/,

que não é tão comum em posição medial da palavra no Português L1, mas que se mostrou alta na nossa comunidade bilíngue em tela. Um exemplo de apagamento medial segue na figura abaixo:

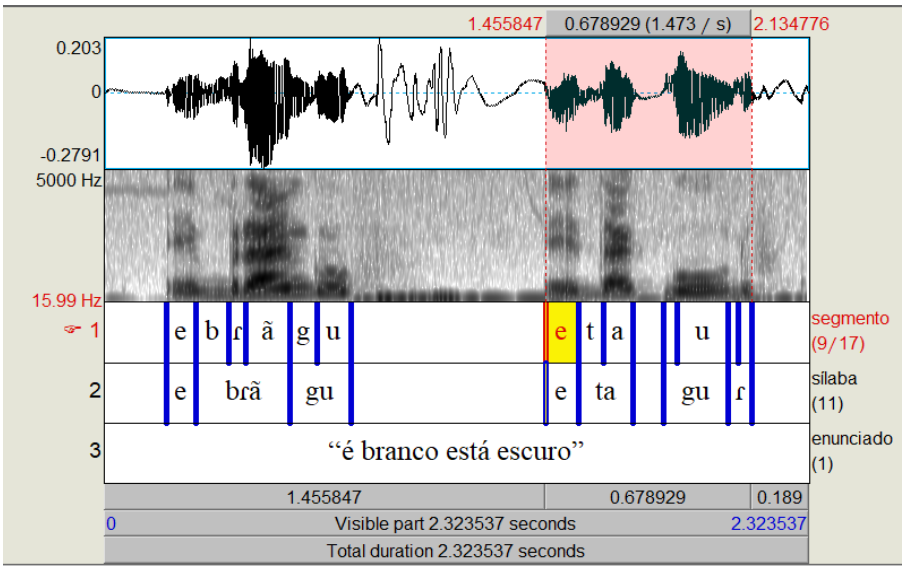
Figura 12 - Dado “é assim mesmo”



Fonte: A autora (2023).

Neste caso, o contexto em que se encontra o zero fonético está em posição medial na palavra “mesmo”, realizada como [‘memu]. Tal palavra mostrou em todas as suas ocorrências a condição de apagamento, fossem em áudios produzidos por Terezinha, por Antônio ou por Luiz. Porém, vamos examinar outros contextos e palavras que podem apresentar o zero fonético. No dado seguinte há duas palavras nas quais ocorrem o apagamento, conforme a seguinte transcrição fonética [‘e ‘brãgu e’ta‘gurʊ]:

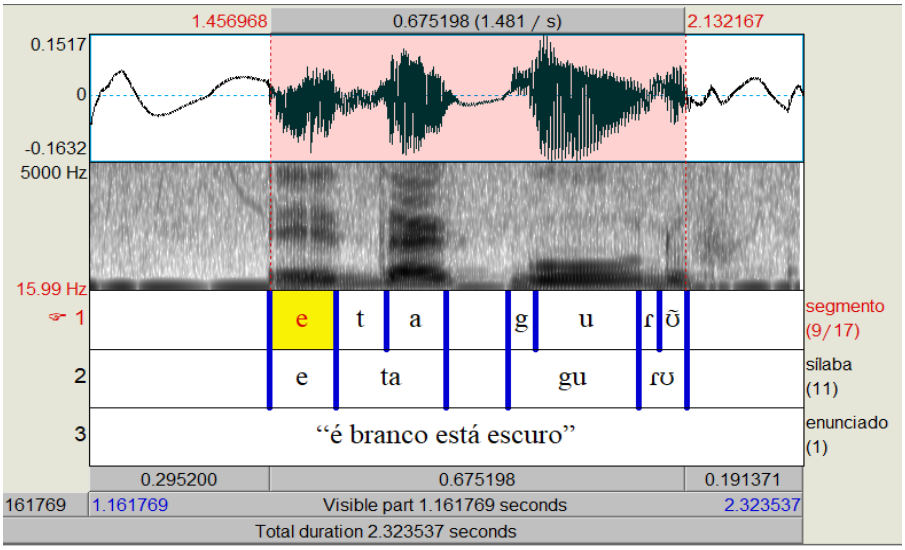
Figura 13 - Dado “é branco está escuro”



Fonte: A autora (2023).

Abaixo segue o recorte do dado acima, em que vemos o verbo “está” e o adjetivo “escuro”.

Figura 14 - Dado “é branco está escuro”



Fonte: A autora (2023).

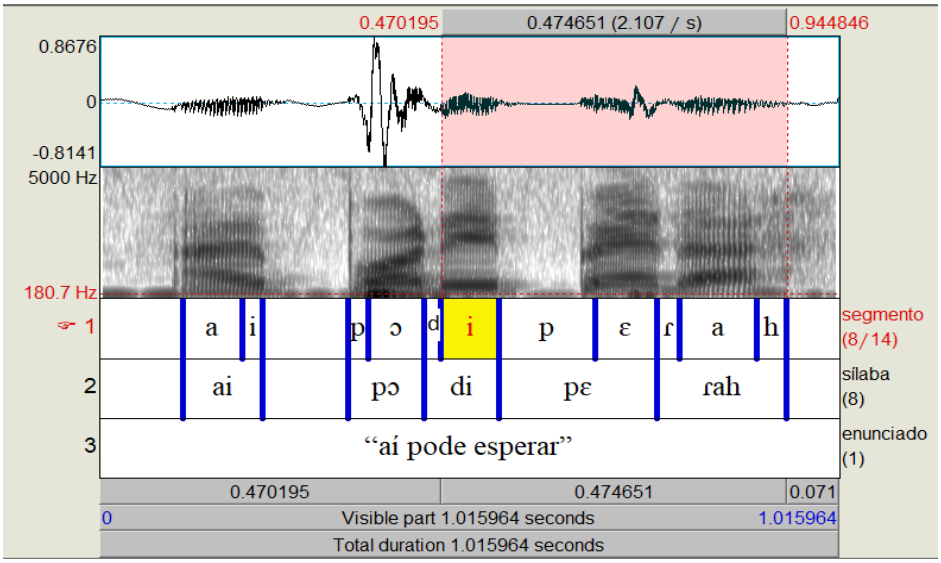
Na palavra “está” [e’ta], o contexto anterior do /S/ é a vogal média-alta [e] e o contexto seguinte a oclusiva alveolar surda [t]. No contexto diante de oclusiva, o apagamento do /S/ não seria esperado na produção do português L1, confirmando a interferência do Latundê na segunda língua. Já no segundo vocábulo, é importante

também ressaltar que houve um caso de aférese, com o apagamento não apenas do /S/, mas da sílaba inteira.

É necessário frisar que dentre nenhum dos trabalhos já desenvolvidos sobre o Português L1, acerca do fenômeno, se investiga a posição da coda medial, sendo o foco centralizado na coda final da palavra, provavelmente por não ser um fenômeno muito frequente no Português.

Saindo da condicionante de posição da sílaba, iremos nos deter ao contexto fonológico precedente, em que pode haver a presença de vogais ou semivogais. Ao analisarmos esse contexto, constatamos que houve maior frequência do apagamento do /S/ diante de vogais coronais: a vogal média-alta [e], a vogal média-baixa [ɛ] e a vogal alta [i], com um resultado de 47,92% dos casos. Podemos tomar como exemplo o seguinte dado:

Figura 15 - Dado “aí pode esperar”



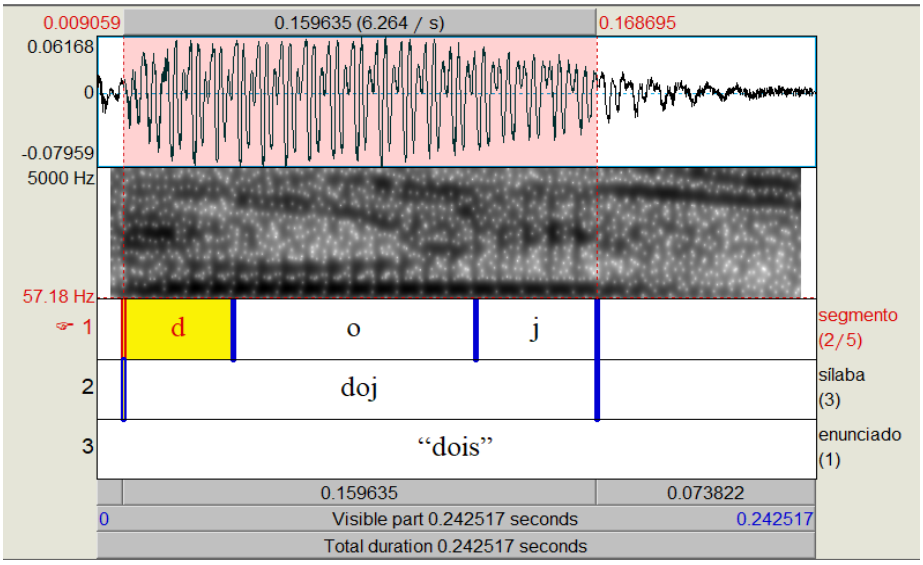
Fonte: A autora (2023).

Mais uma vez nos deparamos com um caso em que houve juntura de duas palavras, dessa vez “pode” e “esperar”. Nas duas palavras (vogal final de [‘pɔdi], e vogal inicial [ipɛ’ɾah]), ocorre o processo de alteamento da vogal coronal, resultando na vogal alta [i], que na juntura formam um único enunciado fonológico, [pɔdipɛ’ɾah]. Nesse contexto, o apagamento do /S/ ocorre também em contexto não esperado para o Português de L1, ou seja, quando o contexto seguinte é uma oclusiva. Esse fato nos leva a considerar que a transferência do Latundê, no que tange à inexistência da

fricativa pós-vocálica nesta língua, é operante e mais saliente do que a preservação da estrutura do Português, que não favorece o apagamento da coda diante de oclusivas.

Entretanto, independentemente do contexto seguinte, a vogal precedente parece condicionar mais o apagamento do /S/, conforme pode se observar no dado a seguir, no qual a fricativa encontra-se na posição final de palavra e enunciado.

Figura 16 - Dado “dois”



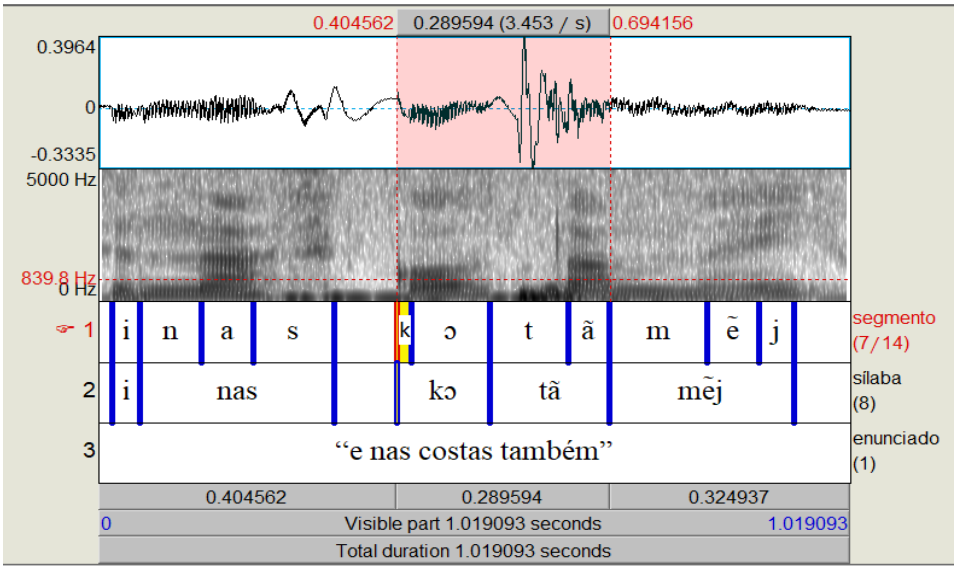
Fonte: A autora (2023).

No vocábulo “dois” podemos perceber que houve o apagamento da fricativa diante da semivogal palatal, [‘doj]. Nesse caso, o contexto do apagamento coincide com o comportamento do /S/ em variedades populares do Português. Dentre os casos em que houve o aparecimento da semivogal coronal [j] o resultado do apagamento foi de 29,17%, bem menos do que as vogais coronais, porém maior do que a porcentagem encontrada diante de outras vogais: 14,58% para vogais labiais [o, u, ɔ], 2,08% para a labial não tensa [ʊ], e 4,17% para a vogal dorsal [a].

Esses fatos diferem dos resultados apresentados por Ribeiro e Da Hora (2004), que mostraram que a vogal /u/ favoreceu a aplicação da regra do apagamento, enquanto a coronal /e/ desfavoreceu o apagamento do /S/ e a coronal /i/ se apresentou como ponto neutro. Não foram analisados ou não havia casos em que o contexto fonológico antecedente ocorresse a vogal /ɛ/. Esse estudo, sobre o Português L1, pode indicar uma evidência de que o traço coronal influencia no aparecimento do zero fonético do Português L2 dos Latundê.

A seguir apresentamos mais um dado no qual observamos o contexto fonológico seguinte:

Figura 17 - Dado “e nas costas também”



Fonte: A autora (2023).

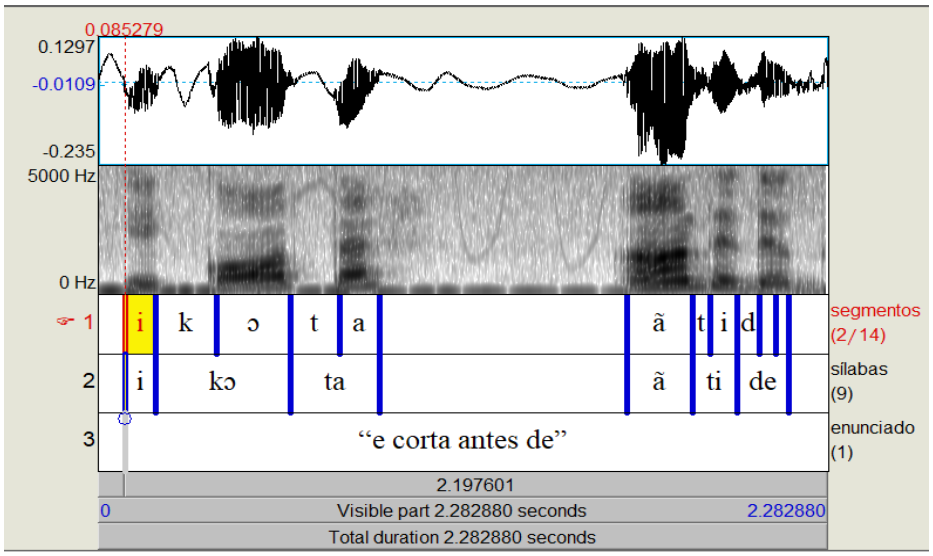
No dado acima, nós observamos a preservação do /S/ no determinante “nas” e o apagamento em dois contextos. Se, de um lado, a preservação do /S/ está de acordo com o que ocorre no Português, de outro lado, em [‘kɔtã’mẽj] podemos verificar o apagamento das duas codas fricativas da palavra “costas”. O primeiro apagamento ocorre em contexto no esperado para o Português, diante de consoante oclusiva, já o segundo se dá com o processo de truncamento na fronteira com a palavra seguinte “também”. No processo, a sílaba [tas] de “costas” é apagada sem prejuízo à percepção, uma vez que a sílaba da palavra seguinte, [tã] apresenta semelhança fônica com o material perdido. No que diz respeito ao ambiente seguinte ao do apagamento, observamos que em 29,16% dos casos o apagamento ocorre diante de consoante coronal.

Nos estudos de Guy (1981), não há evidências com relação ao contexto fonológico seguinte. O autor, assim como Ribeiro e Da Hora (1981), trata das vogais precedentes, como as favorecedoras da supressão do /S/. No estudo de Ribeiro e Da Hora (1981), a vogal também favorece a realização dos fones [h] e [ʒ], diferentemente de Guy, que considera esses casos discutíveis, por envolverem a neutralização que impossibilita saber ao certo se há o apagamento ou não. Porém, a maioria dos nossos dados se aproximam mais da análise de Sousa, Oliveira e Barros (2022), na qual

apontam o fato de a presença das consoantes serem maiores favorecedoras da, ou do apagamento do /S/.

Com base nisso, podemos examinar um caso em que provavelmente o aparecimento do zero fonético poderia ser altamente motivado, por se encontrar entre coronais, conforme o dado a seguir:

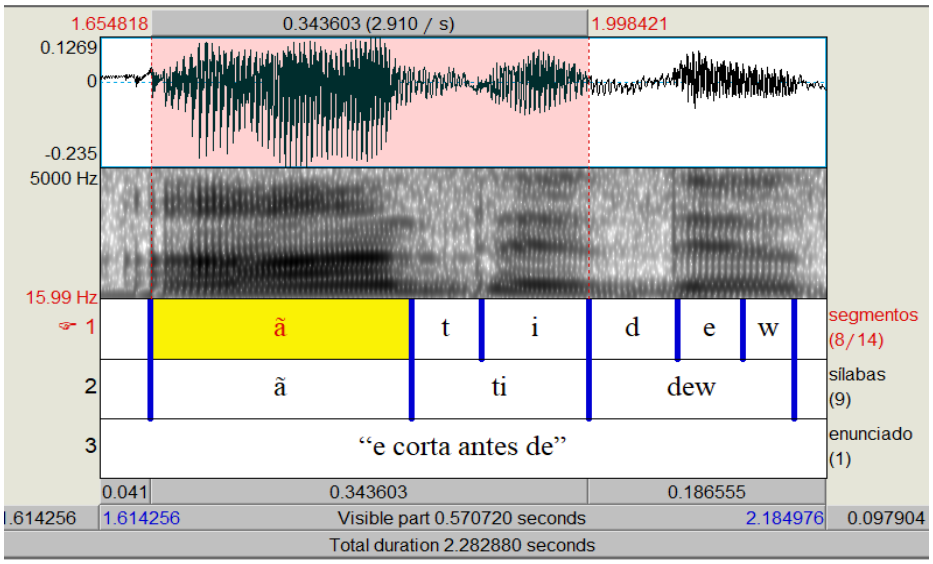
Figura 18 - Dado “e corta antes de”



Fonte: A autora (2023).

Abaixo apresentamos o recorte do dado acima, para melhor visualização:

Figura 19 - Dado “e corta antes de”

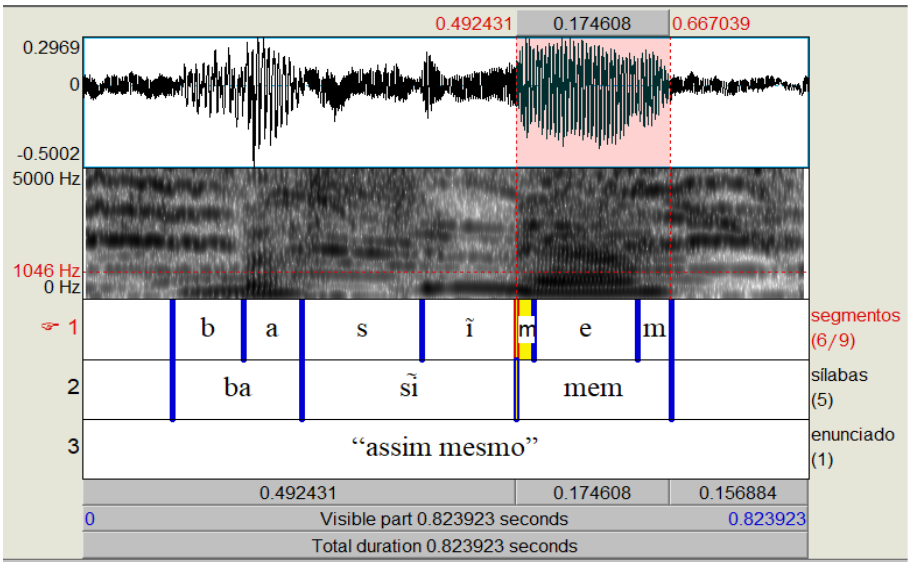


Fonte: A autora (2023).

Localizando-se na coda final do vocábulo podemos notar que tanto a vogal alta [i] quanto a consoante [d] possuem traço coronal, ambiente favorecedor do apagamento, além da restrição da língua a não realização do /S/.

Porém, a mesma porcentagem (31,25%) apresentou-se para o apagamento diante de consoantes labiais [p, b, m, f, v], o que aponta para o fator da transferência para o apagamento do /S/, como se vê na seguinte imagem:

Figura 20 - Dado “assim mesmo”



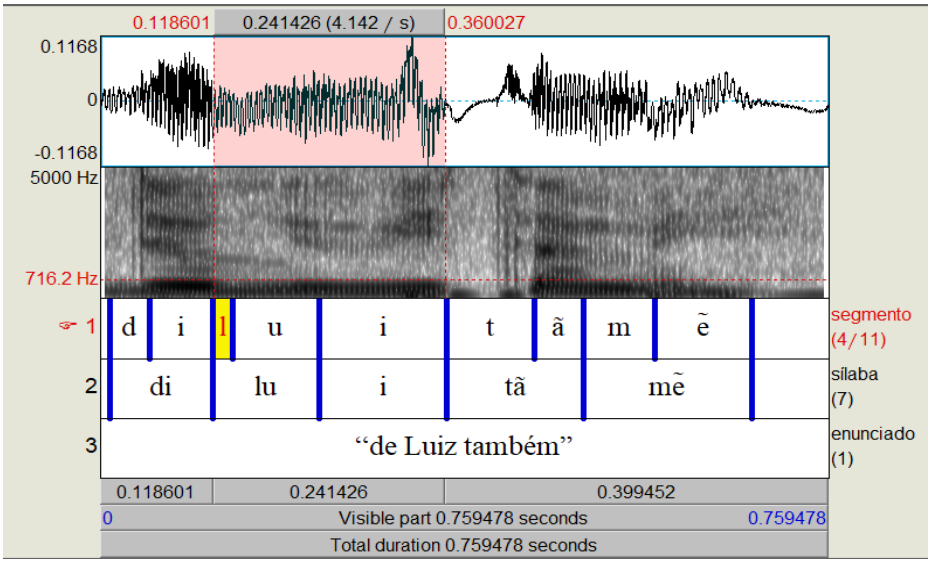
Fonte: A autora (2023).

No recorte anteriormente apresentado, podemos observar que além da apócope que ocorre no final do vocábulo, na qual a vogal [u] é apagada, podemos perceber que no meio da palavra o /S/ foi apagado, mostrando que diante da consoante labial [m] também ocorre o apagamento.

Referente a outras consoantes os resultados percentuais foram: 18,75% para consoantes dorsais [k, g, h], 14,58% para ausência de contexto seguinte e 4,17% para vogais e ditongos.

Também podemos nos centrar sobre o vozeamento da sílaba seguinte com relação ao apagamento do /S/. Com respeito a esse fenômeno, percebemos que o não vozeamento ou surdez presente na consoante seguinte pode se relacionar com o zero fonético, conforme podemos conferir no exemplo a seguir:

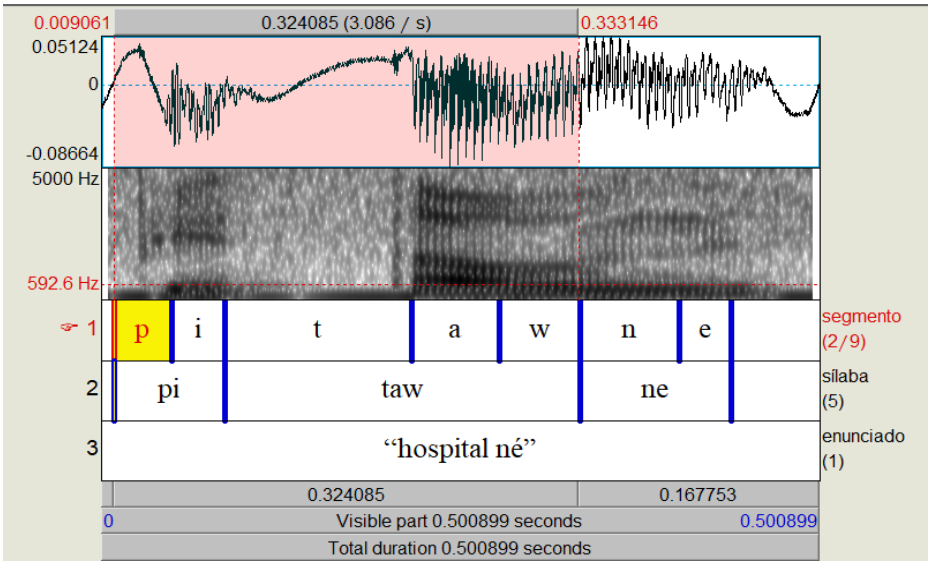
Figura 21 - Dado “de Luiz também”



Fonte: A autora (2023).

Observando a posição em que se encontra o apagamento, ou seja, no final da palavra “Luiz”, verificamos que o vocábulo subsequente é iniciado com o som [t], uma oclusiva alveolar surda. Tal comportamento também ocorre no seguinte dado, na posição medial de palavra:

Figura 22 - Dado “hospital né”



Fonte: A autora (2023).

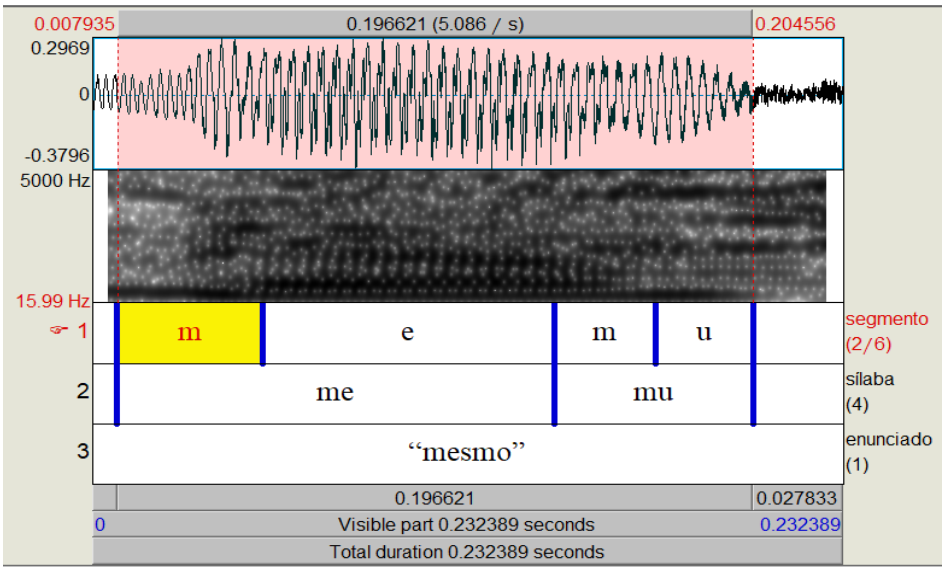
Nesse caso, observamos que a aférese que acontece no começo do vocábulo implica a perda de toda a sílaba inicial.

Nos dados analisados, em 50% dos casos havia a presença de uma consoante surda seguinte, que pode contribuir para o apagamento do /S/. Em relação aos outros fatores, o contexto vozeado apresentou o resultado de 35,42% dos casos e 14,58% para a ausência de contexto seguinte.

Mais uma vez nossos recortes diferem dos dados fornecidos por outras pesquisas desenvolvidas em relação ao assunto. Guy (1981) evidencia em seu trabalho que as consoantes vozeadas são mais propensas a influenciarem a deleção do /S/.

Um aspecto importante que encontramos na análise dos áudios disponíveis diz respeito às classes de palavras (nome e verbo), no que diz respeito aos morfemas de número. Inicialmente supúnhamos que essas classes apresentariam mais ocorrência de apagamento, decorrente da marcação redundante de plural no Português. Porém, ao examinarmos os áudios, nos deparamos com a expressiva ocorrência do zero fonético na classe dos advérbios, como podemos conferir no seguinte exemplo:

Figura 23 - Dado “mesmo”



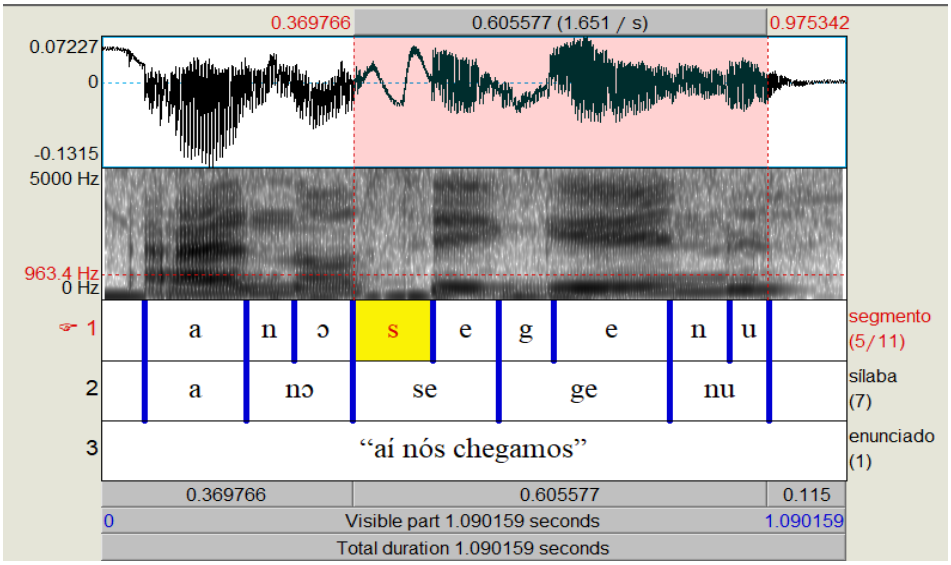
Fonte: A autora (2023).

De acordo com o apresentado acima, podemos verificar o apagamento na posição medial do vocábulo. O mesmo ocorre com os demais advérbios presente em nosso corpus, a saber, “atrás”, “mais” e “depois”, que também apresentam um apagamento sistemático da coda. Entretanto, é relevante considerarmos que nessas três últimas palavras o apagamento também ocorre no português popular de L1,

favorecido no Português L1 pela presença do ditongo precedente, seja ele fonológico ou fonético, resultando nas realizações [‘memu], [a’traj], [‘maj] e [de’poj].

Seguindo a classe dos advérbios, os verbos constituíram a classe na qual ocorreu a maior incidência de apagamento, conforme pode ser visto no dado a seguir:

Figura 24 – Dado “aí nós chegamos”

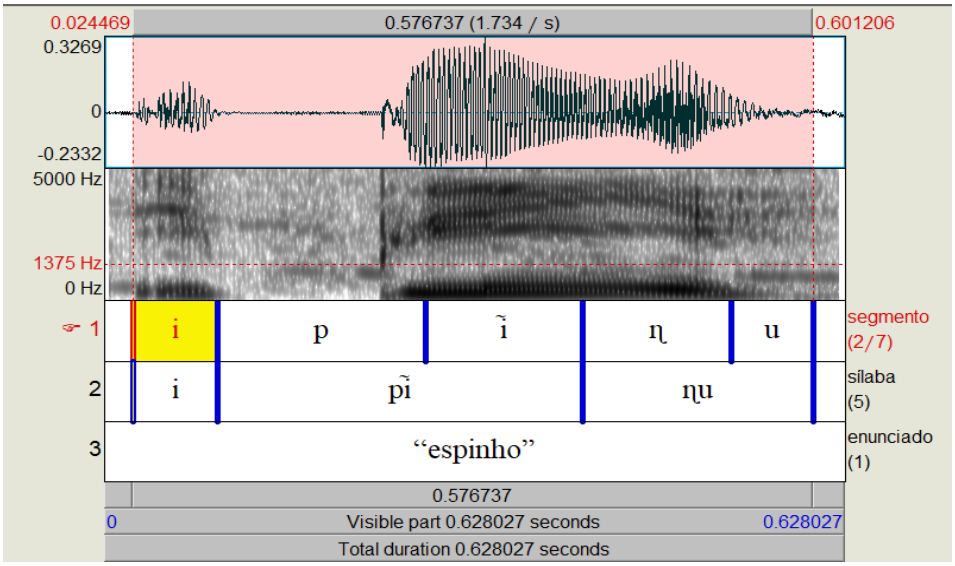


Fonte: A autora (2023).

No dado acima, houve apagamento na forma da palavra verbal “chegamos” que sofreu metafonia na primeira sílaba de forma que a vogal baixa [a] se tornou a média-alta [e] e o [s] de “nós” passou a ser onset da sílaba inicial de “chagamos”. Outro fenômeno observado na palavra verbal foi a anteriorização da consoante labial nasal /m/, que foi realizada como alveolar [n].

Em número de ocorrência, após a categoria do verbo, o substantivo apresentou um maior índice de ocorrência do fenômeno de apagamento. No dado a seguir, o apagamento ocorre na coda medial da palavra “espinho” que é realizada como [i’pĩɳu]:

Figura 25 - Dado “espinho”



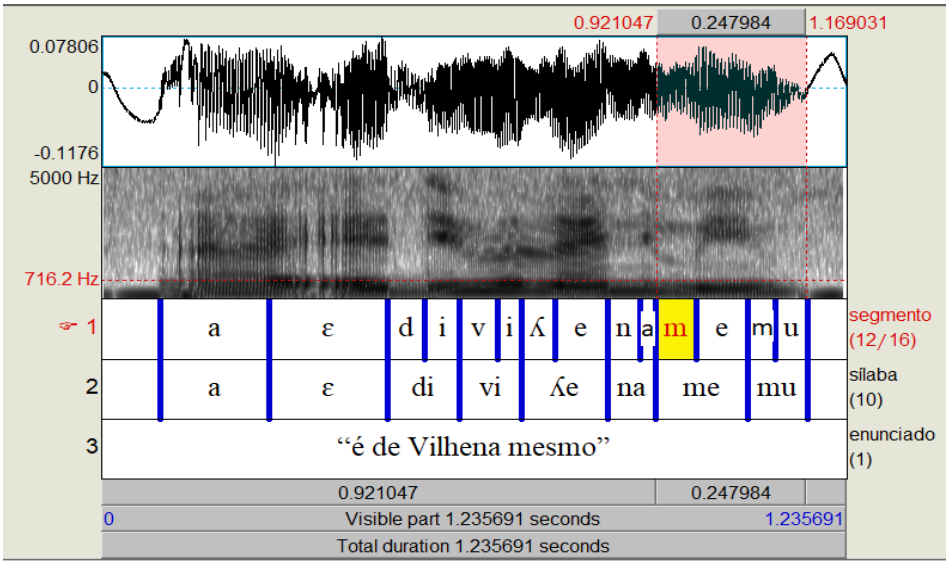
Fonte: A autora (2023).

A quantificação do número de ocorrências de apagamento no que concerne às classes de palavras, chegamos ao seguinte resultado: 33,33% nos advérbios, 29,17% nos verbos, 18,75% nos substantivos, 8,33% nos pronomes, 6,25% nos numerais, 2,08% nas conjunções e 2,08% nos adjetivos.

Semelhantes aos nossos resultados, a pesquisa de Brito (2020) pontua que os advérbios, os verbos e os substantivos são as classes favorecedoras para fenômeno. Já os resultados encontrados em Sousa, Oliveira e Barros (2022) referem a classe dos substantivos como maior favorecedora para a ocorrência do fenômeno. Ribeiro e Da Hora (2004), por sua vez, apontam em seu artigo que nas conjunções também ocorre o apagamento da sibilante. Em nosso trabalho, é importante destacarmos que todas as ocorrências de apagamento em conjunções se deram com o vocábulo “mas”, na qual ocorre o processo de ditongação, [‘mays], seguido do apagamento da fricativa.

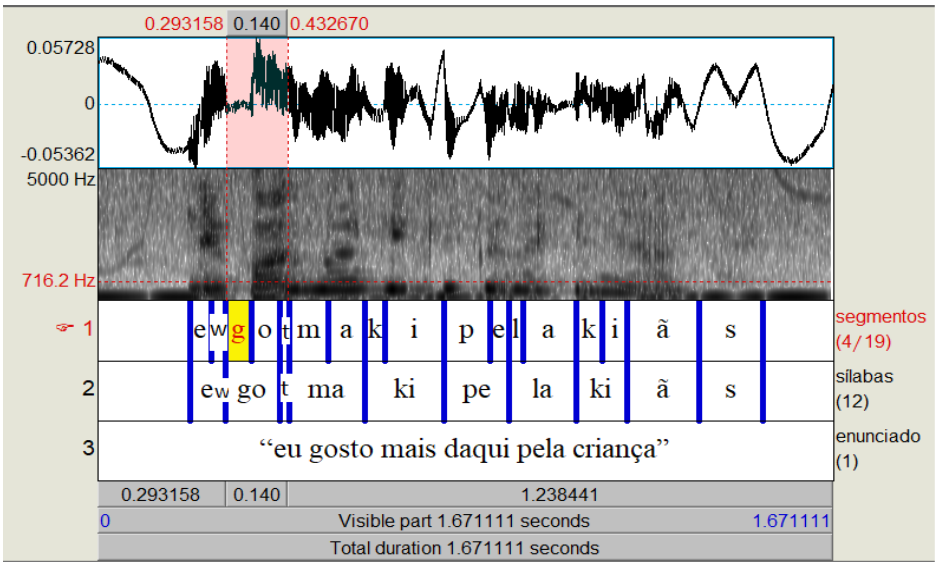
Em relação a quantidade de sílaba das palavras, foi constatado que os vocábulos dissilábicos apresentaram um maior número de apagamento do /S/ em coda silábica. Os dados a seguir ilustram esse comportamento:

Figura 26 - Dado “é de Vilhena mesmo”



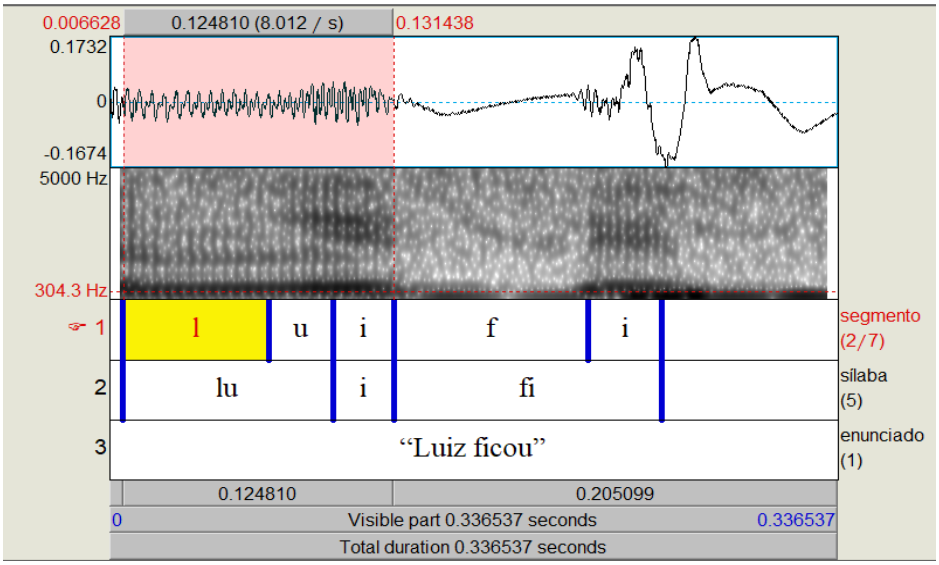
Fonte: A autora (2023).

Figura 27 - Dado “eu gosto mais daqui pela criança”



Fonte: A autora (2023).

Figura 28 – Dado “Luiz ficou”



Fonte: A autora (2023).

Como pode ser visto nos exemplos acima, o apagamento ocorre advérbio, verbo e substantivo, independente das restrições fonotáticas do português L1.

Quanto ao número de sílabas, o quantitativo das ocorrências do apagamento correspondem a 45,83% em vocábulos dissilábicos, 27,08% em monossílabos e 27,08% em trissílabos.

Sobre essa restrição, a pesquisa de Ribeiro e Da Hora (2004), sobre o Português L1, apresenta os vocábulos dissílabos como favorecedores da supressão do /S/ em coda silábica. Em contrapartida, o estudo de Sousa, Oliveira e Barros (2022) apontou que palavras trissílabas tendem a favorecer o apagamento do /S/.

É necessário evidenciar que apenas a observação dos condicionantes linguísticos não seria o bastante para nossa pesquisa, mesmo se tratando de uma análise qualitativa dos dados, dessa forma, consideramos os fatores sociais, de acordo com o perfil dos três sujeitos da pesquisa, Tereza, Antônio e Luiz. Consideramos, no perfil dos informantes, a condicionante geração, definida com relação ao contato com a sociedade envolvente, sendo a mulher nascida na geração pré-contato, e os dois homens na geração de pós-contato.

Nos áudios disponibilizados, observamos que na fala dos três indígenas há o apagamento da fricativa. Entretanto, o maior índice de ocorrência se deu na fala de Tereza, que apresentou 75% de apagamento nos dados analisados, enquanto Antônio e Luiz, da geração pós-contato, apresentaram 25% de apagamento da coda fricativa.

Com isso, podemos concluir que o fato de ser mulher ter adquirido o Português apenas na juventude responderia pelo maior índice do aparecimento do fenômeno.

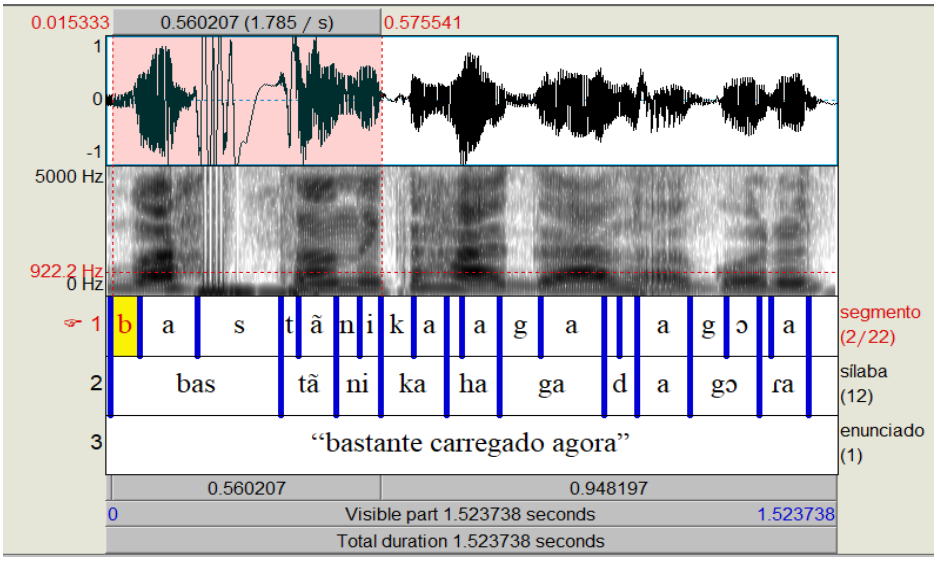
Consideramos ainda que a idade do aprendizado da L2 é mais relevante em nosso estudo, e que a tendência aos homens serem menos conservadores do ponto de vista linguístico (GUY, 1981; BRITO, 2020), não condiz com o contexto de nosso estudo.

5.1.2 O aparecimento da fricativa alveolar surda [s] em coda silábica

Além do apagamento, também consideramos as realizações das fricativas em contexto pós-vocálico, em face das realizações do arquifonema /S/ no Português, quais sejam: fricativa alveolar surda, [s]; fricativa alveolar sonora, [z]; fricativa alveopalatal surda, [ʃ]; fricativa alveolopalatal sonora, [ʒ]; fricativa glotal surda, [h], fricativa glotal sonora, [ɦ].

Ao longo da análise, observamos que a fricativa alveolar surda, [s], foi encontrada com a mesma frequência tanto na posição coda medial quanto na coda final. A seguir, apresentamos um exemplo da realização do [s] em coda medial de palavra:

Figura 29 - Dado “bastante carregado agora”

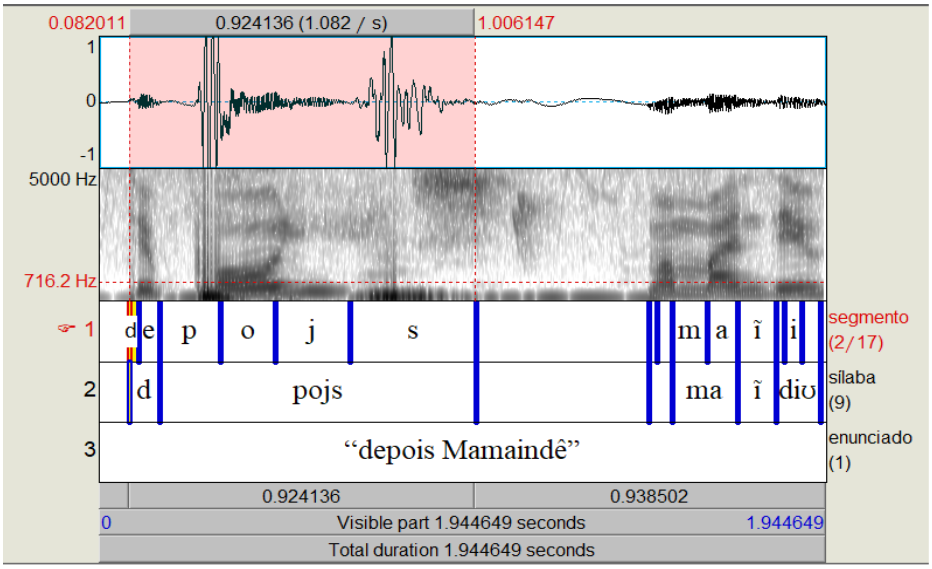


Fonte: A autora (2023).

Na palavra destacada “bastante”, o [s] é mantido em posição medial da palavra. Também podemos apontar, na mesma palavra, a coalescência do fone [t], que sofre uma nasalização promovida pelo ambiente nasal antecedente.

Já a fricativa alveolar surda em coda final, pode ser vista no seguinte dado:

Figura 30 - Dado “depois Mamaindê”



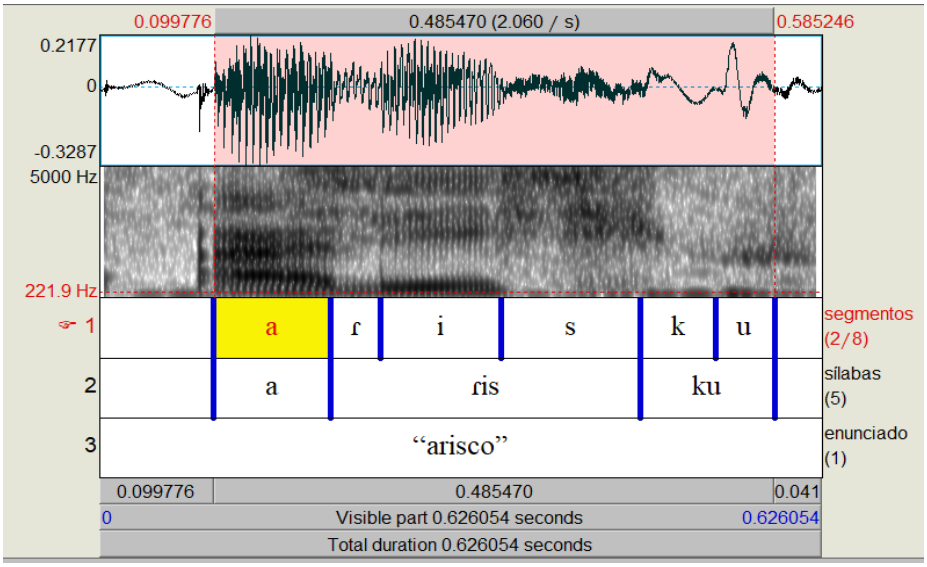
Fonte: A autora (2023).

Na figura acima, podemos observar a realização do [s] no final do vocábulo “depois”.

Quanto ao índice de ocorrência da fricativa alveolar surda, [s], relativamente à posição na palavra, observamos o aparecimento da fricativa alveolar em 54,17% dos em coda medial e 45,83% em coda final.

Quanto ao contexto fonológico precedente, observamos que a realização [s] apresentou o mesmo número de ocorrências, independente da qualidade e altura vocálica que a antecedeu. Diante das vogais coronais, [e, i, ɛ], e da vogal dorsal [a], o [s] ocorreu em 29,17% dos casos. Abaixo apresentamos um exemplo com a vogal coronal em contexto precedente.

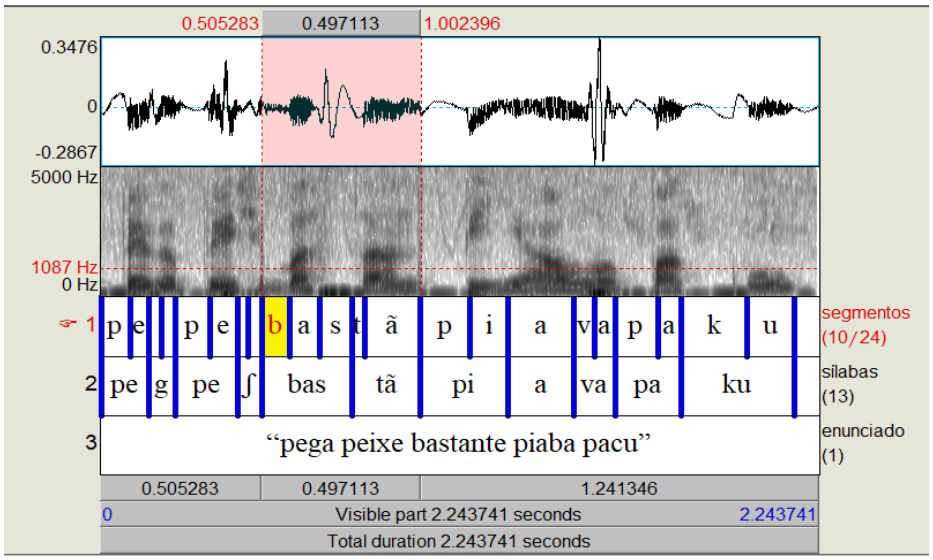
Figura 31 - Dado “arisco”



Fonte: A autora (2023).

Na próxima figura observamos a realização do [s]: diante da vogal [a]:

Figura 32 - Dado “pega peixe bastante piaba pacu”



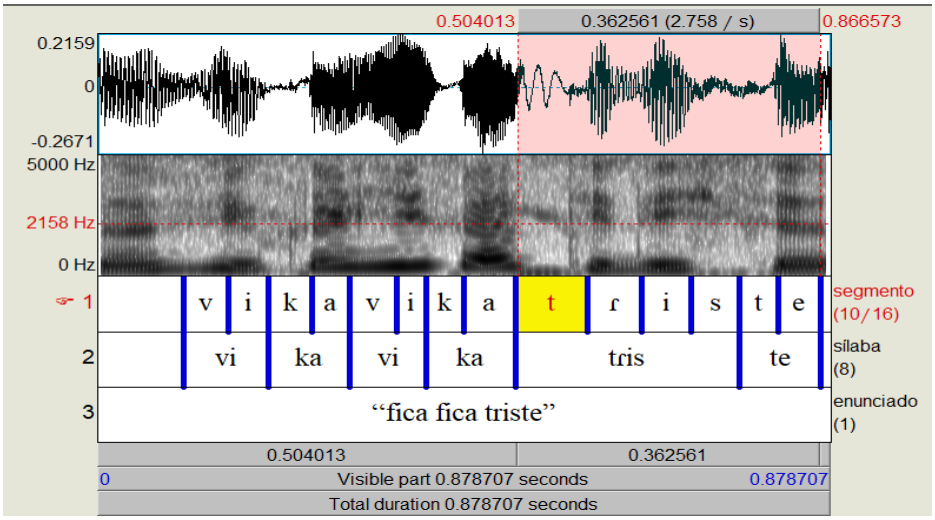
Fonte: A autora (2023).

O quantitativo das vogais labiais [o, u, ɔ], precedendo a realização do [s], correspondeu a 20,83% dos casos, e da semivogal [w] a 16,67% dos casos.

Quanto ao contexto fonológico seguinte, a realização da fricativa alveolar surda, [s], foi observada precedendo as consoantes coronais anteriores em 33,33% dos casos, as dorsais em 20,83% dos casos e o silêncio em 20,83% dos casos.

A seguir, apresentamos uma ocorrência do [s] diante da consoante coronal [t]:

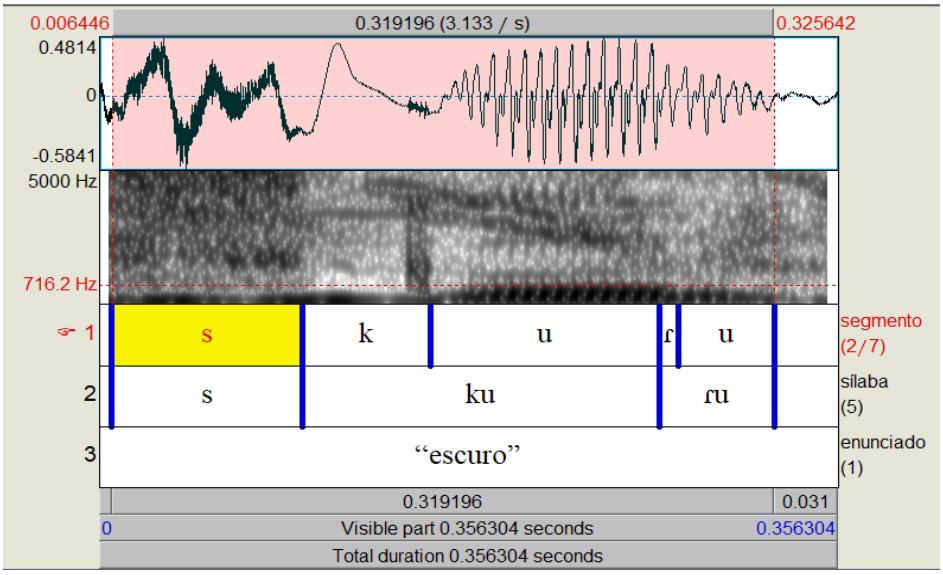
Figura 33 - Dado “fica fica triste”



Fonte: A autora (2023).

Na figura abaixo, apresentamos um dado com a realização do [s] diante de uma consoante dorsal:

Figura 34 - Dado “escuro”



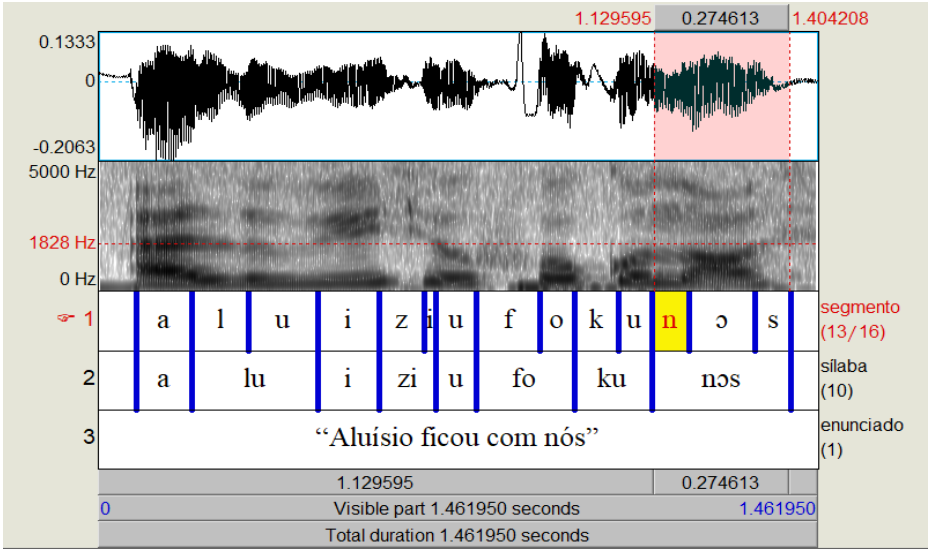
Fonte: A autora (2023).

Nesse dado observamos que o [s] é realizado diante da consoante dorsal [k]. Também há a ocorrência da aférese no início do vocábulo, com o apagamento da

vogal inicial, resultando numa sílaba que não ocorre no Português, visto que nesta língua a presença de /S/ no começo da palavra sempre é precedida por uma vogal nuclear.

A seguir apresentamos um exemplo com a realização da fricativa alveolar surda sem contexto fonológico seguinte:

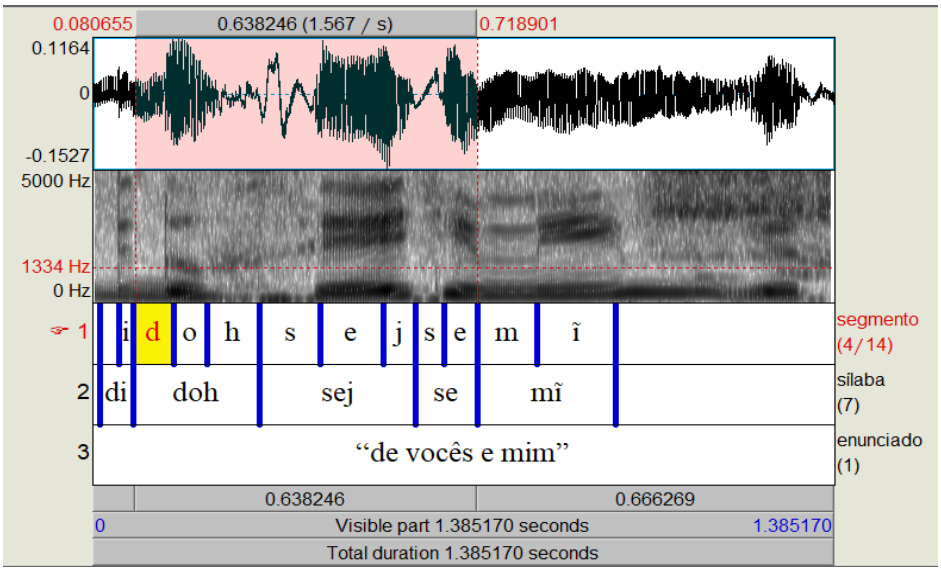
Figura 35 – Dado “Aluísio ficou com nós”



Fonte: A autora (2023).

Nesse caso, o pronome em que ocorre o aparecimento do [s] se localiza no final da frase, não havendo contexto fonológico seguinte. Nesse dado, vale salientar que a ditongação fonética antes do [s], “[‘nɔjs]”, não ocorreu, apesar de esse processo se encontrar operante na maioria dos dados analisados. Abaixo apresentamos um exemplo da realização do [s] diante da ditongação fonética:

Figura 36 - Dado “de vocês e mim”

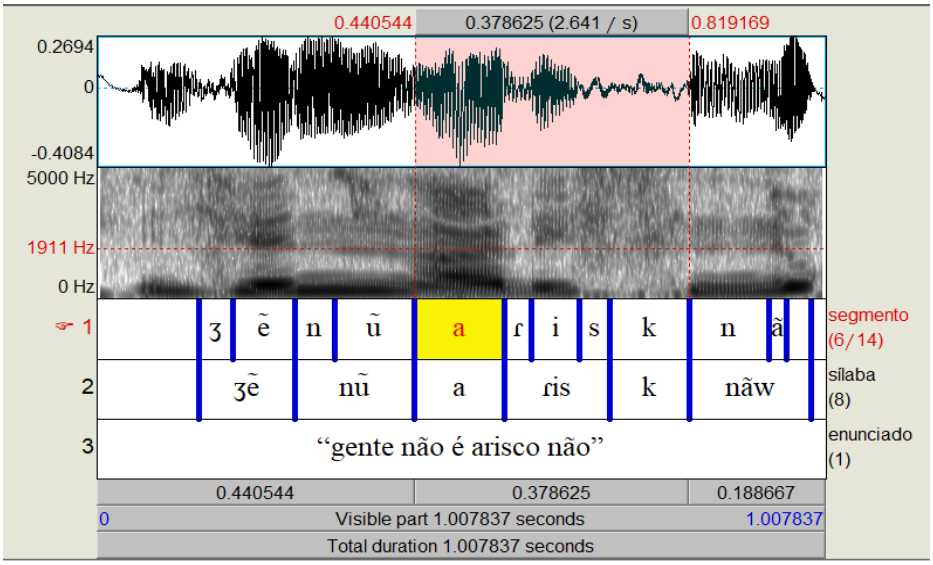


Fonte: A autora (2023).

No dado acima, podemos observar que a coda fricativa, com realização [s], é ressilabada no processo de juntura externa, passando a onset da sílaba seguinte, em [doh’sejse’mĩ].

Se tratando do vozeamento, a análise dos dados apresentou as consoantes desvozeadas seguintes com o maior quantitativo de ocorrências do [s] em coda, alcançando a 58,33% dos casos, como podemos verificar no seguinte exemplo:

Figura 37 - Dado “gente não é arisco não”



Fonte: A autora (2023).

Como podemos observar, a palavra em questão tem a consonante oclusiva velar surda [k] no contexto seguinte. A adjacência de uma consoante surda ou sonora promove categoricamente a assimilação da fricativa precedente no português ([‘kaska], [‘lezma]), entretanto, no Português L2 dos Latundê esse fenômeno não é operante. Pontuamos sobre isso o fato de no Latundê não existir o fonema fricativo sonoro, o que deve interferir na produção da L2 pelos indígenas.

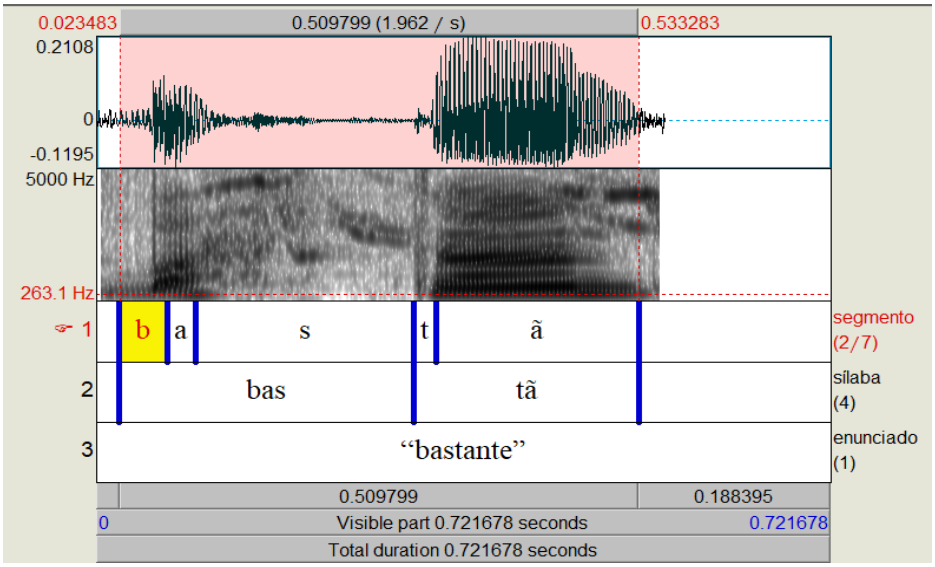
Ainda com relação ao dado acima, observamos o processo de apócope no ditongo do vocábulo que aparece no final do enunciado, cuja realização não é operante na língua portuguesa.

Quanto aos quantitativos da ocorrência do [s] diante de consoantes sonoras e do silêncio, identificamos os seguintes percentuais: 20,83% em contexto vozeado e 20,83% para ausência de contexto.

Considerando o fator classe de palavras, observamos que a fricativa surda [s] ocorre mais nos advérbios, nos adjetivos e nos pronomes, apresentando os seguintes percentuais: 29,17% em advérbios, 29,17% em adjetivos e 25% em pronomes.

A seguir apresentamos exemplos com a ocorrência do [s] nessas classes de palavra:

Figura 38 - Dado “bastante”

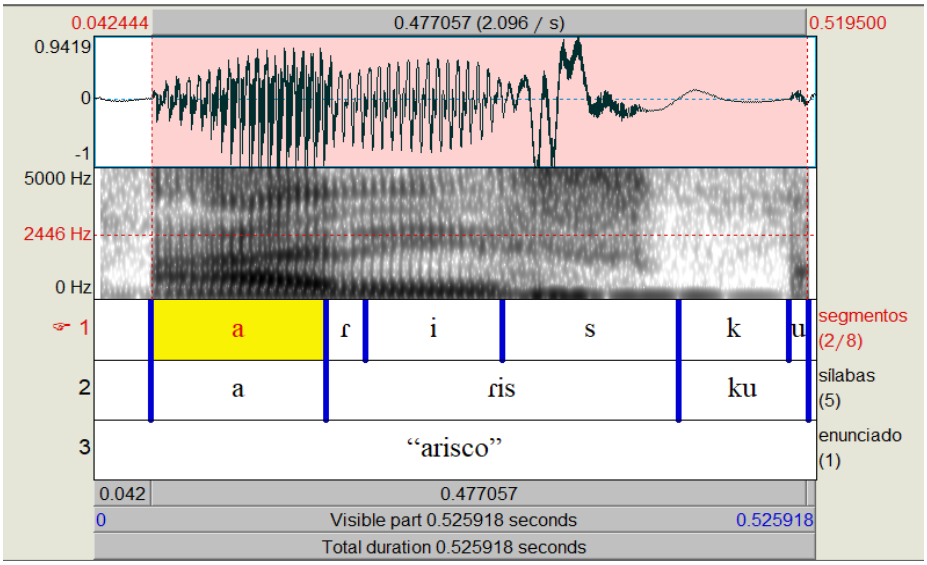


Fonte: A autora (2023).

No exemplo acima, além da ocorrência do [s], destacamos o processo de apócope no advérbio “bastante”, que foi realizado com a supressão da última sílaba: [bas’tã].

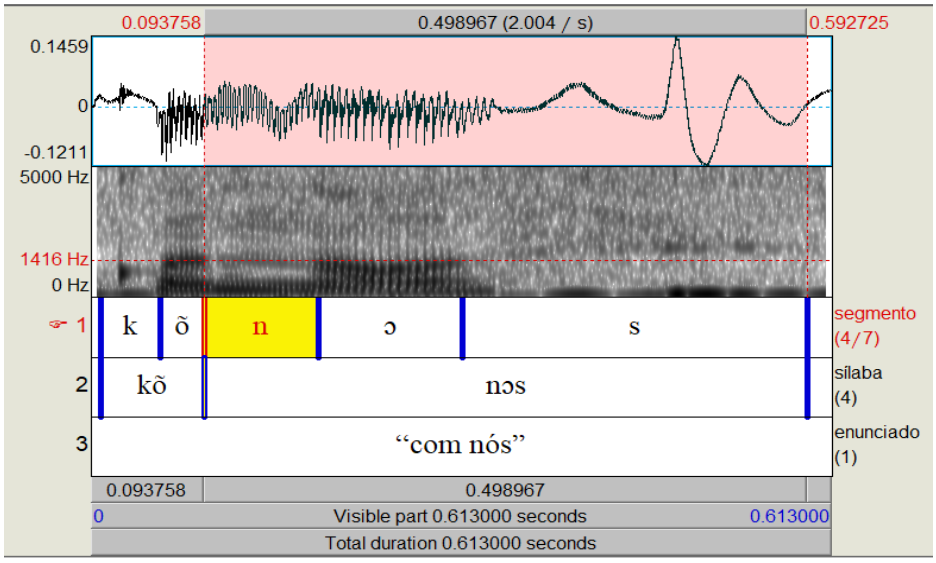
Nos seguintes exemplos, ilustraremos a ocorrência do [s] nas classes do adjetivo e do pronome:

Figura 39 - Dado “arisco”



Fonte: A autora (2023).

Figura 40 – Dado “com nós”



Fonte: A autora (2023).

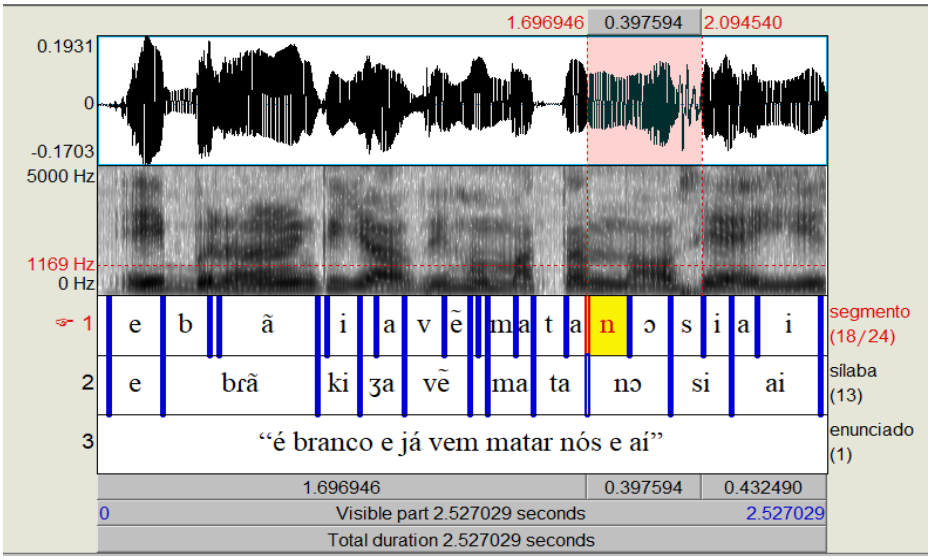
No primeiro dos dois exemplos acima, podemos verificar a realização da fricativa alveolar surda [s] no adjetivo “arisco”, [a’risku]. No segundo exemplo, também atestamos a realização da fricativa [s], que ocorre de forma alongada e sem força articulatória.

Com relação às demais classes de palavra, o [s] ocorreu em 12,5% dos substantivos e 4,17% dos numerais.

Nossas análises concordam em parte com as pesquisas de Ribeiro (2006, *apud.* Pedrosa e Da Hora, 2009) quando aponta que os adjetivos e os pronomes condicionam o aparecimento da fricativa alveolar desvozeada, porém os autores acrescentam em seus resultados as conjunções e os numerais.

Sobre a condicionante quantidade de sílabas, verificamos a realização do [s] pós-vocálico em palavras monossilábicas, dissilábicas e trissilábicas, como é atestado exemplos a seguir:

Figura 41 - Dado “é branco e já vem matar nós e aí”

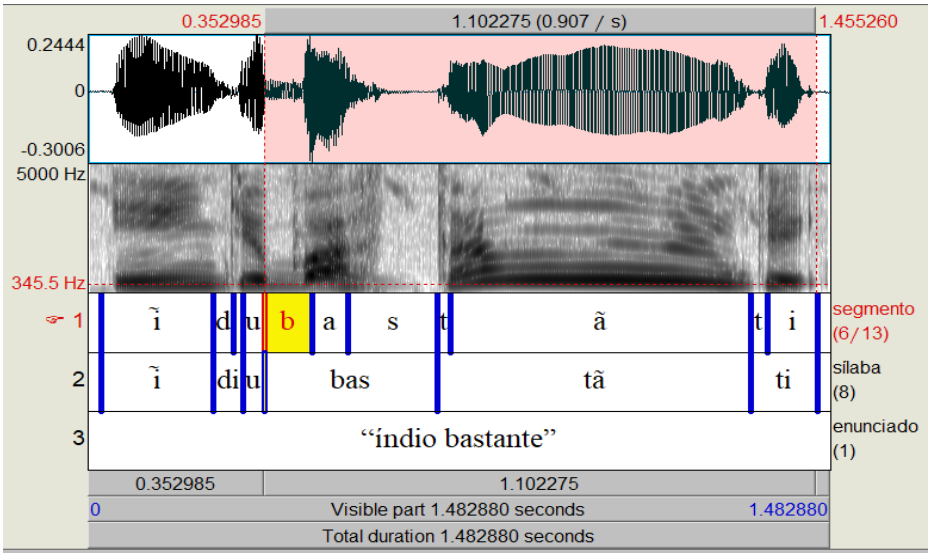


Fonte: A autora (2023).

No dado acima, a fricativa [s] presente na palavra pronominal monossilábica “nós”, além de ser realizada sem promover a ditongação no núcleo silábico, é ressilabada, passando a onset da sílaba seguinte, constituída pela conjunção “e”. Importa destacarmos que, como mencionado acima, quando tratamos do vozeamento do /S/, que mesmo em processo de ressilabação a realização da fricativa alveolar

sonora [z] não ocorre, muito provavelmente pelo fato de no Latundê não haver esse segmento fonético ou fonológico.

Figura 42 - Dado “índio bastante”



Fonte: A autora (2023).

No exemplo acima, encontra-se um vocábulo trissilábico, da classe dos advérbios.

Quanto aos percentuais, foram encontrados os seguintes valores no que tange o número de sílabas da palavra: em 37,5% dos dados o [s] ocorreu em palavras monossílabas, em 37,5%, palavras trissílabas e em 25% dos dados, em palavras dissílabas.

Em estudos sobre o Português, o de Ribeiro (2006, *apud.* Pedrosa e Da Hora, 2009), afirma que as palavras monossílabas são mais propensas ao uso da fricativa alveolar desvozeada, enquanto o de Simões considera que a fricativa desvozeada ocorre independentemente do número de sílabas.

Acerca dos condicionantes sociais, Tereza, da geração pré-contato, tendeu a produzir mais a fricativa alveolar surda com 87,5% dos casos, enquanto os informantes homens e da geração de pós-contato apresentaram menos casos com a realização da fricativa em questão, apresentando 12,5% dos casos.

No Português, poucos trabalhos são voltados apenas para a realização da fricativa alveolar surda [s], uma vez que, sendo esse som menos marcado, é o mais frequente e menos condicionado. Nessa direção, destacamos o trabalho de Simões

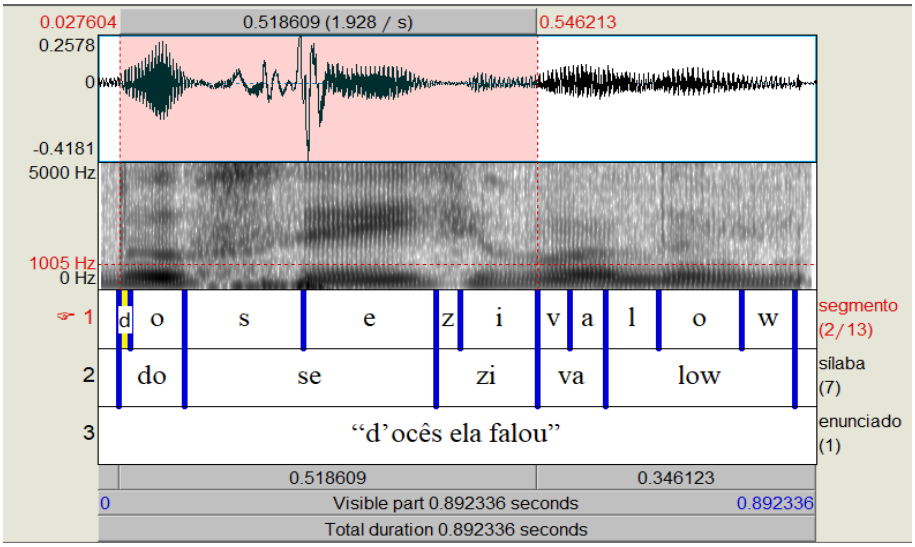
(2010), no qual verificou que homens e mulheres são propensos a realizarem a fricativa alveolar desvozeada, porém os homens tendem a palatalizar mais. Nesse sentido, os autores investigam com pormenor sobretudo o fenômeno da palatalização, da aspiração e do apagamento do /S/.

5.1.3 O aparecimento da fricativa alveolar sonora [z] em coda silábica

Neste tópico iremos nos deter apenas ao único caso em que se verificou a ocorrência da fricativa alveolar sonora [z]. Como pontuamos anteriormente, a razão da não realização da fricativa sonora em nosso corpus, em contraste à assimilação de sonoridade, categórica da coda /S/ no português, deve-se à não existência de fricativas sonoras no Latundê. Na casse das fricativas, essa língua tem em seu inventário fonológico apenas a consoante fricativa alveolar surda, /s/, que ocorre em onset silábico, e a fricativa glotal surda, /h/, que ocupa a posição de onset e coda silábica. (TELLES, 2002). Esse comportamento, observado no português dos Latundê, evidencia de forma marcante a transferência da língua materna na L2.

O único caso em que observamos a fricativa sonora /z/, segue abaixo apresentado:

Figura 43 – Dado “d’ocês ela falou”



Fonte: A autora (2023).

Como se vê acima, a fricativa /S/ ocupa a posição final da palavra “vocês”, sendo ressilabada foneticamente como /z/ e passando à posição de onset da sílaba seguinte, em processo de juntura externa.

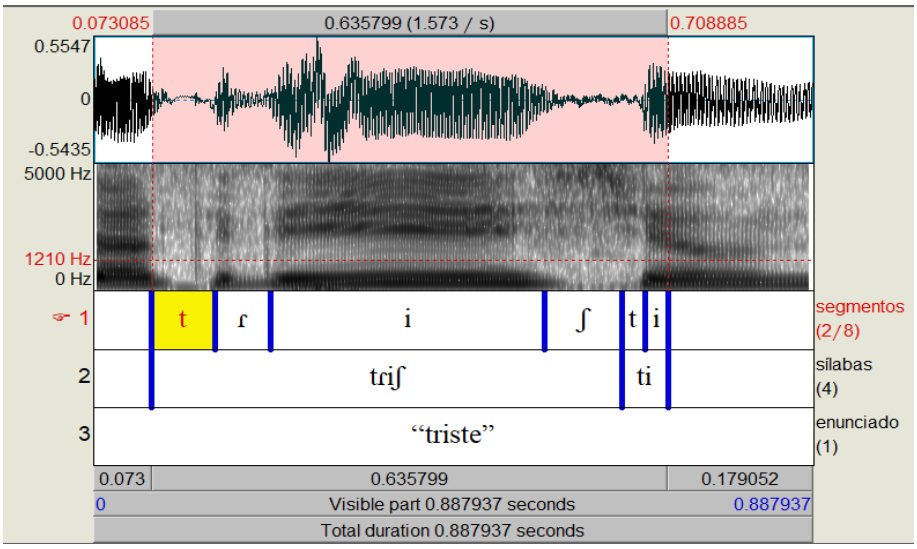
Mediante às condicionantes sociais, essa ocorrência foi produzida pela mulher, que faz parte geração de pré-contato.

5.1.4 O aparecimento da fricativa palatal surda [ʃ] em coda silábica

Além do apagamento e da variante alveolar surda /s/, nos dados analisados também identificamos a realização, embora que com baixo índice de ocorrência, da fricativa palatal surda, [ʃ], e da fricativa palatal sonora [ʒ]. Nesse tópico, iremos nos deter sobre a palatalização da fricativa /S/.

Nos poucos exemplos encontrados com a fricativa palatal surda, /ʃ/, sua ocorrência se deu em maior quantidade na posição da coda medial de palavra, apresentando a incidência de 70% dos casos. Na posição de coda final de palavra o percentual foi de 30% dos casos. Abaixo segue um exemplo com a fricativa palatal em posição medial:

Figura 44 - Dado “triste”

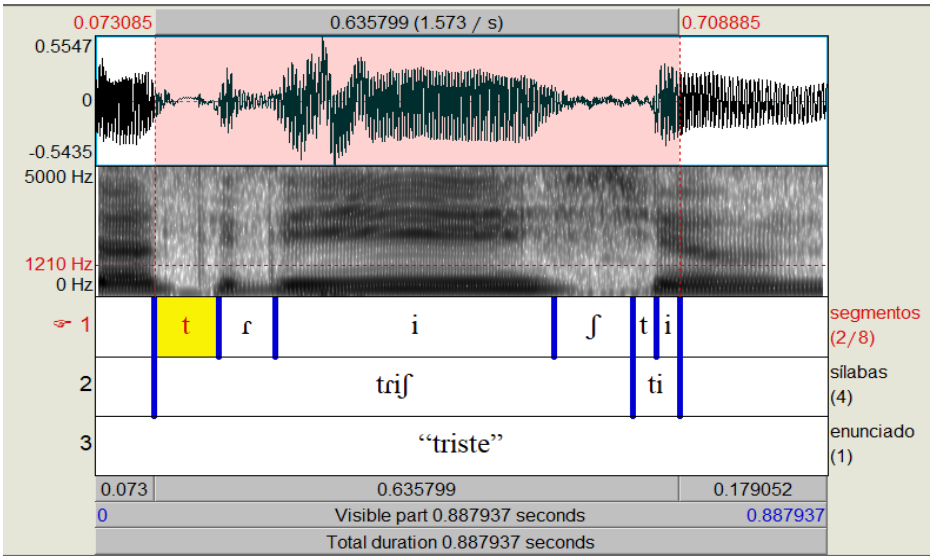


Fonte: A autora (2023).

Para o português L1, Brandão (2008) também identificou a maior ocorrência da palatal /ʃ/ em posição medial de palavra.

Com relação ao contexto fonológico antecedente, encontramos a presença de vogais coronais, com mais frequência, precedendo a ocorrência da fricativa palatal surda, correspondendo a 40% dos casos. Abaixo segue um exemplo dessa ocorrência:

Figura 45 - Dado “triste”



Fonte: A autora (2023).

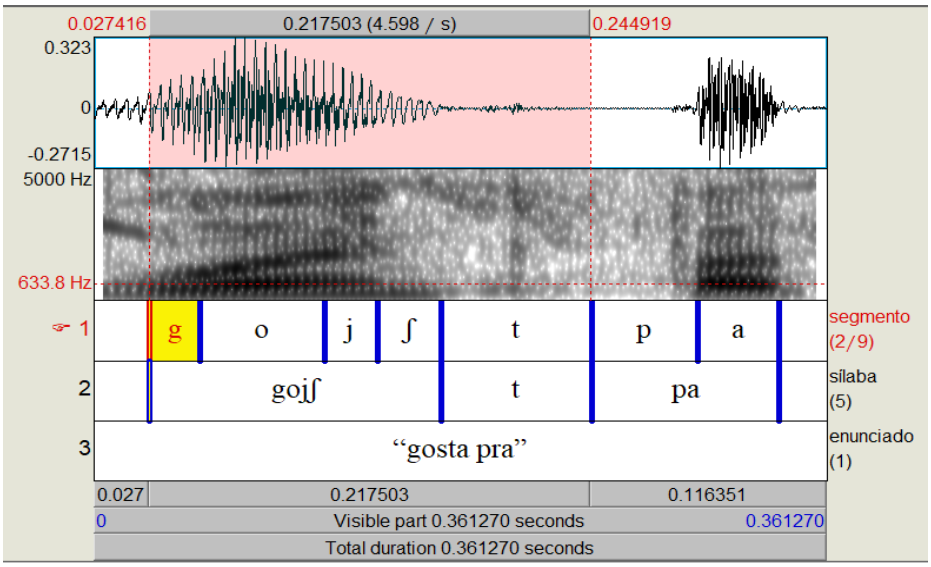
Analisando o seguinte recorte percebemos a incidência da vogal coronal e alta [i] no contexto fonológico antecedente ao aparecimento da fricativa palatal surda corroborando a teoria de que a vogal coronal alta favorece a ocorrência da palatal, assim como da fricativa tipologicamente menos marca, [s]. (Cf. seção 6.2.).

Nossa análise parece ir de encontro com o artigo de Santos (2012), no qual aponta para as vogais [e] e [i] como favorecedoras da palatalização, e com o estudo de Bassi (2011), que afirma que as vogais coronais em contexto fonológico antecedente influenciam no aparecimento do fenômeno.

Em relação aos outros valores correspondentes à ocorrência da palatal frente às vogais, obtivemos os seguintes resultados: 30% para vogais labiais [o, u, ɔ], 20% para a semivogal palatal [j] e 10% para a vogal dorsal [a].

No que discerne ao contexto fonológico seguinte, também encontramos grande incidência de consoantes coronais, assim como o verificado para a ocorrência do fone [s]. O contexto coronal seguinte correspondeu a 60% dos casos, como podemos ver no seguinte exemplo:

Figura 46 - Dado “gosta pra”



Fonte: A autora (2023).

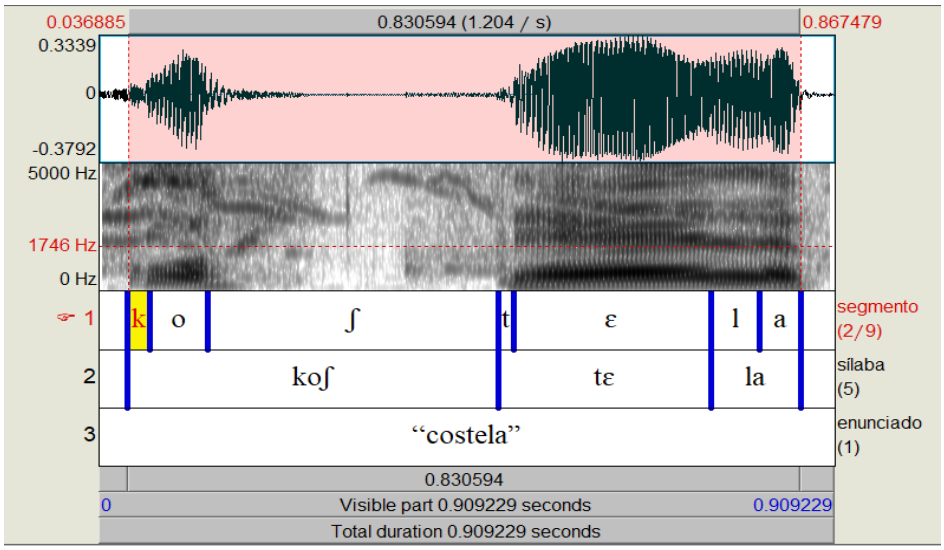
No recorte em análise, observamos a presença da consoante coronal [t] no contexto fonológico seguinte, a qual pode contribuir para a realização da fricativa palatal surda [ʃ]. Sobre o dado em questão, importa salientar que além da palatalização, ocorre o processo de ditongação na sílaba tautossilábica, o que pode ter também contribuído para a realização do /S/ palatal, [ʃ].

O contexto coronal seguinte no português, foi observado nos trabalhos de Macedo (2004) e Saraiva (2000), diferentemente de outros estudos que não consideraram as coronais em contexto fonológico seguinte no favorecimento da palatalização.

Referente aos valores das demais variáveis encontrados em nosso estudo, chegamos aos seguintes resultados quanto à ocorrência da palatal em face do contexto seguinte: 30% na ausência de contexto fonológico seguinte e 10% diante das consoantes dorsais [k, g, h].

Com relação ao vozeamento, assim como foi observado com a fricativa alveolar surda [s], a realização surda preponderou em contexto desvozeado seguinte. 70% dos casos da fricativa palatal ocorreram em contexto desvozeado, enquanto em 30% dos casos a fricativa ocorreu na ausência de contexto. Consideramos relevante pontuar que ambos os contextos não são vozeados, o que contribui também para a realização palatal surda. Podemos conferir a fricativa palatal no seguinte dado:

Figura 47 – Dado “costela”



Fonte: A autora (2023).

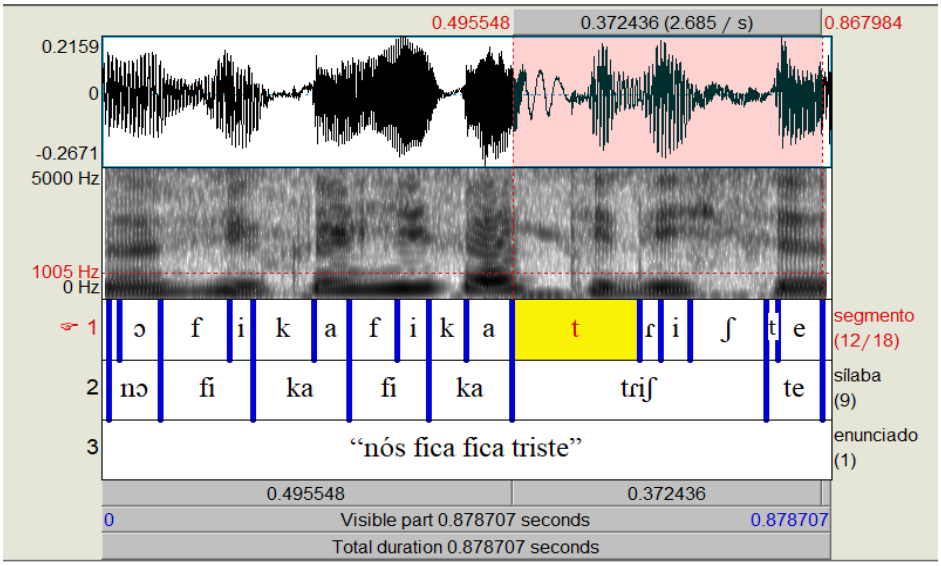
Com o exemplo acima podemos verificar identificar um dos dois fatores contribuintes para a ocorrência da fricativa palatal surda [ʃ]: consoante desvozeada seguinte.

A fricativa palatal surda não foi observada em contexto sonoro seguinte. Além da presença da palatal diante de contexto desvozeado, encontramos alguns poucos casos da realização da palatal diante do silêncio.

O não vozeamento do silêncio também condiciona a realização palatal surda no português, conforme pode ser verificado em Brescancini (2004). Segundo a autora, o contexto subsequente surdo foi responsável pelo não vozeamento da coda fricativa no português.

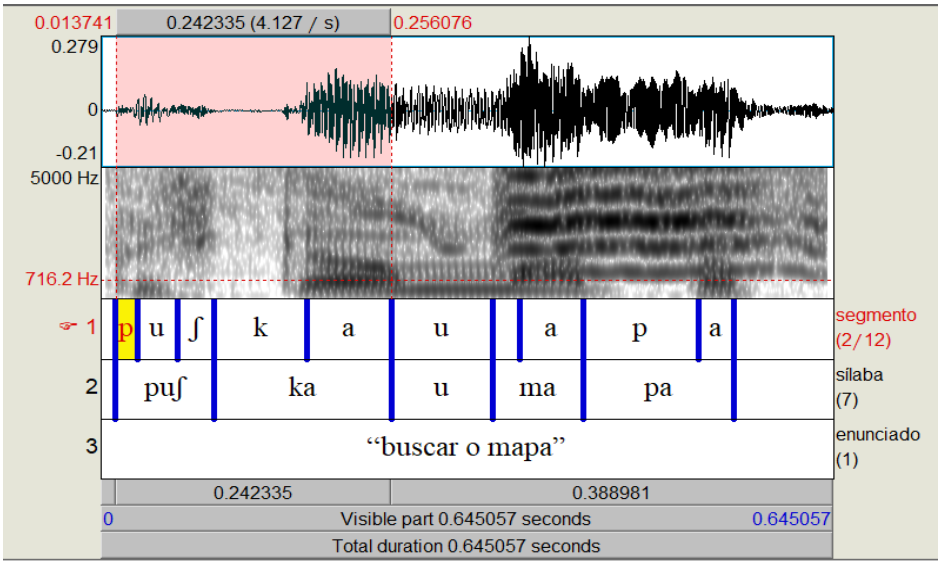
Em relação à classe de palavras, encontramos duas classes que mostraram a fricativa em tela com mais frequência, os adjetivos e os verbos. Nas figuras a seguir, apresentaremos exemplos contemplando as duas classes de palavras, respectivamente:

Figura 48 – Dado “nós fica fica triste”



Fonte: A autora (2023).

Figura 49 – Dado “buscar o mapa”

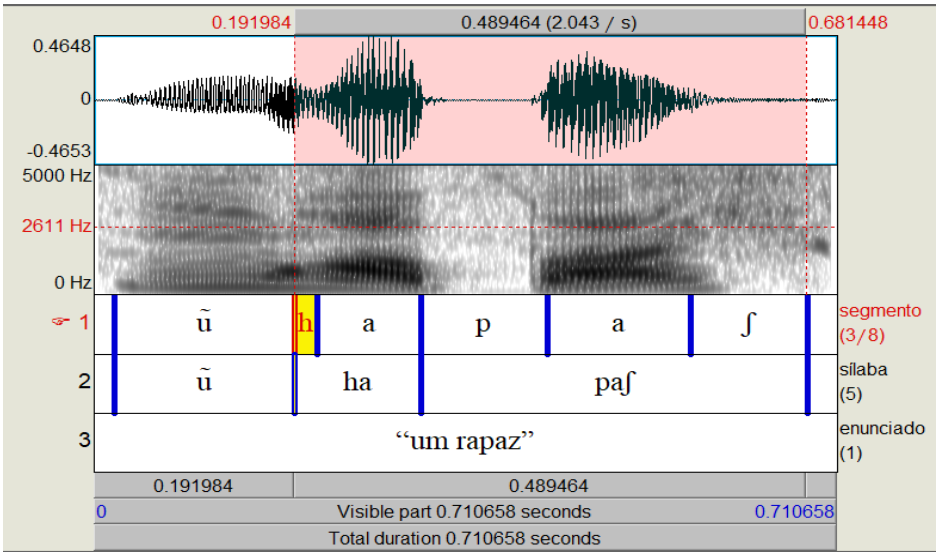


Fonte: A autora (2023).

No primeiro exemplo acima, observamos que a fricativa palatal ocorre em contexto altamente motivador da palatalização. Por outro lado, a palatalização também ocorre independente do contexto coronal, como pode ser visto no segundo dado.

Quanto à extensão do vocábulo, nas palavras dissílabas observamos a maior ocorrência da fricativa palatal surda [ʃ]. O dado abaixo ilustra a realização palatal em dissílabos:

Figura 50 - Dado “um rapaz”



Fonte: A autora (2023).

O exemplo acima corresponde a uma das raras ocorrências da palatal em substantivo seguindo uma vogal baixa dorsal [a] e antecedendo o silêncio. Diante disso, não podemos avaliar com maior segurança extensão do vocábulo seria uma condicionante relevante.

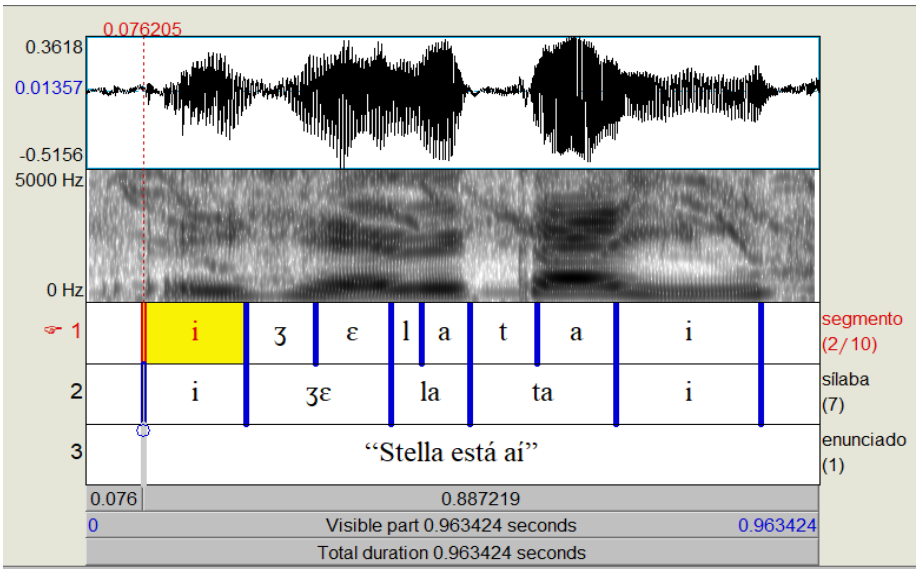
Quando à quantificação das ocorrências da fricativa palatal /ʃ/, com relação à classe de palavras, obtivemos o seguinte resultado: 30% da ocorrência palatal em adjetivos, 30% em verbos, 20% em substantivos, 10% em pronomes e 10% em numerais. Com respeito à extensão das palavras, a palatal ocorreu em 50% das dissílabas, em 30% das monossílabas e em 20% das trissílabas.

Diante das características sociais dos falantes, observamos que na geração pós-contato houve o maior uso da fricativa palatal surda, apresentando 60% dos casos. Já a falante da geração pré-contato palatalizou menos, representando 40% dos casos. Esse resultado converge com o observado por Maia (2015) e Haupt e Berri (2009), os quais descrevem que os homens palatalizam o /S/ com maior frequência que as mulheres.

5.1.5 O aparecimento da fricativa palatal sonora [ʒ] em coda silábica

Assim como o observado com a fricativa alveolar sonora, [z], a palatal sonora, [ʒ], também ocorreu apenas uma vez em nosso corpus. No dado abaixo, pode ser observada a sua realização.

Figura 51 - Dado “Stella está aí”



Fonte: A autora (2023).

No dado acima, no qual ocorre a palatal sonora, [ʒ], ocorreu a coalescência entre o /S/ em coda com a consoante seguinte /t/, além da sonorização em ambiente intervocálico, uma vez que a consoante [ʒ] resultante da coalescência passou a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, a adjacência coronal, nas duas posições da fricativa (precedente e seguinte) podem ter contribuído para a palatalização assim como para a sonorização do seguimento fricativo.

Essa realização foi produzida pela falante mulher, que é da geração pré-contato.

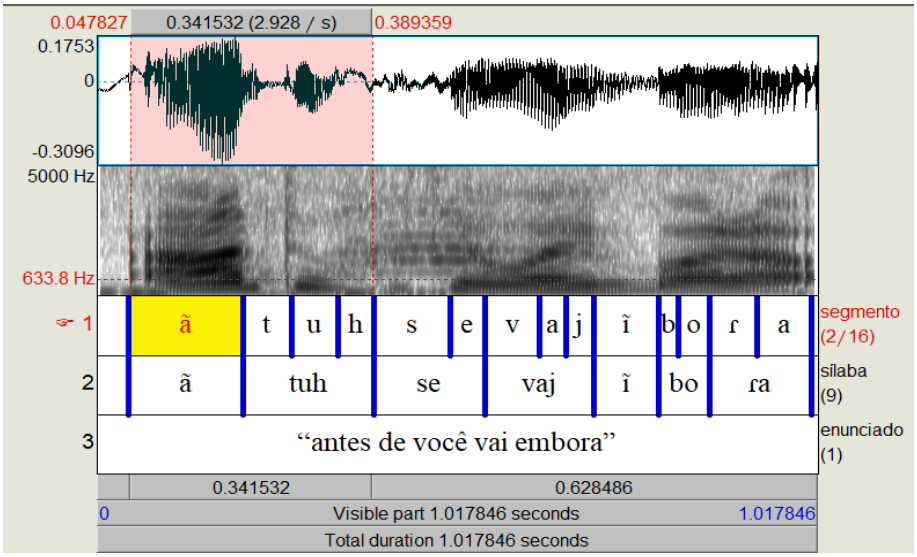
5.1.6 O aparecimento da fricativa glotal surda [h] em coda silábica

Quanto à realização do alofone fricativo laríngeo surdo, [h], que diferente da fricativa laríngea sonora [ɦ], existe na língua Latundê, constatamos que houve poucos casos ocorrência de sua realização, porém mais do que esperávamos, uma vez que

em outros estudos sobre o português observamos que a porcentagem dessa variação sempre se mostra menor em relação à realização das outras fricativas. Entretanto, se considerarmos a fonologia do Latundê, ressaltamos que a provável a razão de a fricativa se apresentar mais frequentes do que o que ocorre no português, deve-se ao fato de naquela língua a presença lexical e fonética do [h] ser muito produtivo (TELLES, 2022).

Com relação à posição da coda [h] na palavra, observamos que quase a totalidade de sua ocorrência se dá em posição de coda final, sendo que apenas um dado apresentou o [h] em coda medial. Como exemplo, apresentamos o dado com a realização do [h] em coda final:

Figura 52 - Dado “antes de você vai embora”



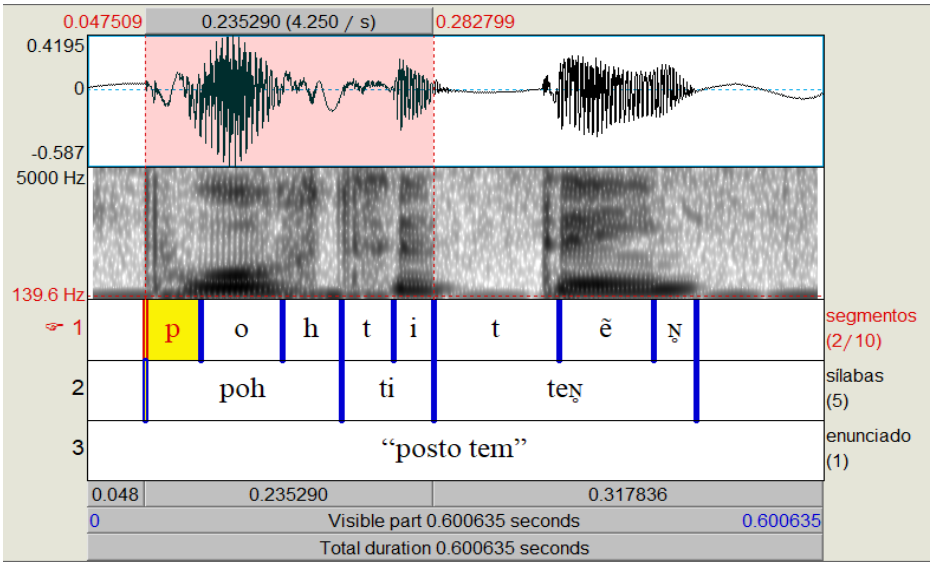
Fonte: A autora (2023).

Como podemos conferir acima, a fricativa glotal se localiza ao final da palavra “antes”. Na realização dessa palavra, a coda /S/ é produzida como [h]. Além disso, observa-se a posteriorização da vogal nuclear /e/, resultando a forma fonética [‘ãtuh].

Dos trabalhos que trataram do condicionante posição na palavra, vimos que nossas análises entram em acordo com os trabalhos de Auler (1992) e Roncarati e Uchoa (2014), em que os resultados apontam para a predominância do [h], no português, da posição final de palavra, assim como também com os trabalhos de Lucchesi (2009), Pelicioli (2008) e Pelicioli (2011), em que a ocorrência do [h] foi abundante em coda final e diante palavra iniciada por consoante.

Quanto a condicionante referente ao contexto fonológico antecedente, observamos que a maioria das ocorrências da fricativa glotal surda se dava na presença das vogais labiais [o, u, ɔ] e da semivogal palatal [j], antecedendo o contexto de aspiração. 50% das ocorrências do [h] foram observadas diante de vogais labiais, 37,5% diante da semivogal palatal [j] e 12,5% diante das demais vogais. No dado abaixo encontra-se um exemplo da realização da fricativa diante de vogal labial:

Figura 53 - Dado “posto tem”

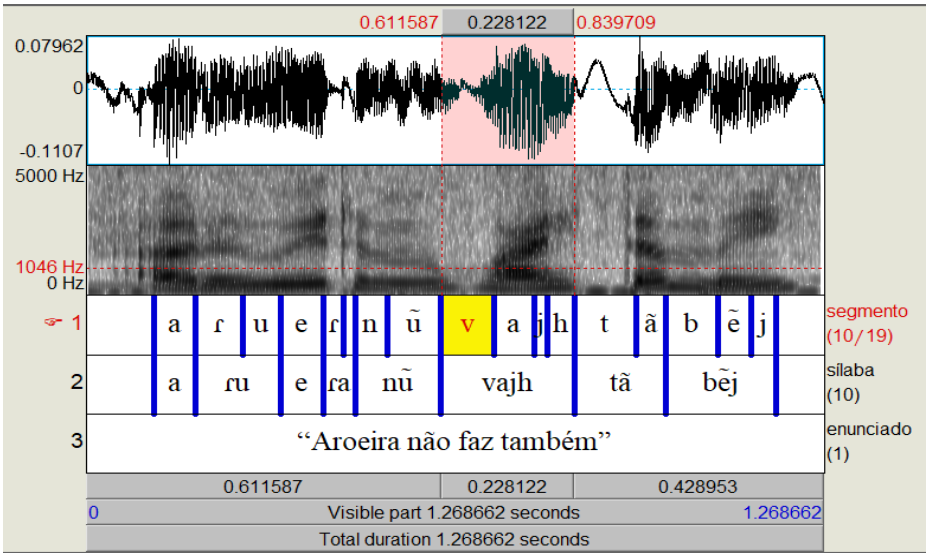


Fonte: A autora (2023).

O exemplo acima corresponde ao único caso de ocorrência da fricativa em coda medial.

No próximo dado apresentamos a presença da semivogal palatal antes do contexto de aspiração:

Figura 54 – Dado “Aroeira não faz também”



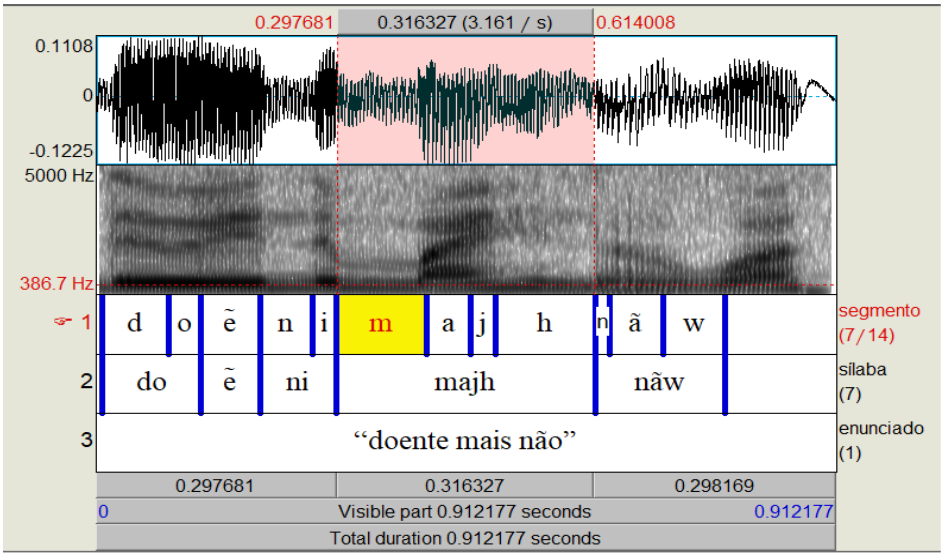
Fonte: A autora (2023).

Independente da aspiração da coda, é interessante observar o processo de sonorização, a título de curiosidade também reparamos que há a sonorização sofrida pela consoante /f/ que é realizada como fricativa labiodental sonora, [v], em ambiente de alta sonoridade. Apesar de essa fricativa não existir no Latundê, o processo de assimilação da sonoridade, em contexto fonológico semelhante ao encontrado no dado acima, é muito frequente na língua indígena (TELLES, 2002). Diante disso, podemos considerar que se trata de um exemplo da interferência fonológica da língua materna na L2.

Em relação aos trabalhos desenvolvidos sobre o português, em se tratando do contexto fonológico antecedente, os resultados não coincidem com o que observamos em nossos dados. Lucchesi (2009) observou que as vogais altas favoreciam a glotalização do /S/, enquanto que Santos (2012) constatou que em posição medial as vogais [a] e [e] foram favorecedoras à glotalização; em posição final e diante de palavra iniciada por consoante, foram os fones [j, u, ɔ, o], e na posição final absoluto de palavra a vogal labial [ɔ] e a semivogal palatal [j] foram as favorecedoras à aplicação da regra.

Para o contexto fonológico seguinte, iremos analisar o seguinte áudio que faz parte da grande maioria dos casos em que as consoantes coronais estão presentes quando ocorre a aspiração do /S/:

Figura 55 - Dado “doente mais não”



Fonte: A autora (2023).

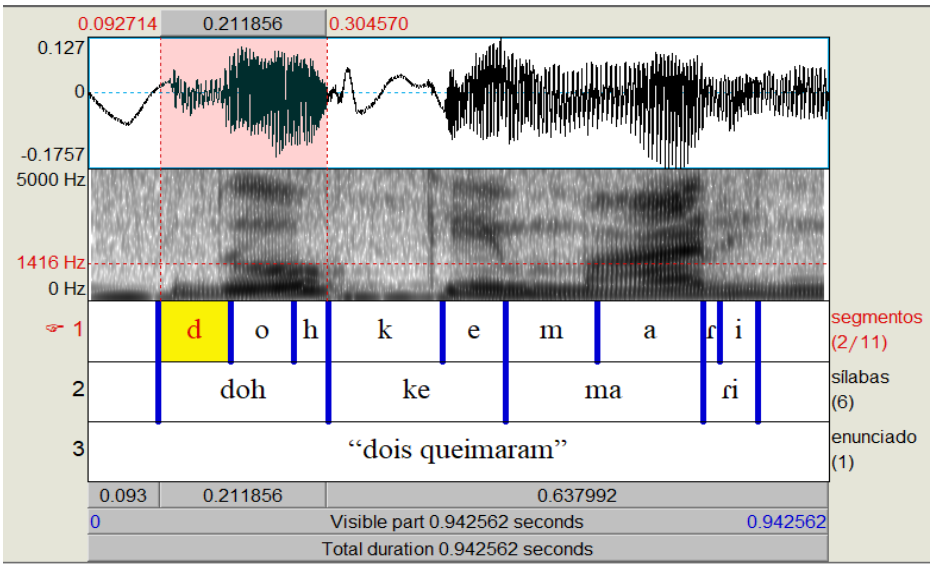
De acordo com o dado acima, a aspiração ocorreu diante de uma consoante alveolar nasal, [n]. A realização da aspirada nesse contexto foi frequente no nosso *corpus*.

Na quantificação das ocorrências, a maior incidência correspondeu a 50% dos casos com consoantes coronais [t, d, n, l]. As demais realizações se distribuíram equitativamente entre as consoantes labiais [p, b, m, f, v]; as consoantes dorsais [k, g, h], e diante da ausência de contexto fonológico seguinte.

Ao fazer um paralelo com os estudos sobre o português, notamos que assim como o contexto fonológico antecedente, o contexto fonológico apresentou resultados aproximados com relação a nossa pesquisa. Lucchesi (2009) apontou como favorecedoras as consoantes nasais e laterais, o que abrange nossas consoantes coronais [n] e [l]. Santos (2012) incluiu em suas análises em posição final diante de consoante o [n] e as laterais, assim como as africadas, a nasal labial [m] e as oclusivas alveolares. Roncarati e Uchoa (2014) indicaram as consoantes [d], [l] e [n], assim como o [m] como favorecedoras. Maia (2018) encontrou como condicionantes as laterais e as nasais, abrangendo as coronais [n] e [l], assim como as africadas. Pelicioli (2008), em seus resultados, observou que as consoantes [n, l, d] assim como [m, b, g, v] favoreceram a aspiração. Em Pelicioli (2011), há os mesmos contextos favorecedores de seu trabalho de 2008, mais a consoante [x].

Em relação ao vozeamento, a fricativa glotal surda ocorreu diante de consoantes desvozeadas, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Figura 56 - Dado “dois queimaram”



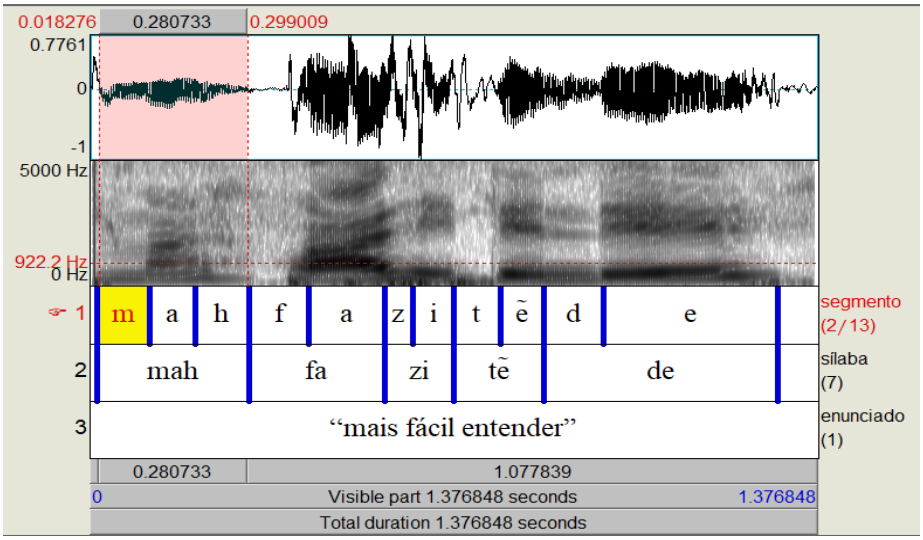
Fonte: A autora (2023).

Nesse exemplo, a aspiração ocorre no final da palavra “dois”, sendo seguida pela consoante velar surda [k]. Além disso, houve a monotongação no contexto anterior, resultando na forma fonética [‘doh].

Com respeito ao número das ocorrências, observamos que em 75% dos casos o contexto seguinte era desvozeado; em 12,5% dos casos o contexto era vozeado, e em 12,5% houve de ausência de contexto.

No que concerne à classe de palavras, os advérbios apresentaram mais casos com a fricativa glotal desvozeada, alcançando o percentual de 62,5% dos casos. O seguinte exemplo ilustra a ocorrência nessa classe de palavra:

Figura 57 - Dado “mais fácil entender”



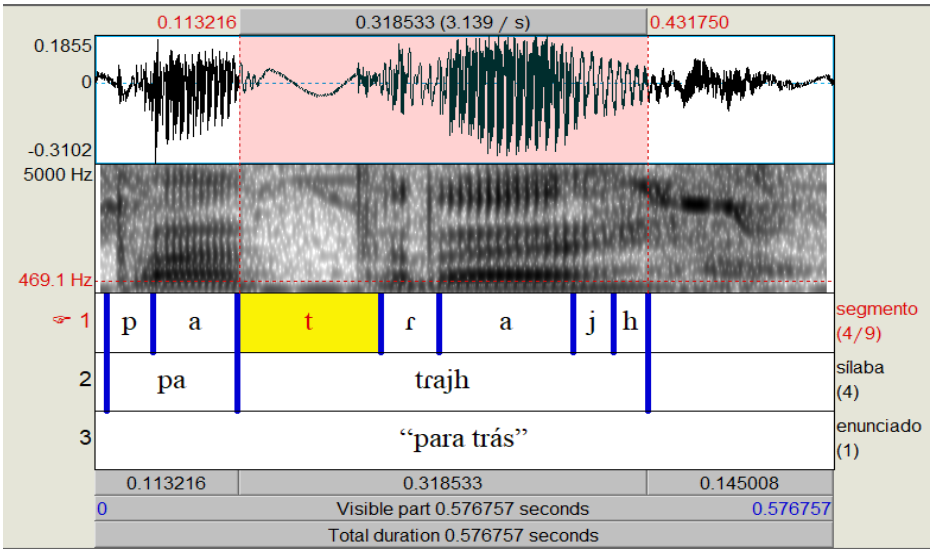
Fonte: A autora (2023).

Nesse dado, encontramos o advérbio “mais”, sendo essa classe a que mais apresentou a ocorrência da fricativa laríngea surda.

No restante da distribuição percentual, tivemos 12,5% entre os numerais, 12,5% com os substantivos e 12,5% em verbos.

Quanto à extensão das palavras, observamos as monossílabas apresentaram maior índice da aspiração do /S/. O exemplo seguinte ilustra essa ocorrência.

Figura 58 - Dado “para trás”



Fonte: A autora (2023).

No dado “para atrás”, houve apagamento da sílaba final do primeiro constituinte do sintagma e a fusão da vogal [a] desse vocábulo com a vogal [a] do início do advérbio seguinte. Com a fusão entre as vogais mencionadas, a palavra passou a monossílaba, sendo essa a extensão predominante na ocorrência da aspiração. A aspiração ocorreu 62,5% em palavras monossílabas e 37,5% em palavras dissílabas.

Dentre os autores que em suas análises do português tiveram os advérbios como resultado favorecedor, estão: Auler (1992), que devido à alta presença da palavra “mesmo”, considerou a classe dos advérbios como favorecedora da aspiração, assim como Gomes e Melo (2017). Já Pelicioli (2011) concluiu que os advérbios não se mostraram favorecedores à aspiração, embora que a palavra “mais” advérbio e a conjunção pronúncia da conjunção “mas”, favorecem igualmente o processo de aspiração.

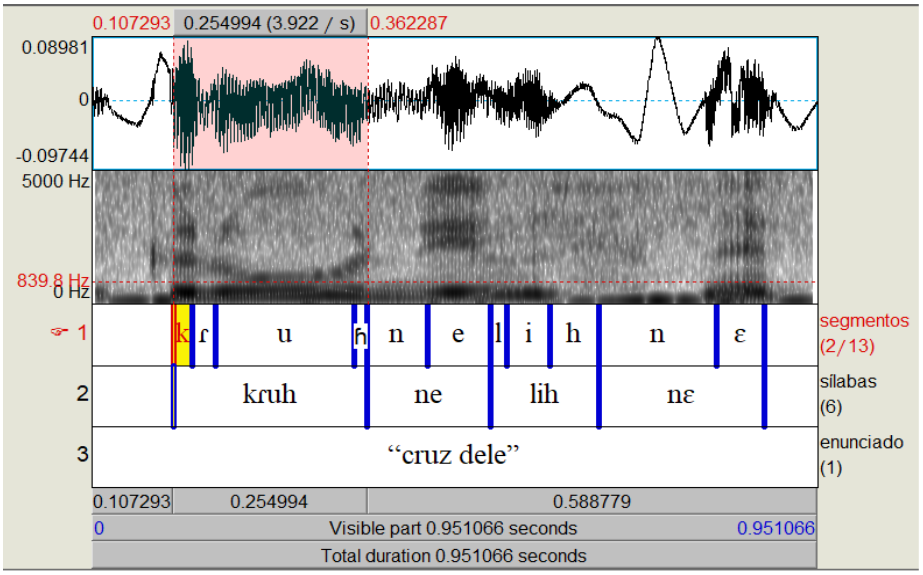
Com relação ao contato com o português, na fala da indígena da geração de pré-contato encontramos o índice de 75% dos casos de e de que e os informantes homens da geração abrangeram 25% dos casos na geração pós-contato.

5.1.7 O aparecimento da fricativa glotal sonora [ɦ] em coda silábica

A fricativa glotal sonora, [ɦ], ocorreu apenas em três dados. A escassez de realização desse segmento se assemelha ao observados com os demais segmentos vozeados, [z] e [ʒ]. Interpretamos esse fato como decorrente da inexistência desses fones na língua materna.

Abaixo analisamos o comportamento da coda /S/ como fricativa glotal sonora.

Figura 59 – Dado “cruz dele”

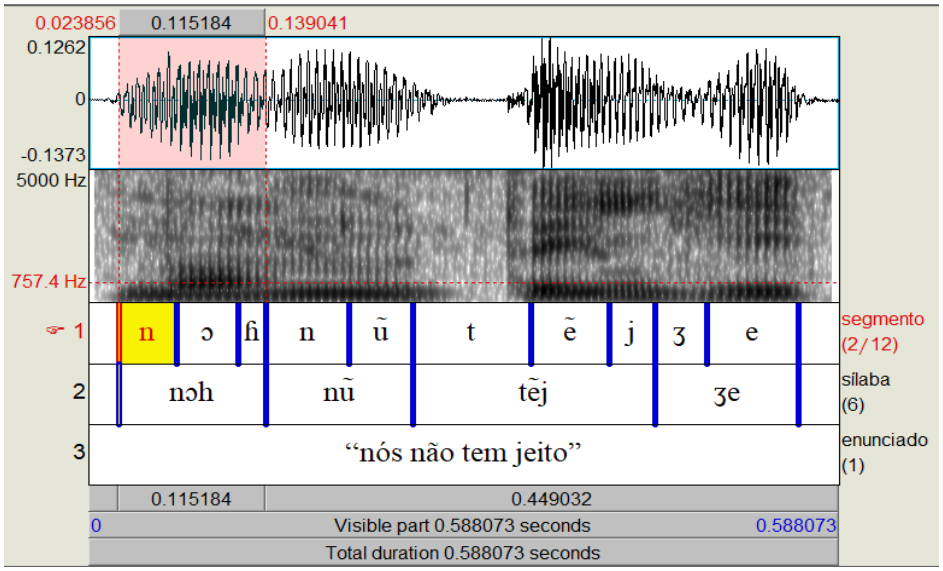


Fonte: A autora (2023).

A fricativa glotal, [ɦ], ocorreu restritivamente no final da palavra. O dado acima demonstra sua realização.

Em relação ao contexto fonológico anterior, dois dos dados apresentaram vogais labiais nessa posição e o terceiro dado apresentou a presença da semivogal palatal. O exemplo abaixo ilustra a ocorrência da vogal labial em posição precedente.

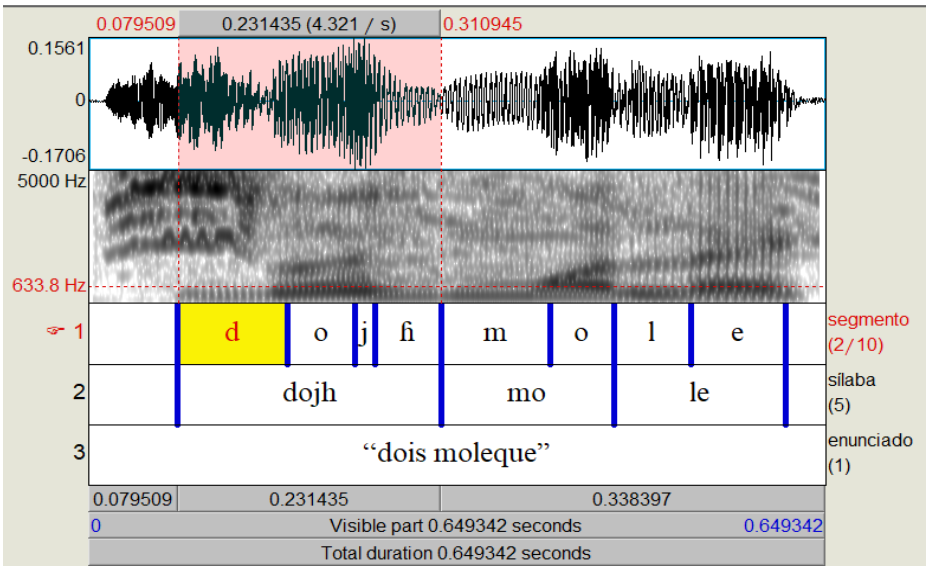
Figura 60 – Dado “nós não tem jeito”



Fonte: A autora (2023).

No exemplo a seguir, apresentamos a única ocorrência da fricativa sonora diante da semivogal palatal [j]:

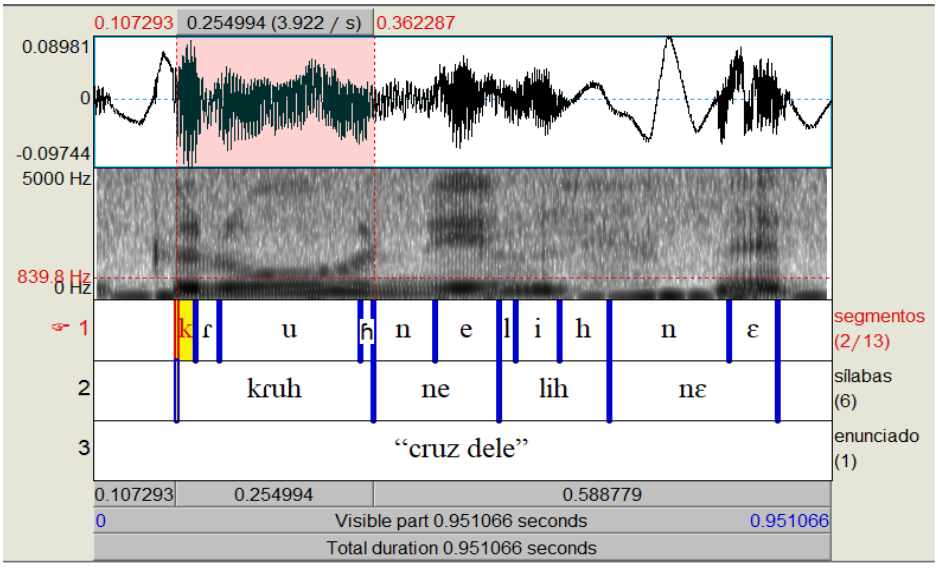
Figura 61 - Dado “dois moleque”



Fonte: A autora (2023).

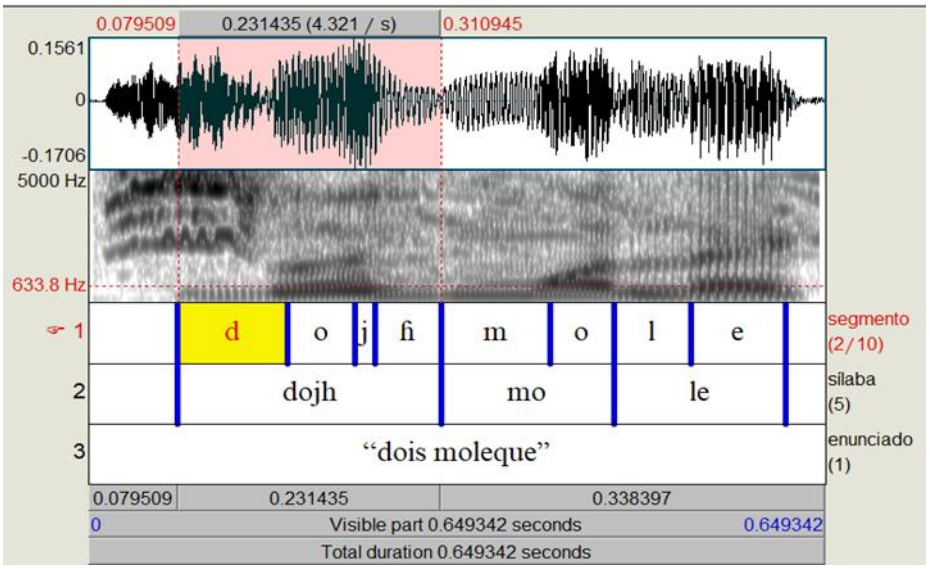
Diante das restrições consideradas neste trabalho para avaliar o comportamento do /S/ em coda silábica para a ocorrência da fricativa glotal sonora, consideramos que o contexto fonológico seguinte com a presença de consoante nasal nos três dados encontrados, foi o responsável pelo vozeamento da coda. A seguir, apresentamos mais exemplos com a realização sonora da fricativa:

Figura 62 - Dado “cruz dele”



Fonte: A autora (2023).

Figura 63 - Dado “dois moleque”



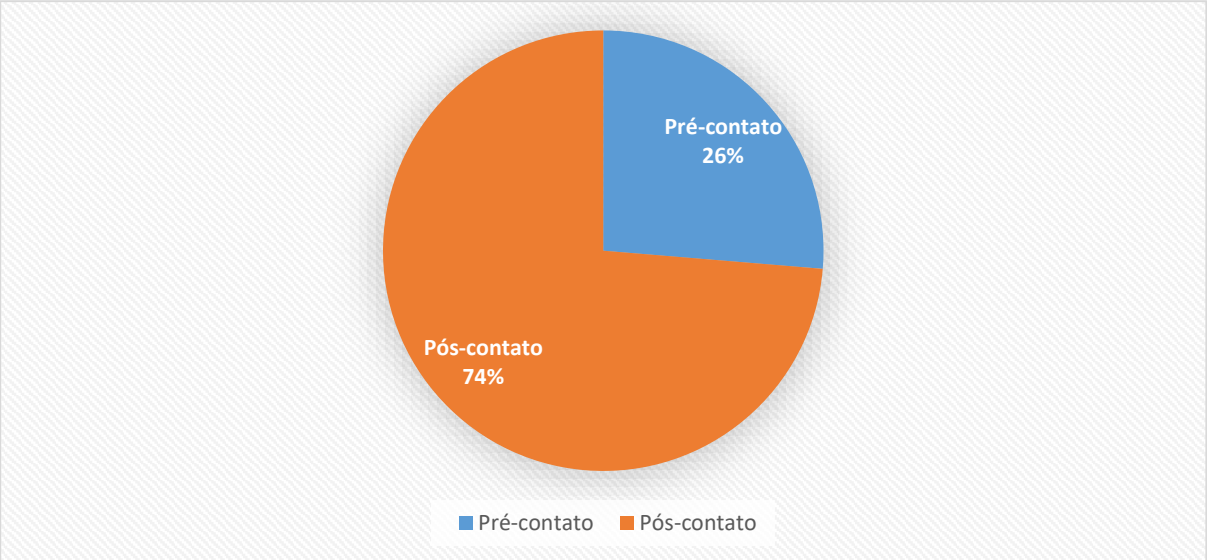
Fonte: A autora (2023).

Com relação à geração, dois dos dados foram produzidos pelos indígenas homens da geração pós-contato e o terceiro caso encontrado foi produzido pela informante mulher da geração pós-contato.

5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL “GERAÇÃO”

Ao analisarmos dos dados considerando a geração dos colaboradores vimos a importância de nos determos à variável geração enquanto condicionante social que mais influencia nas realizações contidas nos recortes retirados dos áudios, porém apesar de apenas termos uma colaboradora da geração pré-contato percebemos que ela possui mais dados que os dois colaboradores da geração pós-contato. Podemos observar isso no seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Análise da variável “geração”



Fonte: A autora (2023).

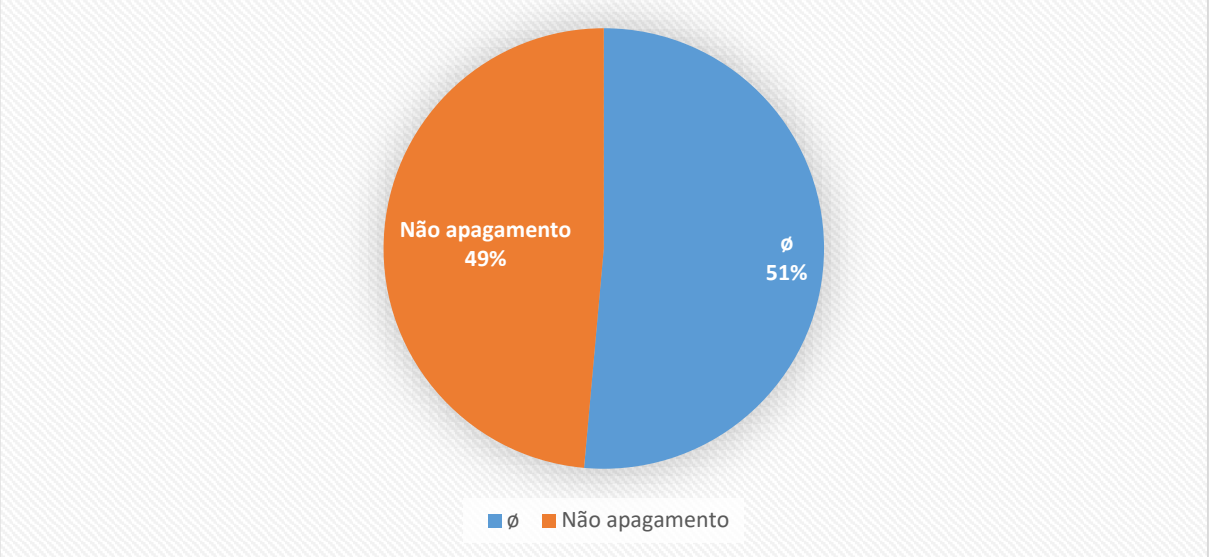
Abrangendo mais precisamente 73,68% dos dados, a colaboradora da geração pré-contato realizou 70 ocorrências, enquanto os colaboradores homens da geração pós-contato realizou 25 ocorrências, sendo assim, 26,31% dos dados.

Dessa forma, no próximo tópico iremos analisar as variantes e as variáveis linguísticas de acordo com as duas gerações analisadas a partir dos dados.

5.2.1 Geração pré-contato

Ao examinarmos os dados da geração pré-contato podemos ver que os dados concordaram com a contagem geral dos dados de forma que praticamente metade apontou para o apagamento do /S/ e metade para a realização das fricativas, havendo precisamente 36 realizações de apagamento do /S/ em coda silábica e 34 realizações abrangendo as fricativas analisadas. Podemos observar isso no gráfico abaixo:

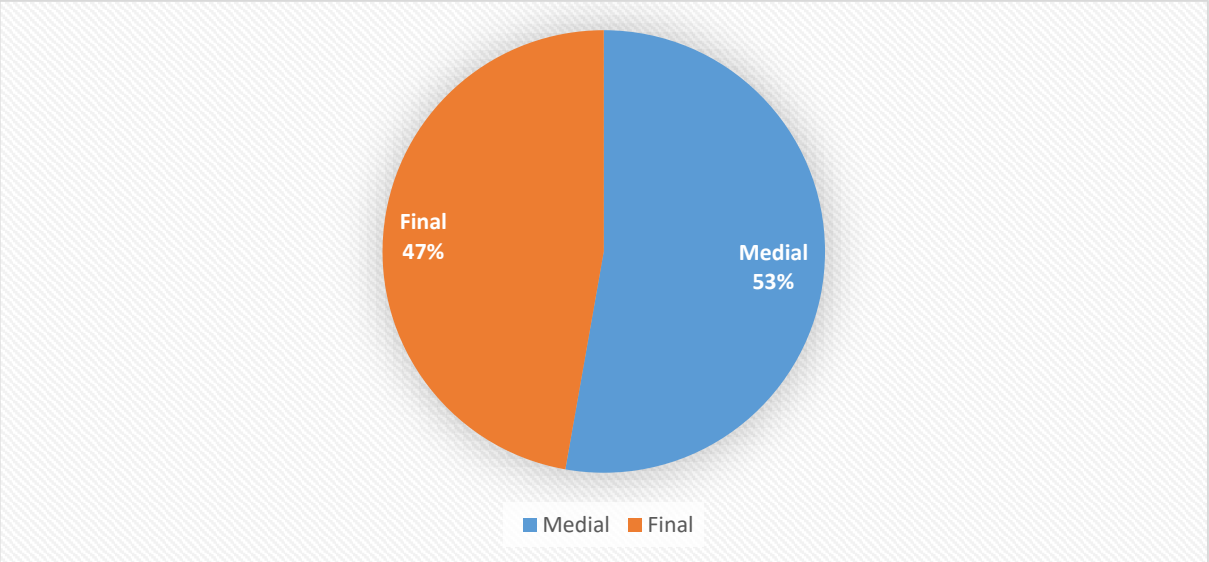
Gráfico 3 – Análise da geração “pré-contato”



Fonte: A autora (2023).

Considerando que tanto nossa análise geral quanto nossa análise dos dados da geração pré-contato apontou o apagamento como variante mais numerosa, iremos nos deter às variáveis linguísticas que influenciam no apagamento do /S/ em coda silábica. Dessa forma, iremos começar pela variável *posição na sílaba*, indicando assim as realizações no próximo gráfico:

Gráfico 4 – Variável posição da sílaba na geração “pré-contato”

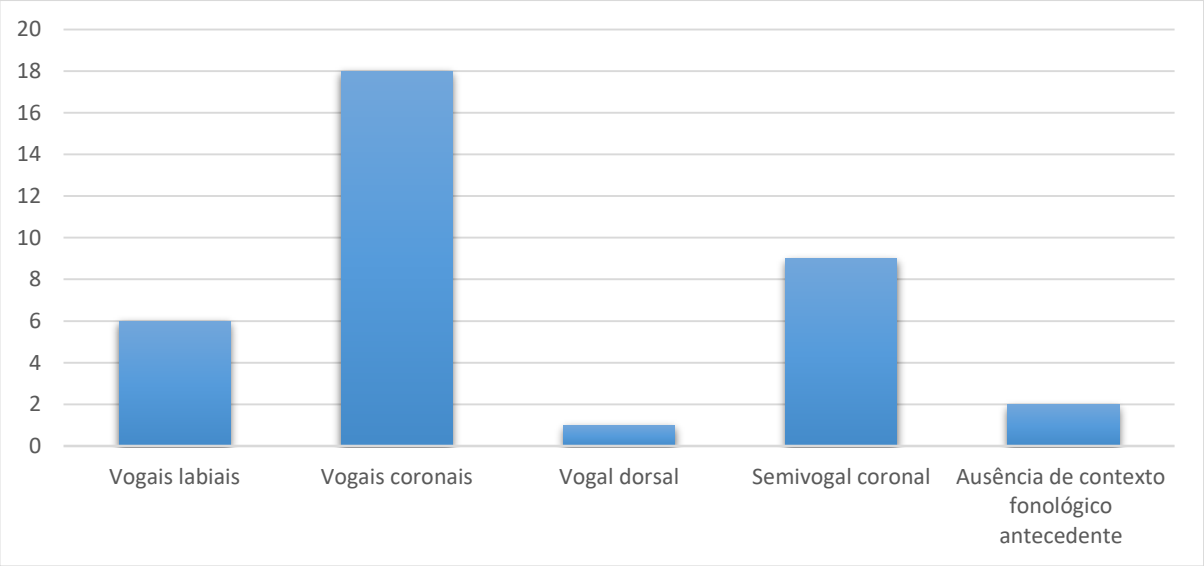


Fonte: A autora (2023).

Como podemos ver assim como os dados gerais, os dados correspondentes à geração pré-contato aponta que às duas posições podem instigar o aparecimento do zero fonético abrangendo 19 realizações em coda medial e 17 realizações em coda final.

Em seguida, iremos analisar a variável *contexto fonológico antecedente*:

Gráfico 5 – Variável contexto fonológico antecedente na geração “pré-contato”

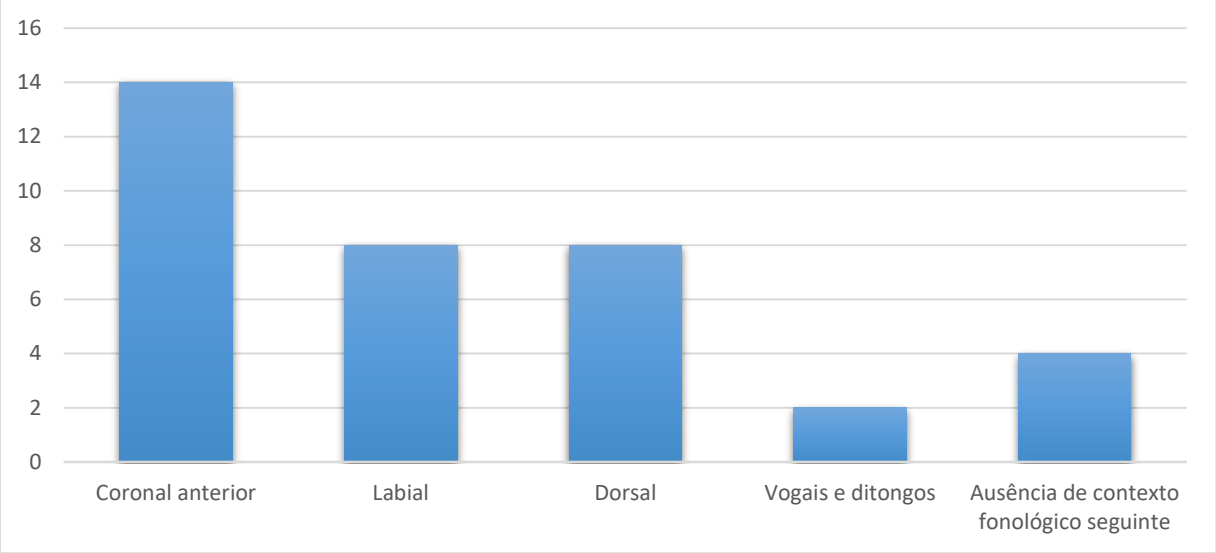


Fonte: A autora (2023).

Ao examinarmos o gráfico notamos mais uma vez que o traço coronal motivou o apagamento do /S/ abrangendo 50% dos dados com vogais coronais e 25% com a semivogal coronal resultando em 75% dos dados possuindo traço coronal. Não houve a ocorrência de semivogal labial e vogais nasais no contexto fonológico antecedente.

Nos concentrando na variável *contexto fonológico seguinte*, tivemos os seguintes valores:

Gráfico 6 – Variável contexto fonológico seguinte na geração “pré-contato”

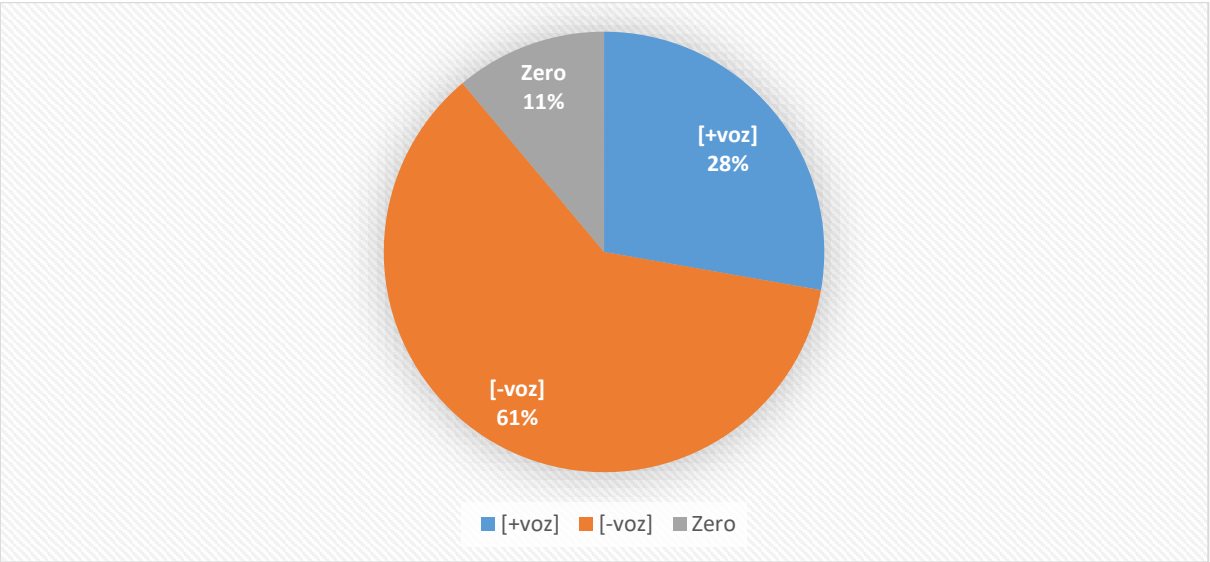


Fonte: A autora (2023).

Ao observamos os dados mostrados no gráfico podemos mais uma vez encontrar a influência do apagamento do /S/ em coda silábica de forma que 38,89% dos dados apontaram consoantes coronais anteriores no contexto fonológico seguinte. Também podemos apontar as consoantes labiais e dorsais influenciando no apagamento do /S/ em coda silábica com 22,22% cada variável, porém considerando a quantidade de casos as consoantes coronais anteriores possuem 14 dados, enquanto as consoantes dorsais e labiais possuem 8 dados cada variável.

Ao nos debruçarmos sobre a variável voz, tivemos os seguintes resultados:

Gráfico 7 – Variável voz na geração “pré-contato”

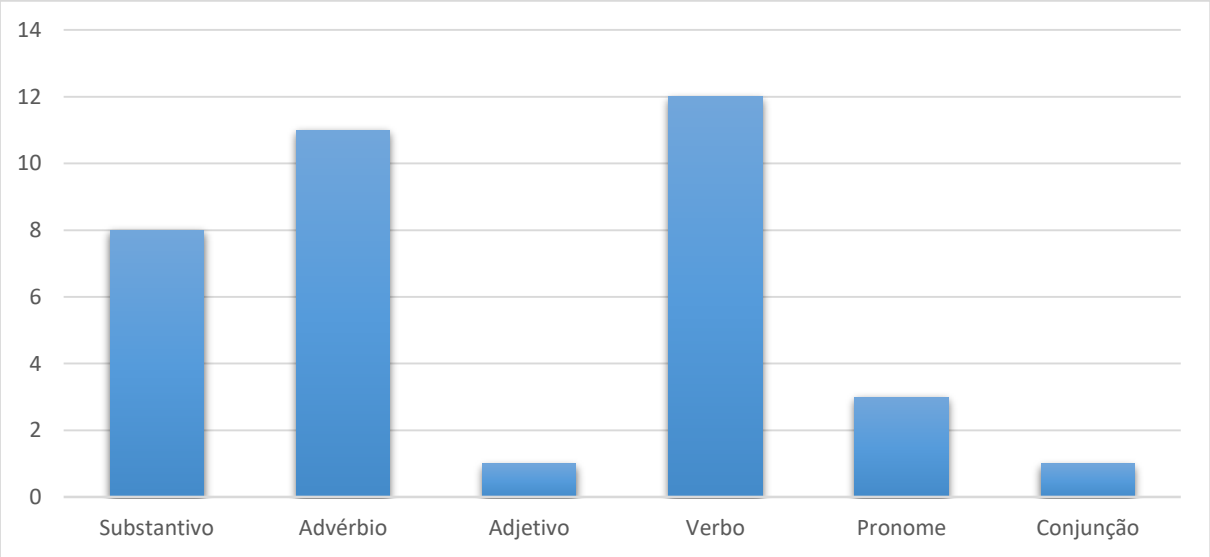


Fonte: A autora (2023).

Ao examinarmos os resultados podemos constatar que o traço desvozeado se mostrou predominante nos dados referentes ao apagamento do /S/ em coda silábica de modo que apresentou mais da metade dos casos abrangendo 22 dados ou 61,11% dos dados.

Já em relação à variável classes de palavras obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 8 – Variável classe de palavras na geração “pré-contato”

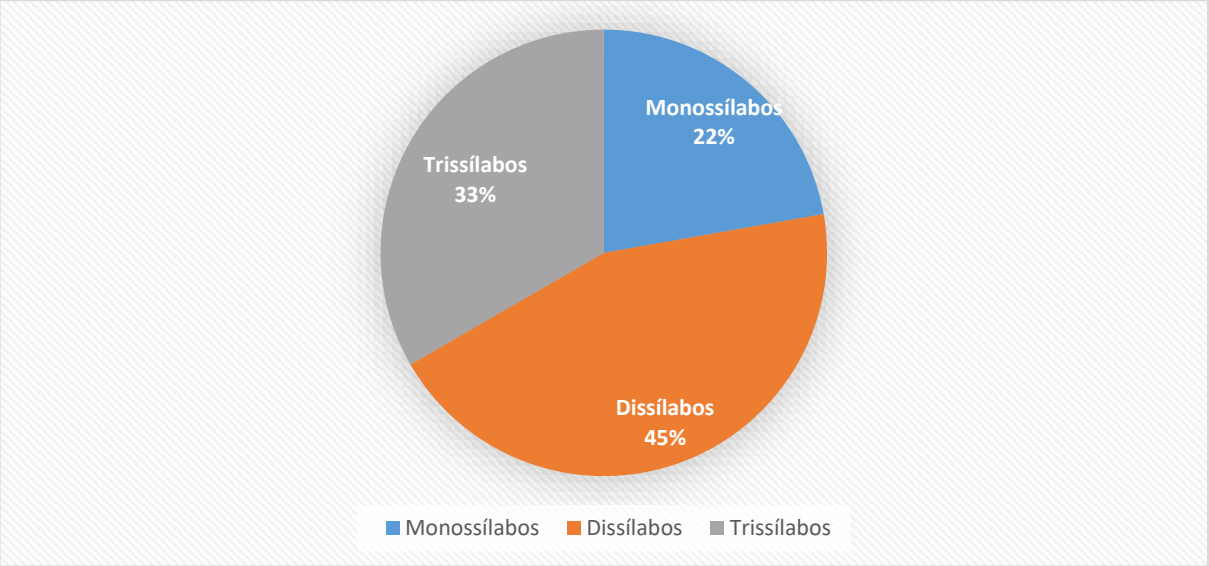


Fonte: A autora (2023).

Considerando os dados do gráfico podemos ver que os verbos e os advérbios induzem mais a realização do zero fonético apresentando respectivamente 33,33% e 30,55% dos casos ou 12 e 11 dados. Não houve a incidência de numerais no corpus.

Na última variável analisada *extensão do vocábulo* encontrados os seguintes resultados:

Gráfico 9 – Variável extensão do vocábulo na geração pré-contato



Fonte: A autora (2023).

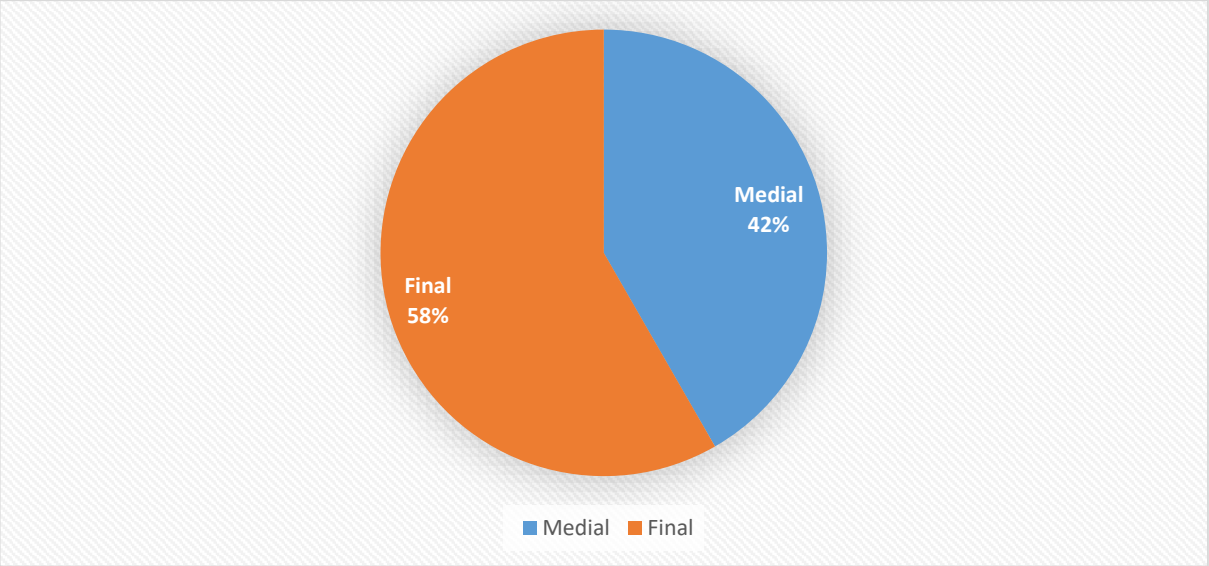
Possuindo quase metade dos dados, mais precisamente 16 dados ou 44,44% dos dados, as palavras trissílabas induzem mais a supressão do /S/ em coda silábica. Analisando o gráfico podemos concluir que quanto menor o número de sílabas menor a possibilidade de haver apagamento. Não encontramos vocábulos polissílabos no corpus.

5.2.2 Geração pós-contato

Em nossa próxima análise é necessário levar em consideração que a quantidade de dados foi bem menor comparando com os dados fornecidos pela colaboradora da geração pré-contato, sendo de 12 realizações com supressão do /S/ em coda da sílaba, apesar de haver dois colaboradores da geração pós-contato.

Dessa forma, iremos começar observando a variável *posição da sílaba*:

Gráfico 10 – Variável posição da sílaba na geração “pós-contato”

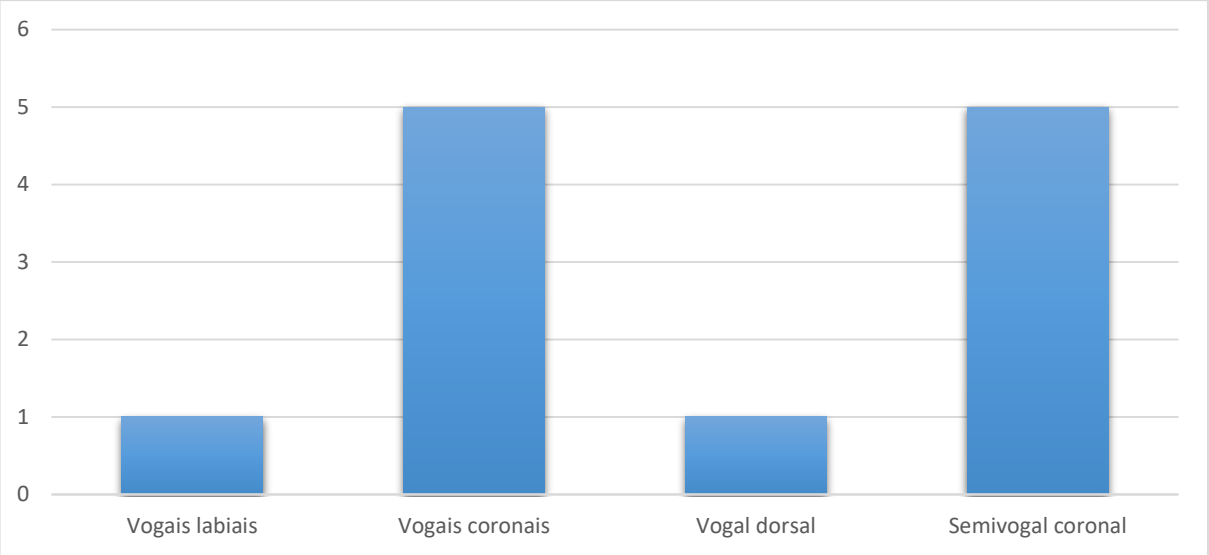


Fonte: A autora (2023).

De acordo com a porcentagem dos dados mostrados no gráfico notamos que assim como a geração pré-contato podemos alegar que as duas posições silábicas influenciam o apagamento do /S/ em coda de sílaba havendo valores aproximados com 5 dados em coda medial e 7 dados em coda final.

Também podemos ver tal concordância de resultados examinando os resultados relacionados à variável *contexto fonológico antecedente*:

Gráfico 11 – Variável contexto fonológico antecedente na geração “pós-contato”

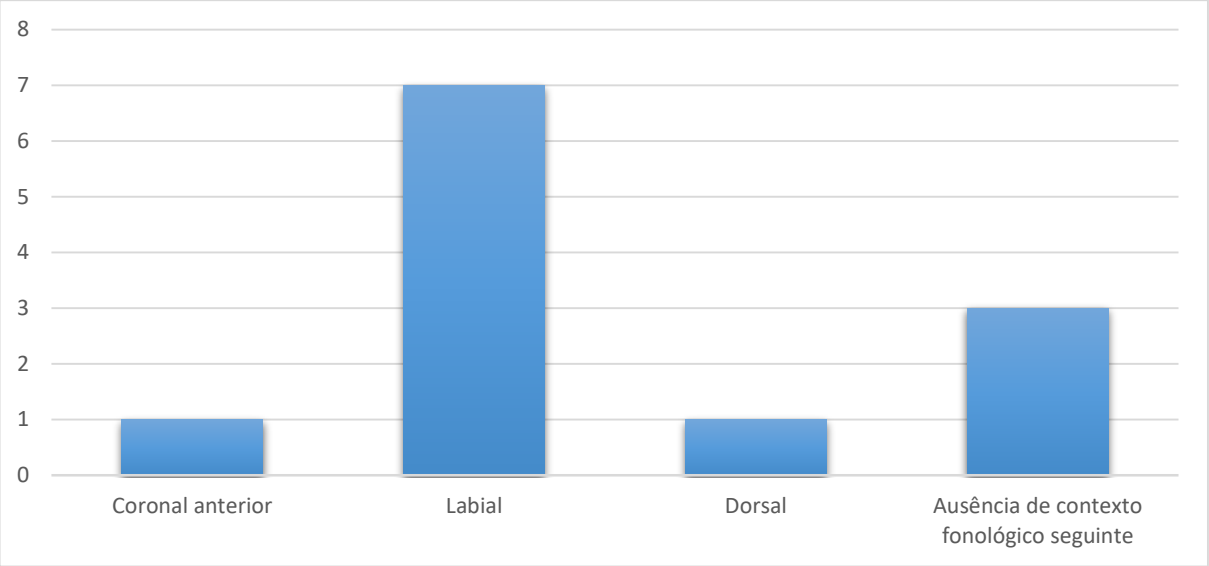


Fonte: A autora (2023).

Ao observarmos os dados contidos no gráfico podemos ver novamente que o traço coronal induziu mais a supressão do /S/ em coda de sílaba, de forma que 41,7% dos dados continham vogais coronais e 41,7% dos dados continham a semivogal coronal correspondente a 5 casos de cada variável, a soma resulta em 83,4% dos dados influenciando o apagamento. Não houve a incidência da semivogal labial e de vogais nasais.

Já nos resultados obtidos em relação à variável *contexto fonológico seguinte*, houve uma pequena discrepância em relação aos resultados obtidos pela geração pré-contato:

Gráfico 12 – Variável contexto fonológico seguinte na geração “pós-contato”

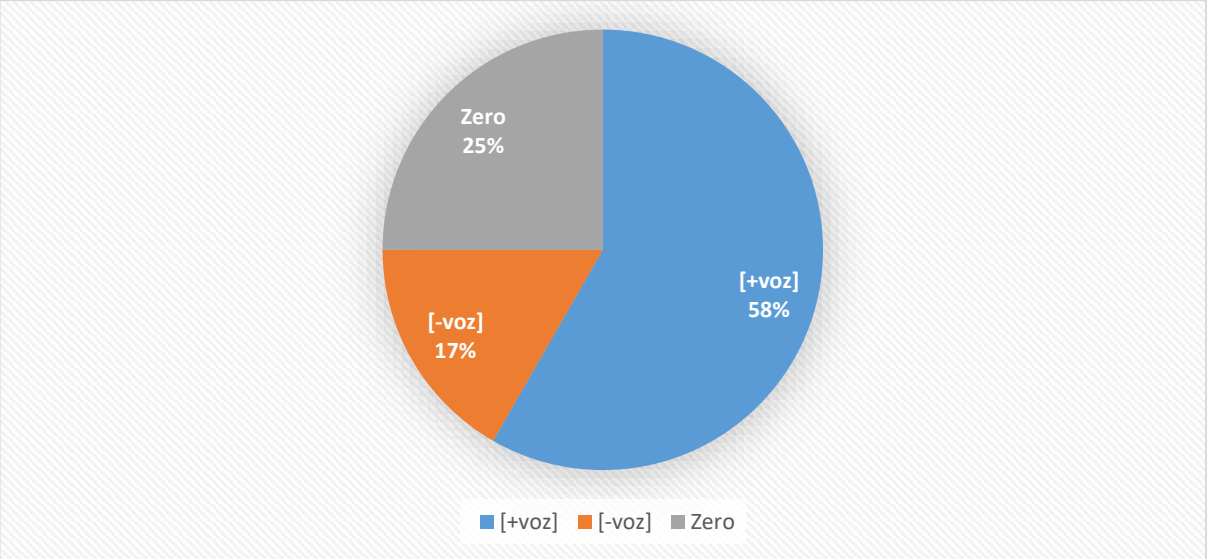


Fonte: A autora (2023).

No que discerne os resultados referentes ao contexto fonológico seguinte notamos que as vogais labiais foi a variável mais predominante em relação ao aparecimento do zero fonético em coda silábica abrangendo 58,3% dos dados e diferindo dos resultados da geração pré-contato que enfatizou as vogais coronais enquanto mais predominantes, porém em seguida a influência das vogais labiais e dorsais foi categórica concordando em parte com os resultados obtidos na geração pós-contato. Não houve a ocorrência de vogais e ditongos.

Porém nos dados conseguidos em relação à variável voz, podemos ver que os dados diferiram totalmente dos resultados conseguidos pela geração pré-contato:

Gráfico 13 – Variável voz na geração “pós-contato”

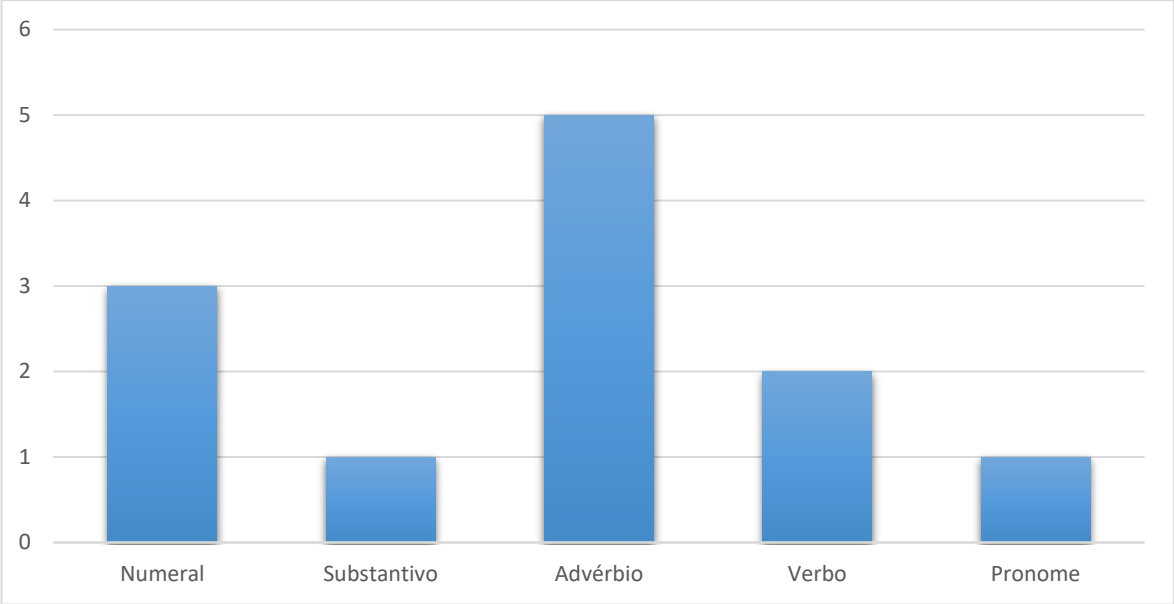


Fonte: A autora (2023).

Ao observarmos os dados obtidos vimos que precisamente 58,3% dos dados ou 7 realizações apontaram para o apagamento do /S/ em coda silábica, sendo mais da metade dos casos diferindo totalmente dos dados obtidos pela geração pré-contato.

Em relação à variável *classes de palavras* obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 14 – Variável classe de palavras na geração “pós-contato”

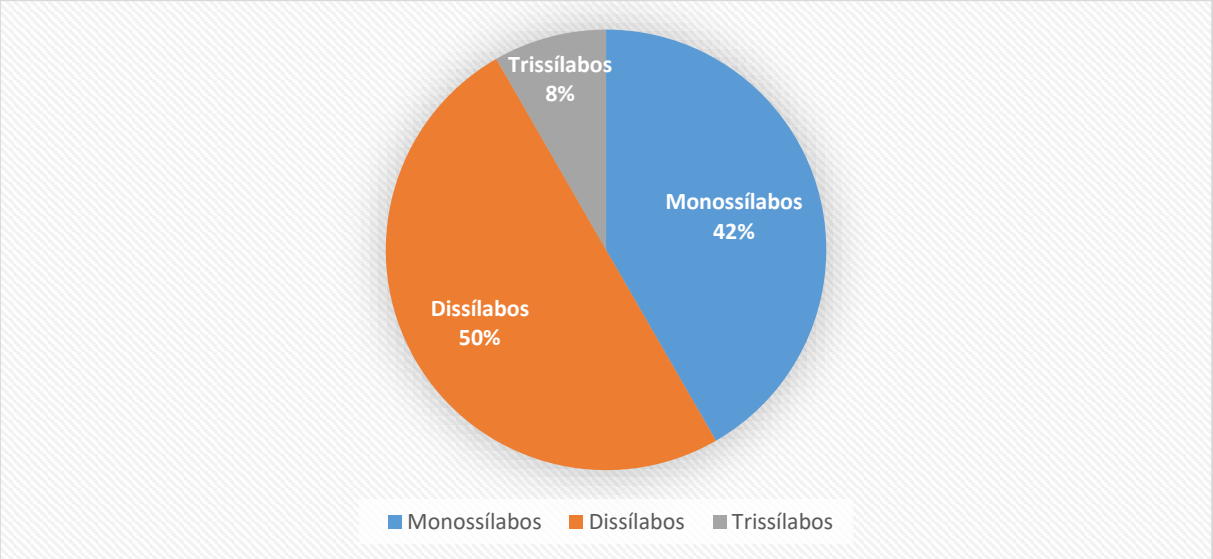


Fonte: A autora (2023).

Analisando os dados do gráfico vimos que os resultados concordaram em parte com os resultados obtidos pela geração pré-contato de modo que mostraram que os advérbios englobam 41,7% dos dados, quase a metade deles. Não houve a ocorrência de adjetivos no corpus referente à geração pós-contato.

E na última variável analisada extensão do vocábulo obtivemos os resultados a seguir:

Gráfico 15 – Variável extensão do vocábulo na geração “pós-contato”



Fonte: A autora (2023).

Ao examinarmos os resultados conseguidos podemos ver a predominância dos vocábulos monossílabos e dissílabos em relação ao apagamento do /S/ em coda de sílaba considerando que apenas um caso conteve uma palavra trissílaba, enquanto que 6 casos ou 50% dos dados contiveram palavras dissílabas e 5 casos ou 41,67% dos resultados contiveram palavras monossílabas, assim diferindo dos resultados obtidos pela geração pré-contato. Não foram encontrados dados com vocábulos polissílabos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o comportamento do /S/ em coda silábica podemos notar que houve mais casos referentes ao apagamento das fricativas em posição de coda, de acordo com a análise qualitativa dos 95 casos estudados, lembrando que esse número não se refere à quantidade de palavras, mas sim em relação ao número de casos, já que ocorreu de algumas palavras ou áudios contiverem mais de um fenômeno. Dessa forma, houve a incidência de 50,53% dos casos de apagamento, com 48 ocorrências; 25,26% dos casos com a realização da fricativa alveolar surda /s/, sendo 24 ocorrências; 10,53% dos casos com realização da fricativa palatal surda /ʃ/, sendo 10 ocorrências; 8,42% dos casos com a realização da fricativa glotal surda /h/, sendo 8 ocorrências; 3,16% dos casos com a realização da fricativa glotal sonora /ɦ/ sendo 3 ocorrências, 1,05% dos casos com a realização da fricativa palatal sonora /ʒ/, sendo apenas 1 ocorrência, e 1,05% dos casos com a realização da fricativa glotal surda /h/ sendo apenas 1 ocorrência também.

Conforme os resultados, podemos confirmar a nossa hipótese em relação ao apagamento da fricativa, como resultado da interferência da língua materna na L2, considerando que a coda sibilante não existe na língua Latundê.

Ao analisar os casos de apagamento e aparecimento das fricativas anteriormente citados, os resultados foram obtidos a partir do critério das condicionantes linguísticas/internas e extralinguísticas/externas.

Com isso, em relação às restrições linguísticas/internas, foi visto que o apagamento relacionado à posição na palavra se deu tanto em coda medial quanto em coda final, havendo metade dos casos em coda medial e a outra metade em coda final. Relacionado à condicionante contexto fonológico antecedente houve a ocorrência das vogais coronais [e, i, ɛ] e da semivogal palatal [j], como motivação para o apagamento. No que diz respeito ao contexto fonológico seguinte, a incidência de consoantes coronais anteriores [t, d, n, l], fortalece a ideia de que o traço coronal contribuir para o apagamento do /S/. Em relação ao vozeamento, vimos que no contexto desvozeado o apagamento foi mais frequente. No que se refere ao fator classe de palavras, foi visto que os advérbios corresponderam à categoria que apresentou mais ocorrências do apagamento do /S/ em coda silábica. Referente à extensão do vocábulo, observamos que nas palavras dissílabas houve mais

apagamento. No que concerne às variáveis extralinguísticas/externas, constatamos que a indígena da geração pré-contato realizou 75% do apagamento, confirmando a nossa expectativa de que a geração deveria ser relevante para o fenômeno da transferência linguística.

Ao analisarmos as restrições linguísticas/internas e as extralinguísticas/externas houve algumas semelhanças de condicionantes referentes a ocorrência da fricativa alveolar surda /s/ e o apagamento, o que podemos justificar pela pouca quantidade de dados presentes no corpus. Devemos considerar que apesar de ser a segunda variante mais encontrada no corpus houve apenas 24 casos.

As restrições que apresentaram resultados iguais ou aproximados entre a realização [s] e o apagamento, foram: *posição na palavra*, que mostrou incidência em coda medial e coda final, apresentando quase o mesmo percentual como já apresentado na análise; *contexto fonológico antecedente*, que, assim como no fenômeno do apagamento, apresentaram as vogais coronais [e, i, ɛ] presentes quanto ao maior número da ocorrência do /s/, sendo que a dorsal [a] também se apresentou como contexto em que mais casos ocorreram; *contexto fonológico seguinte*, no qual as consoantes coronais [t, d, n, l] estiveram mais presentes na incidência do /s/, diferentemente do observado o apagamento, pois na realização do [s] as consoantes dorsais [k, g, h] estiveram presentes, e ausência de contexto seguinte, que propiciou o aparecimento do [s]; *classe de palavras*, que apresentou a categoria dos advérbios como a classe em que mais ocorreu o [s], sendo que nos adjetivos e os pronomes também observamos a recorrência do da fricativa alveolar surdas, e, por fim, *geração*, em que a colaboradora mulher da geração de pré-contato apresentou mais casos com a ocorrência do /s/ em sílaba. A única restrição, portanto, que não apresentou semelhança do comportamento da coda /S/, relação ao apagamento foi *extensão do vocábulo*, diante da qual palavras monossílabas e trissílabas foram as que mais apresentaram o fenômeno em questão.

A fricativa alveolar sonora, [z], ocorreu uma única vez dos dados. Atribuímos a isso o fato de esse segmento não existir na fonologia do Latundê. Trata-se, portanto, de um provável caso de transferência linguística entre a língua materna e a L2.

A fricativa palatal surda, [ʃ], apresentou, em sua ocorrência, semelhanças com os casos da realização da alveolar [s] quanto ao *contexto fonológico antecedente e seguinte*, nos quais, respectivamente estavam presentes as vogais coronais [e, i, ɛ] e

consoantes coronais [t, d, n, l]. O ambiente coronal pareceu contribuir, dessa forma para a realização das fricativas alveolar e palatal. Com respeito à *posição da coda na palavra*, a posição medial prevaleceu com um maior número de ocorrências. Sobre o *vozeamento*, o contexto desvozeado foi predominante, coincidindo com a realização do [s]. Quanto à *classe de palavras*, assim como o observado com a fricativa alveolar surda [s], observamos a grande parte das ocorrências entre adjetivos, assim como entre verbos. Já a *extensão de vocábulos* as palavras dissílabas influenciaram mais o aparecimento da fricativa palatal surda [ʃ], e, por fim, quanto à *geração*, diferente do observado na realização [s] e no apagamento, sobressaíram-se os casos da palatal entre os homens da geração pós-contato.

A fricativa palatal sonora [ʒ], assim como a fricativa alveolar sonora, [z], ocorreu em apenas uma vez nos dados, provavelmente porque esses sons não existem na língua Latundê.

A fricativa laríngea desvozeada, [h], ocorreu quase restritamente em posição de coda final, com apenas uma realização observada em coda medial. Mais da metade dos casos com a realização da glotal foram provenientes da fala da informante mulher da geração de pré-contato.

A fricativa laríngea sonora /ɦ/ apresentou apenas três realizações, sendo todas foram encontradas em posição final de coda silábica. Quanto à geração, dois dos casos foram realizados pelos homens da geração de pós-contato e apenas um caso pela informante mulher da geração de pré-contato.

Desse modo, podemos ver que muitas condicionantes, principalmente os contextos fonológicos antecedentes e seguintes, mostraram semelhanças nos achados. As realizações com segmentos de traço coronal e traço labial, evidenciaram a inter-relação entre as variantes estudadas, em especial, as fricativas alveolares [s,z] e as fricativas palatais [ʃ, ʒ].

Além disso, a larga preponderância do apagamento do /S/, confirma a nossa hipótese inicial, respondendo afirmativamente à nossa pergunta de pesquisa, que buscava saber se a não existência da coda fricativa na língua indígena interferiria linguisticamente na realização do /S/ em coda no português de segunda língua.

Nesse sentido, a regularidade dos resultados, mesmo diante de um corpus restrito, nos possibilita a considerar que o presente estudo aponta para a existência da interferência linguística do Latundê no português indígena, assim como para a

necessidade de estudos futuros que abranjam uma quantidade maior de dados e explore mais profundamente essas e outras condicionantes presentes nas realizações.

Por fim, através desse trabalho, pretendemos também ressaltar a importância de se estudar variedades linguísticas indígenas, com foco no contato linguístico, como forma de contribuir não apenas para estudos teóricos na área, mas também para favorecer nossa compreensão sobre a realidade dessas minorias e promover um retorno social através da geração de dados relevantes para a educação escolar indígena.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Gustavo da Silveira. **Marcação no contato linguístico: o português falado pelos Latundê.** 2015. Tese (Doutorado). Recife. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

AULER, M. **A difusão lexical num fenômeno de aspiração do português.** Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 43-51, jul./dez.1992. http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.1.1.43-51.

BASSI, Alessandra. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolingüística.** 2011. Dissertação (Mestrado). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BLEVINS, Juliette. **The Syllable in Phonological Theory.** In: GLODSMITH, John, A. The Handbook of Phonological Theory. Blackweel Publishing, 1996.

BRAGA, Ana Gabriela Modesto. **Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua.** 2017. Tese (Doutorado). Recife/ Amsterdam. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam.

BRANDÃO, S. F. **Variação em coda silábica na fala popular fluminense.** Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/983. Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRESCANCINI, Claúdia Regina. **A aspiração da fricativa em osição de coda no dialeto florianopolitano – variação e teoria.** Organon, Porto Alegre, v. 18, n. 36,

2004. DOI: 10.22456/2238-8915.31157. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31157. Acesso em: 2 jan. 2023.

BRESCANCINI, Claúdia. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear.** 1996. Dissertação (Mestrado). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRESCANCINI, Claúdia. **A Representação lexical das fricativas palato-alveolares; uma proposta.** Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 299-310, 2003.

BRITO, E. P. de. **A sociolinguistic analysis of word-final /S/ aspiration in a Rio de Janeiro favela.** Journal of Portuguese Linguistics, Lisboa, v. 18, n. 6, p. 1-20, out. 2019. https://doi.org/10.5334/jpl.205.

BRITO, E. P. **O apagamento do /s/ pós-vocálico numa favela do Rio de Janeiro.** A Cor das Letras, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 155–171, 2020. DOI: 10.13102/cl. v21i1.4988. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4988>. Acessado em: 29 de novembro de 2022.

CAGLIARI, L.C, MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Quantidade e duraçãosilábicas em português.** D.E.L.TA Vol 14. 1998.

CAMARA JR, Mattoso Camara. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Editora Vozes. 1970.

COELHO, Lidiane Pereira. MESQUITA, Diana Pereira Coelho de**. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes.** ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

COLLISCHOON, Gisela. **A sílaba em português.** In: BISOL, Leda. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Transferência (interferência) Lingüística: um fenômeno ainda vigente? Polifonia. Cuiabá. n° 15. p. 67-85.

EBERHARD, David. 2009. **Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwára Language and its Cultural Context.** Tese (Doutorado em Linguística). Amsterdã: Vrije Universiteit, Amsterdam.

EBERHARD, David. **Em defesa das línguas minoritárias do Brasil.** Associação Internacional de Linguística - Sil, Anápolis - Goiás, 2013.

FERREIRA, Franchys Marizethe N. S.; SOUZA, Claudete Cameschi de. **A importância e desafios do ensino bilíngue na educação escolar indígena.** Mato Grosso do Sul, 2016. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss04_02.pdf.> Acesso no dia 21 de maio de 2021.

GOMES C. A.; MELO, M. A. S. L. **O papel do item lexical e da estrutura social na direcionalidade da mudança sonora.** Letrônica, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 210-224, jan./jun. 2017. http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.24971.

GOTTARDO, Alexandra. GRANT, Amy. **Defining bilingualism**. London, 2008. Encyclopedia of Language an Literacy Development. Canadian Language and Literacy Research Network. Disponível em: <http://www.literacyencyclopedia.ca/pdfs/topic.php?topId=236>. Acesso em: 14 de junho de 2022.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history.** 1981. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) - University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
Haupt, C., & Berri, A. (2009). O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado. Letrônica, 2(2),

02–21. Recuperado de https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5498.

HEINE, Bernd. KUTEVA, Tania. **Contact and Grammaticalization.** In: HICKEY, Raymond. The Handbook of Language Contact. West Sussex: Willey-blackwell. 2010.

HICKEY, Raymond. **The Handbook of Language Contact.** West Sussex: Willey-blackwell. 2010.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, Barbara. **Pidgin, língua franca, sabir – um estudo terminológico.** Romanica Olomucensia. 2016. n. 28. p. 35-41.

HOLM, John. **An introduction to pidgins and creoles.** Cambridge: University of Cambridge. 2004.

HORA, D., and PEDROSA, JLR. **Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica.** In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. Dos sons às palavras: nas trilas da Língua Portuguesa [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 112-128.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pessoas residentes em terras indígenas, por condição de indígena, segundo as Terras Indígenas.** Rondônia. 2010.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages.** Oxford: Blackwell, 1996.

LIPPO, Priscylla Cristina de Souza. **Língua Latundê (família Nambikwára): situação sociolinguística.** 2019. Dissertação (Mestrado). Recife. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LUCCHESI, D. **A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador.** In: RIBEIRO, S. S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (org.). Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 83-110.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do S em coda silábica no falar culto recifense.** 2004. Dissertação (Mestrado). Recife. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MAIA, Edson Galvão. **A realização fonética do /S/ pósvocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.** Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – UFMS.

MAIA, Edson Galvão. **Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas (Brasil).** Estudos de Linguística Galega, Santiago, v. especial 1, p. 219-236, fev. 2018. http://dx.doi.org/10.15304/elg.ve1.3593.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. - São Paulo: Atlas. 2003.

MARQUES, Luciana Ferreira. **Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica.** 2008. Dissertação (Mestrado). São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. v. 19. n. 37, 2015.

MATRAS, Yaron. Contact, Convergence, and Typology. In: HICKEY, Raymond. **The Handbook of Language Contact.** West Sussex: Willey-blackwell. 2010.

PELICIOLI, R. **A rênti tarra em carra mermo: a aspiração de fricativas na fala de Salvador.** 2008. 47 f. Monografia (Graduação) - Letras Vernáculas, Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2008. Disponível em: https://alib.ufba.br/monografiasdissertacoes-e-teses. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

PELICIOLI, R. **Como se aspira o /S/ por lá, Anarina?** 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Letras e Linguística, Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2011. Disponível em: https://alib.ufba.br/monografias-dissertacoes-e-teses. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

PEDROSA, Juliene Lopes R.; HORA, Demerval. **Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. v. 5. n. 1, 2007.

RIBEIRO, Silvia Renata; HORA, Dermeval da. **O apagamento da sibilante /S/ em posição de coda final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense.** GELNE, XX, 2004, João Pessoa – PB. Anais, João Pessoa, anais eletrônicos, 2004, p. 2383-2392. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Silvia%20Renata%20Ribeiro.pdf>. Acessado em: 29 de novembro de 2022.

ROMAINE, Suzanne. **El linguaje em la sociedad.** Barcelona: Ariel Lingüística. 1996.

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. **Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará.** Revista de Letras, [S.L.], v. 1, n. 33, p. 9-50, jan./jun. 2014. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1491. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

SANTOS, Gredson. **O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica.** 278 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense.** Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SCHERRE, M. M. P. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português.** Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SCHMIDT, Ulrike. **Language Loss and the Ethnic Identity of Minorities.** Flensburg: ECMI Issue Brief. 2008.

SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço. **A realização das fricativas alveolares nas capitais da região sudeste: um estudo a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil.** In: VIII SEPECH - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2010, Londrina. VIII SEPECH 2010. Londrina: EDUEL, 2010. p. 491-500.

SOUSA, J. G. D., OLIVEIRA, L. N. de, & BARROS, M. de F. dos S. (2022). **Apagamento e realização, em coda silábica final, do /R/ e do /S/ em músicas do cantor maranhense Manoel Gomes.** Concilium, 22(5), 468–481. https://doi.org/10.53660/CLM-463-554

TELLES, Stella Virgínia de Araújo Pereira Lima. **Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê.** Academish Proefschrift. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit Amsterdam, 2002.

THOMASON, Sarah. **Contact Explanations in Linguistics.** In: HICKEY, Raymond. The Handbook of Language Contact. West Sussex: Willey-blackwell. 2010.

WEINREICH, U. **Languages in contact.** La Haya: Mouton, 1953.

WINFORD. Donald. **Contact and Borrowing.** In: HICKEY, Raymond. The Handbook of Language Contact. West Sussex: Willey-blackwell. 2010.